



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO
CLA – CENTRO DE LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO DE ARTES CÊNICAS
MESTRADO PROFISSIONAL EM ENSINO DE ARTES CÊNICAS

DÉBORA CERQUEIRA SALEM

**PEGADAS NO CHÃO DA ESCOLA EM BUSCA DE UMA ANCESTRALIDADE
PEDAGÓGICA:**

**PERFORMANCE E ESTÉTICA DO OPRIMIDO EM UMA ESCOLA PÚBLICA NO
RIO DE JANEIRO**

Rio de Janeiro

2022



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO
CLA – CENTRO DE LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO DE ARTES CÊNICAS
MESTRADO PROFISSIONAL EM ENSINO DE ARTES CÊNICAS

**PEGADAS NO CHÃO DA ESCOLA EM BUSCA DE UMA ANCESTRALIDADE
PEDAGÓGICA:**

PERFORMANCE E ESTÉTICA DO OPRIMIDO EM UMA ESCOLA PÚBLICA NO
RIO DE JANEIRO

DÉBORA CERQUEIRA SALEM

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao
Programa de Pós-Graduação em Ensino de Artes
Cênicas, como pré-requisito para a obtenção do
título de mestre.

LINHA DE PESQUISA E ATUAÇÃO: Processos
Cênicos em Educação

Orientador: Prof. Dr. Paulo Ricardo Merisio

Rio de Janeiro

2022

AGRADECIMENTOS

Ao Universo, às deusas e aos deuses que me protegem e se movimentam dando-me proteção e sanidade aos pensamentos. Ao mar, por me curar todos os dias, me trazendo sal, água e ondas para minha alma. Ao sol, por aquecer meu corpo e acolher minhas criações.

Ao meu pai, Alberto Salem, mesmo que não esteja no mesmo espaço-tempo que eu, pela proteção e referência de amor pela vida e prazer em vivê-la.

À minha mãe, Claudette Maria Cerqueira Salem, por ser minha fonte inspiradora. Por sua luta diária de presença e cuidado. Pela sua potência feminina, pela resistência como mulher. Pela ancestralidade pedagógica. Por ter aceitado as diferenças e acolhido minhas ideias com escuta, abraço e amor. Por ser meu ouvido desde os primeiros rabiscos. Por estar sempre na primeira fileira me aplaudindo de pé. Pela sua amizade, pelo ventre, pela vida.

À minha irmã Flávia Salem, por ter segurado minha mão quando estava com medo da noite na cama debaixo. Por me incentivar a ser sempre melhor. Por ter deixado as portas abertas para que eu pudesse entrar com mais facilidade onde eu quisesse. Pelas discordâncias e pela família. Aos meus sobrinhos, Lelê e Dudu, por mostrarem a beleza das descobertas e a leveza da infância.

Ao meu companheiro Tatá Oliveira, por não permitir que a tecnologia me engula. Por ser suporte técnico, afetivo e psicológico nos momentos em que os hormônios pareceram dar looping. Por dividir os momentos de tristeza, incertezas e alegrias. Por ficar com as crianças para que eu pudesse me dedicar à escrita. Pela vida dividida e compartilhada, caminhando comigo sempre de braços dados para que eu nunca me perca. Por ser a paz em meio ao caos.

Aos meus filhos Inácio e Raul, por me darem um amor que me acolhe a todo o momento. Por me mostrarem a pureza do olhar aprendiz, a curiosidade do novo e a ingenuidade brincante que transbordam em mim quando estamos juntos. Por serem a casa. Por serem minha morada. Aos abraços amassados quando eu estava exausta. Às palavras de apoio quando eu caía. Às mãozinhas pequenas sempre dadas, entrelaçadas. Ao me chamarem atenção que o simples é o que constrói a memória. Por serem a paz em tempos de guerra.

À Inácio Salem de Oliveira por ser minha vista para o mar e meu sol.

À Raul Salem de Oliveira por ser o maestro das marés e meu luar sempre iluminado.

Ao meu amigo Gera (Geraldo Pereira) que me tirou da zona de conforto. Por ter acreditado em mim, quando eu jamais soube que eu poderia. Por ter sido meu ouvido atento, minha plateia vibrante a cada história contada. Por ser inspiração de leveza, carinho, simplicidade e imensa sabedoria.

Às minhas amigas queridas, por jamais largarem as minhas mãos. Por ouvirem meus gritos. Por terem me ajudado a gritar, quando duvidei que não tinha mais voz. Por serem coro, despreocupado em afinação. Por serem essa rede de apoio feminina potente. Por serem trampolim para outras mulheres criarem suas asas. Pelas palavras, conselhos, lágrimas e abraços. Em especial à Maria Augusta Ornellas de Souza, por me acompanhar no chão escolar desde as primeiras advertências juntas. Por ser minha fiel escudeira em todas as bagunças. Por ser minha irmã de sangue de luta e de loucuras. Por se permitir enlouquecer em companhia. Por me apoiar nos momentos em que tropecei. Por ser inspiração diária de mulher, profissional e mãe. Por ter estudado comigo, mesmo quando eu não queria. Por ter me ensinado o verdadeiro significado da palavra amizade.

Ao meu afilhado Mateus Ornelas, por ter despertado em mim um amor novo, um coração fora do peito. E por me mostrar que ser criança é para sempre.

À Dadae Companhia de teatro, pela amizade sincera. Pelas trocas diárias em todos os momentos da vida. Em especial, à Carmen Frenzel e ao Marcos Ácher, por terem me mostrado o caminho do Teatro como algo divertido, prazeroso e único. Por terem me guiado ao palco com tanto cuidado e carinho.

Aos meus compadres Carolina Torres e Fabio Muller pelo amor de irmãos. Pelas mãos sempre estendidas prontas para me puxar nas possíveis quedas. Por serem meus olhos quando não conseguia ver.

À escola MCM (movimento Cultural), por ter me mostrado que a escola pode ser divertida e entusiasmada. Por ter sido o portal da felicidade durante toda minha caminhada escolar. Por ter sido a lembrança boa e gostosa da palavra escola. Por toda memória feliz que tive lá. Por ter me dado os melhores amigos pra sempre.

Aos meus professores de toda uma vida. Que entenderam que a escola não é um depósito de pessoas. Que souberam diferenciar meus saberes e valorizar minhas habilidades. Que tornaram a sala de aula um lugar entusiasmado, divertido e de emancipação dos saberes. Em especial o professor Mário Sá, que me apresentou a paixão pela história do nosso povo e me encaminhou para uma longa jornada em busca da crítica social. Por ter me feito experienciar o teatro pela primeira vez, por ter me mostrado o universo mágico da Estética do Oprimido.

Ao meu Orientador, Prof. Dr. Paulo Merisio que por muitas vezes apostou em mim mais do que eu mesma. Por nunca deixar de acreditar que daria certo. Pelas saídas sempre tão certeiras. Pela paz e tranquilidade de poder criar. Pela parceria e cuidado. Pela generosidade no orientar.

À Escola Municipal José de Alencar por ter me acolhido e todas as minhas ideias mirabolantes. Por se divertir com a criatividade. Por criar em comunhão. Pelo chão que eu piso e salto todos os dias de felicidade.

Aos meus colegas de profissão, dentro do chão escolar público, por não desistirem de serem sempre melhores. Por terem o olhar atento a cada situação. Por serem sensíveis às necessidades dos estudantes. Pela crítica, pela luta e pela capacidade de transformar desesperança em potencialidades.

À Márcia Sangiacomo, diretora adjunta da Escola Municipal José de Alencar, por sua doçura na escuta. Pela revisão da presente pesquisa. Por estar sempre atenta às necessidades dos estudantes. Pela inspiração diária e aprendizado em estar ao seu lado. Por ter voado junto comigo, quando todos achavam que não havia condição para o voo. Pela sabedoria compartilhada e por ser exemplo de educadora emancipadora e mulher potente.

À Ana Paula Carvalho, diretora geral da Escola Municipal José de Alencar, por sua dedicação à escola pública. Por ter aberto as portas para uma nova versão de mim mesma. Por ter assinado embaixo para eu poder sonhar, por sonhar comigo. Pela paciência nas situações adversas. Pela palavra que conforta nos momentos de caos. Por suas ideias compartilhadas, pelo amor à Educação Pública.

E por fim, os mais importantes, a todas e a todos estudantes que já passaram por mim ao longo desses anos como professora. Sem vocês nenhuma dessas palavras seria escrita. Vocês são a fonte de todos os saberes. Pela troca diária. Por me permitirem viver o novo. Por serem minha equipe, meu time, minha comunidade. Por me mostrarem outros mundos, outras realidades e me fazerem com tanto carinho fazer parte dela. Pelo amor diário compartilhado. Por me fazerem ver que Educação vai muito além da sala de aula. Por me deixarem ser mãe, irmã, amiga, conselheira, palestrante, youtuber, palhaça e qualquer personagem junto de vocês. Obrigada por serem fortes, potentes e tão especiais!

RESUMO

A presente pesquisa versa sobre a trajetória de uma professora de teatro/ performer em uma escola pública do Rio de Janeiro e suas práticas pedagógicas ao longo de três anos, tendo uma Pandemia global no meio do caminho. Tendo como base a performance e a Estética do Oprimido em transversalidade a uma educação antirracista, antissexista, antimachista e “anti” todas as formas de Opressão.

Palavras-chave:

Estética do Oprimido; Performance; Escola Pública; Pandemia Mundial; Opressão

ABSTRACT

The present research deals with the trajectory of a theater teacher / performer in a public school in Rio de Janeiro and her pedagogical practices over three years, having a global pandemic in the middle of the way. Based on the performance and Aesthetics of the Oppressed in transversality to an anti-racist, anti-sexist, anti-sexist and anti-all forms of Oppression education.

Key words:

Aesthetics of the Oppressed; actuation; Public school; World Pandemic; Oppression

SUMÁRIO

I. Introdução – p. 10

II. Atravessamentos: os encontros no PPGEAC e as memórias estelares – p. 18

II.1 O dia que encontrei eu menina e caminhamos juntas em busca de minha ancestralidade pedagógica – p.18

II.2. Pedagogia das artes cênicas no ambiente das democracias zumbis – p. 26

II.2.1. Princípio ancestral – p. 26

II.2.2. Inácio – o início – p. 30

II.2.3. Raul – a mudança – p. 36

II.2.4. Uma pandemia atravessou o chão da escola e o meu – p. 39

III. Ensinar performando ou performar ensinando – p. 44

III.1. Ensinar: um ato teatral – p. 47

III.2. A alegria de ensinar – p. 52

IV. Uma metodologia para a performance na escola: TO – p. 58

IV.1 Grupo Performático TO – p.61

IV.2. NOSSO QUILOMBO – uma experiência mais recente no Carioca 1 – p.69

IV.3. Re-performando: o processo – p. 93

V. Conclusões – p. 101

Referências bibliográficas – p. 104

Tempo de nos Aquilombar
(Conceição Evaristo)

É tempo de caminhar em fingido silêncio,
e buscar o momento certo do grito,
aparentar fechar um olho evitando o cisco
e abrir escancaradamente o outro.

É tempo de fazer os ouvidos moucos
para os vazios lero-leros,
e cuidar dos passos assuntando as vias
ir se vigiando atento, que o buraco é fundo.

É tempo de ninguém se soltar de ninguém,
mas olhar fundo na palma aberta
a alma de quem lhe oferece o gesto.
O laçar de mãos não pode ser algema
e sim acertada tática, necessário esquema.

É tempo de formar novos quilombos,
em qualquer lugar que estejamos,
e que venham os dias futuros, salve 2021,
a mística quilombola persiste afirmando:
“a liberdade é uma luta constante”.

INTRODUÇÃO

Prólogo ancestral

“Eu, Claudete Maria Cerqueira Salem, professora do Ensino Fundamental 2, de Educação musical, sempre amei a minha profissão. Lecionei em várias escolas da periferia e sempre me dei muito bem com os estudantes, apesar da minha matéria não ser muito valorizada pela educação na época. Porém, conseguia fazer um escambo com os estudantes, colaborando com a nota deles nas outras disciplinas, como por exemplo, matemática e português. Dessa maneira, trouxe muita gente para conhecer a música, que jamais se interessaria.

Eles, alunos e alunas, cantavam os hinos cívicos, nas respectivas datas, até mesmo o hino do fogo simbólico, que quase ninguém sabe. Também criei corais, ensinava flauta doce, conseguia flauta para todos e todas e ensinava as músicas e danças folclóricas, até mesmo músicas religiosas. Isso porque a minha escola, E.M. Orsina da Fonseca, todo ano fazia uma missa em homenagem ao aniversário da escola e a Direção me pedia para ensaiar os alunos.

Sempre fui empolgada com meu trabalho, que era bem exaustivo. Eu tinha duas matrículas e ainda uma família, com marido, duas filhas, uma adolescente e outra pequena, além de todo o trabalho doméstico, que na minha época, não era dividido com ninguém. Sobrava para mulher, mesmo cansada do trabalho, realizar.

Quando a mais nova, a Débora, não tinha aula, eu a levava para as minhas escolas e ela adorava participar das aulas, das músicas, onde ela amava cantar os hinos patrióticos, além de saber todos os hinos das escolas, até hoje. Ela ainda ficava regendo no ar os corais e se entregava por inteiro nas aulas de folclore. Sempre que podia, estava com uma flauta doce nas mãos junto com os estudantes, aprendendo e fingindo que era professora.

Confesso que sempre desconfiei que ela seguiria esse caminho, porém nunca fui de forçar nada do que minhas filhas gostariam de ser quando crescessem. A minha pergunta a elas não era: *O que você gostaria de ser quando crescer?* Ao invés disso eu perguntava: *O que você gostaria de fazer todos os dias para ser feliz?*

Para Débora não era nenhum sacrifício ir comigo as escolas, pelo contrário, era um prazer. Gostava de corrigir provas, escrever no quadro e até tomar conta da turma quando eu precisava sair de sala. Ela adorava deixar os estudantes “colarem”. Lembro até hoje dela na porta, avisando aos estudantes: *Minha mãe chegou!* Então, é claro que eles também adoravam quando a mascotinha ia. Ela sempre cantava e participava de tudo.

Quando ela fez faculdade de fisioterapia, depois pós-graduação em osteopatia, e depois faculdade de teatro, eu sempre arrumava uma maneira de falar para ela: por que você não faz uma pós-graduação em Educação? Acho que você tem todo perfil de educadora.

Depois que ela engravidou do Inácio, as cobranças financeiras se intensificaram. Eu e o pai dela ficávamos muito preocupados com o futuro. Sei bem o que ela deveria sentir, porque sempre fui pianista, artista e jamais me imaginei dando aulas de Educação Musical. Inclusive esse foi um motivo de uma briga séria que tivemos, onde a Débora defendia o direito de ser artista. Porém vivemos em um país que não permite que sejamos apenas artistas. Artista a Débora sempre vai ser. Conversei com ela sobre a importância dela, enquanto artista, principalmente na Educação Pública. Ela fez a prova com muito pesar, porém passou em um dos primeiros lugares. Ela não imaginava que ia passar.

No primeiro dia, eu fui com ela em Santa Cruz para ela conhecer a escola. Foram muitas escolas que não se adaptaram ao jeito apaixonado e artístico que a Débora sempre teve. Muitas pessoas não estão preparadas para o novo. Ela sofria muito com isso, porém se

animava ao ter a certeza de que os estudantes adoravam suas aulas. Ela sabia que estava fazendo a diferença e por isso nunca desistiu.

Hoje em dia a Débora se encontrou na escola que está e eu consigo ver nos olhos da Débora Mulher, a menina que passeava comigo pelas minhas escolas regendo o hino e escrevendo no quadro. Muitas vezes conversamos sobre Educação, assunto que adoramos ter, quando ela me relata certas passagens com os estudantes. Fico emocionada em ver a dedicação, empenho e entusiasmo que ela tem com seu trabalho.

O que mais me deixa feliz é ver que ela está completa e feliz como uma professora de escola pública. Tem coisa melhor, acordar sorrindo pra ir trabalhar todos os dias? Qual mãe não quer isso pra filha? (CLAUDETTE MARIA CERQUEIRA SALEM, minha mãe)

A presente pesquisa não poderia ser diferente do que sempre foi a minha vida. Uma enxurrada de ideias que permeiam todos os poros criativos que fazem parte do meu corpo. Como um mar revolto, de ressaca. Um tsunami de informações que vão e voltam como ondas, nunca cessando os movimentos. E então... no meio do caminho havia uma pandemia, havia uma pandemia no meio do caminho. O sonho de passear por entre os jardins da UNIRIO, famosos por suas criações, performances e gentes criativas, ficou registrado na memória apenas por um dia de aula, o primeiro e último dia de aula presencial que tivemos antes da pandemia. Depois disso, muitas angústias, medos, dúvidas, misturavam-se com entusiasmo com o novo, novas bibliografias, criações e mãos dadas com a primeira turma pandêmica do PPGEAC.

Essa pesquisa inicia antes mesmo de ela existir de forma concreta, com as práticas pedagógicas que foram criadas em comunhão com os estudantes que passaram ao longo da minha vida como professora. Lecionar sempre foi algo visceral, vivo e que acontecia de forma latente, potente e viva no AGORA. Nunca senti a necessidade de sistematizar minha performance em lecionar. Porém, diversos amigos e colegas de trabalho me alertavam da necessidade da escrita dessas práticas. Essas pessoas me levaram a questionar a necessidade dessa escrita e foram a mola propulsora que acionaram o desejo de iniciar o processo seletivo para o mestrado.

Em 2019 o impulso para a escrita do pré-projeto foi o de escrever e relatar as práticas pedagógicas, concomitante em que praticava em sala de aula. Em 2020 tivemos a pandemia onde não foi possível tal desejo ser realizado. Já dentro do mestrado, acompanhando as matérias, percebi que o material que tinha poderia servir como

memorial, dialogando com as bibliografias que iluminavam os caminhos e davam sentido aquilo que surgiu de maneira espontânea.

O ano de 2020, apesar de caótico - pelo medo da morte, pelo excesso de trabalho tecnológico jogado no colo de tantos professores e professoras que nunca antes tinham tido contato com tamanha quantidade de telas. Somado ainda a presença diária e ininterrupta dos meus filhos, nessa época com 3 e 9 anos, além de toda a carga psicológica de um vírus que impede o mundo de se relacionar fisicamente - mesmo assim, essa equação teve um resultado, no ano de 2020: muita escrita, produção e entusiasmo com a pesquisa.

Entendo que as disciplinas eram o combustível para essa euforia criativa, a cada aula, as ideais permeavam o ambiente e todo o meu corpo, em uma espécie de “estado de pesquisa”, como se tudo que acontecesse fosse estímulo para a criação.

Em 2021, ainda continuamos as disciplinas do PPGEAC, além de todo mês haver a necessidade de escrever o relatório para Escola de Formação Paulo Freire. Já o ano de 2022, descola-se totalmente do que foi dito anteriormente. A chegada da vacina contra a COVID 19 permitiu enfim que a população saísse de suas casas, numa espécie de euforia coletiva, onde tudo e todos pareciam querer celebrar a vida, mesmo com o cenário político crítico atual.

As escolas abrem suas portas e os estudantes enraízam suas vidas no chão escolar, como se ali fosse o único porto seguro e de esperança para as suas vidas. Assim como eles, professores e professoras iniciam uma luta para decifrar as interrogações criadas nas mentes desses jovens que ficaram afastados da instituição escola por tanto tempo. Depressão, automutilação, agressões, falta de pertencimento ao espaço público, falta de esperança, redução significativa do entusiasmo de estar em estado de aprendizado, apatia e agitação, são alguns dos inúmeros desafios que surgiram na Educação no ano de 2022.

Boaventura de Souza Santos (2020), analisa o impacto da pandemia não apenas na sociedade em que a mídia se propõe a falar, mas para grupos que ele chama de “Sul da quarentena”, e entendo que os estudantes de escola pública na sua maioria, também

pertencem a esses grupos sociais. Boaventura nos convida a refletir que qualquer quarentena é discriminatória, porém alguns grupos padecem de maior vulnerabilidade social, agravando assim os impactos sofridos por ela: “É a metáfora do sofrimento humano injusto causado pela exploração capitalista, pela discriminação racial e pela discriminação sexual.” (SANTOS, 2020, p. 12)

Dessa forma, no contexto pós-pandêmico, ao longo de 2022, a prática da pesquisa foi se tornando cada dia mais penosa e exaustiva, pois o mundo a minha volta estava a pleno vapor, e o que eu havia escrito parecia pertencer a um passado longínquo. Outras milhões de situações aconteciam em sala de aula, mas não dialogariam com essa pesquisa. Li e reli o que escrevi e, às vezes, até pensava que fora em outra vida. Registro assim, nesta parte introdutória, que esse texto está permeado de muitas camadas que foram se reorganizando ao longo desses anos no PPPGEAC.

Por esse motivo, a presente pesquisa sofreu diversas mudanças. Desde o de abandonar a ideia de uma escrita a partir da prática, até a decisão de um memorial, através de um encontro mágico com minha memória e a beleza, de ver em palavras tudo aquilo que eu vivi na prática.

Por isso é que, na formação permanente dos professores, o momento fundamental é da reflexão crítica sobre a prática. É pensando criticamente a prática de hoje ou de ontem que se pode melhorar a própria prática. (FREIRE, 2011, p. 40)

Paulo Freire afirma que o próprio discurso teórico, necessário a reflexão crítica, tem que ser preenchido pela prática, para que prática e teoria estejam tão misturadas até que se confundam entre elas.

A possibilidade de fazer parte do Programa de Bolsas de estudo para mestrandos(as) e doutorandos(as) da Escola de Formação Paulo Freire¹ também possibilitou estar em contato com minha pesquisa sem abandoná-la - mensalmente precisei enviar relatórios sobre minha prática de pesquisa.

¹ Fui admitida como bolsista na Escola de Formação Paulo Freire no ano de 2019 até o ano de 2021. A Escola de Formação Paulo Freire, tem o objetivo de valorizar e formar professores e equipes gestoras, oferecendo formação continuada nas diversas áreas do conhecimento, viabilizando assim, a participação destes no espaço público da educação.

A necessidade de escrever de forma periódica trouxe à tona algo que eu acreditava existir apenas com a escrita livre e poética, que me acompanhou desde a alfabetização, o prazer em escrever – a paixão por olhar através do som dos dedos batendo nas teclas e perceber música nisso. A sensação de comunhão entre mente, corpo e coração. Uma engrenagem perfeita, que faz desaguar uma cachoeira de palavras, que vão se encontrando uma a uma, até que tudo comece a fazer sentido. Até que memória, ideias, poesia e palavras ilustrem como num raio x a emoção que foi o momento vivido.

No capítulo II – Atravessamentos, a pesquisa se propõe a ser costurada por histórias com pessoas que foram indispensáveis para a minha ancestralidade pedagógica. Minha mãe, que me permitiu viver o chão escolar, desde quando estava dentro de seu ventre. Meu professor de História Mario Sá, principal referência pedagógica e quem me apresentou o Teatro do Oprimido, meus amigos e amigas da escola MCM (movimento Cultural), que são hoje minha família, com os quais compartilho diariamente a paixão pela nossa ancestralidade pedagógica e a reverberação da potência do afeto escolar. Meus filhos, que me permitem olhar a Educação pelos olhos maternos, cheios de imparcialidades. Meus alunos e alunas, que sempre me deram as mãos para caminharmos juntos e juntas pelo chão escolar. E, por fim e não menos importantes, duas potentes forças femininas, as diretoras da Escola Municipal José de Alencar, que me acolheram e permitiram que minhas asas pudessem bater e reverberar em nossa comunidade escolar.

O capítulo III – fala a respeito do entusiasmo de estar em sala de aula. Uma transversalidade do ensinar e performar, um cruzamento do prazer de estar lecionando. Esse capítulo tem como objetivo descrever e analisar processos de produção artística de um grupo de estudantes que se configurou em uma escola pública municipal na qual estava Coordenadora Pedagógica, e como qual propus algumas outras experiências². Trata-se de uma pesquisa teórico-prática fundamentada nos processos da performance como resultado, mas principalmente, pautado a partir da estética do Oprimido, campos de estudos que me interessam desde a minha graduação em teatro. Assim, este trabalho, metodologicamente organizado como um memorial analítico, está atravessado pelo meu

² Escola Municipal José de Alencar.

olhar como professora, artista, mãe, filha, Coordenadora Pedagógica e como pesquisadora.

O meu interesse pela *performance* e por *processos performativos* inicia-se durante a minha formação em teatro, na Universidade (Faculdade da Cidade) e é definitivamente dilatado a partir da experiência que obtive como aluna ouvinte na disciplina de performance, do curso de mestrado da UNIRIO, ministrada pela professora Tania Alice³, que teve como tema “a potencialização dos afetos”.

Naquele momento pude me reconectar ao fazer teatral. Ao perceber a performance como algo presente e potente, notei que finalmente, após todos esses anos sendo atriz, eu poderia ser eu mesma. O poder da performance está na possibilidade de qualquer pessoa poder fazer arte, estar em estado artístico. Essa talvez seja a maior interseção entre a performance e o Teatro do Oprimido: a possibilidade de trabalharmos a partir de nossos corpos a nossa realidade.

Em 2018, fui convidada pela diretora de uma escola municipal na Zona Sul para compor a Gestão Escolar como Coordenadora Pedagógica. Aceitei, encarando a oportunidade como um desafio *performático-pedagógico*; acreditando que certo olhar (artístico) da Coordenação seria fundamental para que alunos e alunas vivessem o exercício da *experiência*, tal como formulado por Jorge Larrosa. O cargo me afastou da sala de aula, gerando, inicialmente, uma imensa angústia. Por outro lado, foi justamente esse afastamento que desencadeou a possibilidade de uma atuação, não somente como Coordenadora Pedagógica, mas também como facilitadora artística e professora de teatro, funções que eu acumulei com muito prazer.

Como Coordenadora Pedagógica, dialogo com profissionais de várias áreas, propondo e convidando-os para parcerias, desenvolvendo oficinas variadas na Unidade Escolar. Meu desejo pela oficina de teatro se tornava cada vez mais emergencial por saber da possibilidade daqueles estudantes assumirem seus “lugares de fala” a partir de uma experiência teatral. Assim, naquele mesmo ano, iniciamos o grupo de teatro na escola. Vivemos experiências artísticas extraordinárias, que resultaram em

³ Relato analítico da disciplina Potencialização dos Afetos, ministrada pela prof.a Tânia Alice no Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas na Unirio no ano de 2013.

performances, na apresentação de um *happening* inspirado no texto de Victória Santa Cruz e Andrea Moraes (“Gritaram-me negra” e “Meu território”). Essa experiência nos levou a perceber que os alunos e as alunas integrantes do grupo de teatro modificaram seus comportamentos, até mesmo em sala de aula, melhorando assim o desempenho escolar.

Nessa trajetória, enfrentamos várias dificuldades como, por exemplo, a minha ausência no grupo em diversos momentos, por demandas das atribuições que tinha como Coordenadora Pedagógica. Foi então que percebemos que os alunos desempenharam uma espécie de “autonomia artística”, fato que nos permitiu avançar com o trabalho até o fim do ano letivo. Esse processo, foi de grande aprendizado para nos fazer perceber que o estudante não necessita de alguém do lado dele o tempo todo e que é importante a possibilidade do contato consigo próprio e com seus companheiros de grupo para alçar novos voos, outros conhecimentos e criações. O teatro foi fundamental para a vivência desse processo pela escola.

O capítulo IV tem o objetivo de mostrar o reencontro de uma professora com seus estudantes após uma pandemia. Nesse momento, encontro-me professora do Carioca 1, projeto de aceleração de fluxo, com foco em estudantes em situação de evasão escolar e leciono aulas de todas as disciplinas.

Tomei essa decisão primeiro por uma necessidade financeira e porque percebi que sempre sonhei em ter uma turma só para mim. É como naqueles filmes americanos de sessão da tarde, em que a turma é a pior de toda a escola, desacreditada pela comunidade escolar. Com a entrada de uma professora tida com “louca”, “excêntrica”, a turma recebe uma injeção de entusiasmo e, juntos e juntas conseguem transformar a vida daqueles estudantes. Como se uma vacina fosse criada por essa união e os olhos para a potência de cada uma e cada um se abrissem e o futuro daqueles estudantes tomasse outro rumo.

Por esse motivo, relato ainda algumas experiências vividas com esses estudantes, criando uma reflexão transversal da estética do Oprimido, da performance e dos conteúdos abordados no currículo escolar na turma de Carioca 1 da Prefeitura do

Rio de Janeiro, tendo como alicerce uma Educação antirracista, antissexista e “anti” tudo que oprima.

Não haveria criatividade sem a curiosidade que nos move e que nos põe pacientemente impacientes diante do mundo que não fizemos, acrescentando a ele algo que fazemos. (FREIRE, 2011, p. 33)

II. Atravessamentos: os encontros no PPGEAC e as memórias estelares

Esse capítulo estabelece pontes entre os encontros realizados nos cursos do PPGEAC, com memórias da minha formação discente, da minha experiência como docente e da minha atuação como Coordenadora Pedagógica – que integram a minha constituição como artista-docente-pesquisadora-coordenadora pedagógica-mãe-mulher.

II.1 O dia que encontrei eu menina e caminhamos juntas em busca de minha ancestralidade pedagógica⁴

*Quem disse que metodologia é chata?
Quem falou que afeto só se dá de forma presencial?*

Foi assim que iniciaram as aulas de MEP, carinhosamente chamada pela “*turma da balbúrdia*” de “*Terapia de quarta*”. Não pude fugir do desejo de iniciar fazendo um breve relato sobre essa turma/grupo de WhatsApp que preencheu de afeto os dias da quarentena. Encontramo-nos apenas uma vez de forma presencial, além dos dias de provas, que apenas nos esbarramos pelos corredores da UNIRIO. Acho que a carência da aula presencial e os medos que comungávamos, nos uniram tornando esse grupo um potente alimento, estimulante para manter de pé toda gana de uma iniciante na arte acadêmica. O grupo se manteve forte e unido, modificando o significado da palavra presença e potencializando os afetos em tempos remotos.

Completamente atravessada pela pandemia, senti-me imobilizada no meu fazer artístico educacional, incapaz de lecionar através de uma tela de computador. Primeiro, por uma aversão tecnológica que me assola e muitas vezes me paralisa, diante até mesmo de um controle remoto. Depois, pela impossibilidade prática, visto que os estudantes da Rede Municipal de Educação (SME) não possuem interfaces que possibilitem o acesso às aulas, tornando a Educação cada vez menos democrática e escancarando o abismo social em que vivemos na atualidade.

⁴ Relato analítico da disciplina Metodologia da Pesquisa, ministrada pelas professoras Angela Reis e Carmela Soares em 2020.1, de forma remota, incorporando memórias de minha experiência como discente.

Foram muitas as tentativas da Unidade Escolar, da qual eu fazia parte da Gestão como Coordenadora Pedagógica, em tentar acessar o estudante e acolhê-lo nesses tempos sombrios. Como tínhamos um perfil do Facebook, que já era acessado por muitos deles, resolvemos seguir nesse contexto pedagógico desde o dia em que ficamos sabendo que as escolas fechariam. O Facebook era alimentado semanalmente. Subdividimos as turmas em dois grandes grupos: Grupo 1 – turmas do Projeto Carioca 1, do sexto e do sétimo anos e, Grupo 2 – turmas do Projeto Carioca 2, do oitavo e do nono anos. A partir de uma reunião pedagógica com os professores, decidimos trabalhar de forma transdisciplinar e cooperativa, como sempre foi a tentativa de criação pedagógica da Unidade Escolar. Utilizo a palavra “tentativa” nesse contexto, pois nem todos os docentes concordam em trabalhar de maneira que seu conteúdo transborde a sua disciplina e mais ainda, que outra disciplina acesse o planejamento de seu currículo, tirando-os dos trilhos seguros e encaminhando esses professores a um processo transdisciplinar de criação pedagógica.

Às terças feiras, as reuniões pelo WhatsApp nos davam o tema que seria trabalhado durante a semana. Nas quintas feiras, os professores colocavam as atividades sugeridas no WhatsApp do seu grupo, que poderiam ser vídeo aulas, músicas, textos, poesias, ou seja, um conteúdo que dialogasse com a atualidade e criasse pontes aos interesses contemporâneos dos estudantes, cruzando com os currículos de cada segmento. Nas sextas feiras fazíamos a análise final, onde organizávamos a maneira que isso seria postado. Nos outros dias da semana, nos dedicávamos às atividades artísticas, que estimulavam criatividade e interação familiar. As atividades de Educação física finalizavam a semana, trabalhando o cognitivo e emocional, através do corpo.

Porém, todas essas atividades eram extremamente extenuantes. Sentia-me esgotada e infeliz com esse trabalho burocrático, acrescido de cascatas de *webinários*, formulários e *links* que abarrotavam meu e-mail institucional, pela responsabilidade pedagógica de toda uma Unidade Escolar que caía inevitavelmente sobre o “colo” da Coordenação Pedagógica, pela quantidade de afazeres domésticos que se multiplicavam o tempo todo, pela intensa convivência com meu companheiro e meus dois filhos dentro de casa, que tentavam entender o que estava acontecendo e por que estavam sendo privados de suas liberdades infantis. Ou seja, meu foco e criatividade estavam soterrados pela incerteza, cansaço, medo, inadequação e falta de perspectiva no futuro.

A prática diária de ser a interseção entre Direção e professores, além de ficar responsável por gerenciar as atividades feitas por eles, fazer reuniões virtuais, postar no Facebook, comprovar para a SME (Secretaria Municipal de Educação) que havíamos produzido “material pedagógico” em tempos de pandemia, me angustiava, me mecanizava e principalmente me deixava muito infeliz no meu fazer teatral/perfomático/pedagógico. Além de não se parecer em nada com o que eu sempre acreditei em relação a uma Educação emancipadora.

RESTUM (2019), ao debruçar-se sobre o texto de LARROSA (2002), dialoga com o autor ao elucidar que o saber da experiência se dá entre o conhecimento e a vida humana, a partir do momento que nos esvaziamos, nos mantemos receptivos a experienciar e nos permitimos ser afetados pelos acasos. A autora ainda se indaga de que maneira conseguimos achar rupturas nas paredes das instituições educativas que são erguidas sob o signo do conhecimento, da corrida contra o tempo e do trabalho massivo mecanicista. Como realmente conseguiremos driblar a educação bancária de uma vez e assim permitirmos que algo realmente aconteça com os estudantes, para enfim proporcionar-lhes uma experiência genuína?

Muitas foram as tentativas de subverter a realidade e driblar os sentimentos derrotistas a fim de me reconectar com meus principais anseios e ideais. Tudo estava nebuloso e sem forma, mas a partir do momento em que iniciamos nossas aulas do PPGEAC, uma faísca bem escondida começou a iluminar o caminho. Foram muitos os estímulos fornecidos pela aula de metodologia, ministrada pelas incríveis guerreiras, incansáveis professoras que venceram a árdua luta de posicionar corretamente a câmera, notar se algum estudante havia perdido a conexão, perceber através da tela se estávamos bem, vencer a desgastante tarefa de compartilhar a tela, dentre outras tantas ações desafiadoras e novas, tanto para discentes quanto para docentes. A dinâmica da aula, trouxe aproximação e a possibilidade da percepção que a escrita acadêmica pode ser leve, divertida e deve partir de algo que nos atravessa. Mais uma vez, Larrosa: “A experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que passa, o que acontece, o que toca. A cada dia passam-se muitas coisas, porém, ao mesmo tempo, quase nada nos acontece”. (LARROSA, 2012, p.21).

Essa percepção de que nossas práticas pedagógicas são na realidade o chão da escola, nos trouxe liberdade para a criação de textos e a confiança para revisitarmos experiências, que não haviam sido registradas, mas que a partir do momento em que falamos delas, nos reconectamos com o que está *entre* professora e estudante. Cada convidada trouxe uma visão de como conduziu a sua pesquisa. À medida que elas iam nos passando suas vivências, a memória revisitava as práticas vividas dentro do ambiente escolar, permitindo que nossos corpos fossem novamente afetados por experiências que estavam guardadas na lembrança.

Embora a empolgação de ver surgir à tona, através da memória, tantas experiências importantes, a preocupação caminhava junto e se tornava constante, pois minha pesquisa se tratava da criação de um grupo de performance na escola na qual estava como Coordenadora Pedagógica. Milhares de interrogações insistiam em se fazer presentes, mas o principal questionamento era: como fazer performance no meio de uma pandemia?

A solução se fazia cada vez mais evidente, em mergulhar em minhas memórias e redescobrir práticas que me atravessaram ao longo da minha trajetória como professora de artes cênicas. O exercício de “rebobinar” a fita, caminhar por entre nossa ancestralidade, faz com que revisitemos lugares que muitas vezes não havíamos explorado por completo.

Nesse exercício de olhar para trás, de mãos dadas com o que estava aprendendo no presente, me permitiu ser impulsionada a voltar no tempo mais do que esperava. Mergulhada na JITOU (Jornada Internacional de Teatro do Oprimido), magnetizada pelos livros e práticas de Augusto Boal e o Teatro do Oprimido e ainda estimulada pelo encontro frutífero com Helen Sarapeck⁵ e sua *Árvore do Oprimido*, iniciei uma retrospectiva ancestral do meu primeiro contato com Teatro do Oprimido: “Quando você está perdido, volte ao seu lugar de origem”⁶. (Juliana Manhães)⁷

⁵ Helen Sarapeck é doutoranda em Artes Cênicas pela UNIRIO e mestra no Ensino das Artes Cênicas também pela UNIRIO, possui licenciatura em Ciências Biológicas com Pós-graduação em Teatro na educação pela UERJ e qualificação como atriz pela Escola de Teatro Martins Pena. Educadora/Curinga da equipe do Centro de Teatro do Oprimido – CTO entre 1990 a 2015, e coordenadora geral de 2009 a 2013. Fundadora do GESTO (Grupo de Especialização em Teatro do Oprimido).

⁶ Frase citada por Juliana Manhães na disciplina de metodologia de pesquisa.

Em um dia, após um longo tempo olhando para a tela do computador, nos poucos momentos em que tinha o mínimo de tranquilidade criativa, pois em tempos de Pandemia, meus pensamentos se entrecortaram o tempo todo, estimulados por gritos de crianças, e-mails institucionais, louças empilhadas e ansiedade pelo futuro. As ideias começaram a brotar, como que numa árvore que floresce pela primeira vez. Veio então o primeiro broto de pensamento. Será que aquele professor de história da sexta série em que cursei o Ensino Fundamental, trabalhava com Teatro do Oprimido?

Estudei em uma escola na Tijuca, chamada MCM Movimento Cultural; pelo nome, percebe-se a importância da cultura na emancipação dos saberes de seus estudantes para aquela Unidade Escolar. O MCM foi o primeiro contato que tive com a Educação, aos quatro anos de idade, quando entrei pela primeira vez em uma escola. Infelizmente não tenho acesso a essa memória, mas a partir do que me contam eu era extremamente livre e feliz ao adentrar as paredes daquele lugar.

HOOKS (2013) diz que precisou se visitar enquanto estudante para perceber a importância de uma sala de aula entusiasmada e divertida. Assim como a autora, foi imprescindível regressar à minha vida enquanto estudante, para permitir que meu corpo fosse tomado por sensações que arrebataram a minha vida escolar. Foram muitos esses momentos de êxtase educacional, pois estar naquela escola era o momento mais feliz do meu dia. Ali se encontravam meus grandes amigos, que caminham juntos comigo até hoje, além de professores e funcionários que tornavam a estadia no ambiente escolar imprescindível e extremamente feliz.

SARAPECK (2017) dialoga com a importância no mergulho de nossas lembranças, ao contar sobre sua experiência vivida ao criar uma performance a começar pelas experiências estelares da infância e de tempos remotos. A autora expõe que sentiu um misto de excitação e medo ao se deparar com as lembranças. Afirma, que por muitas

⁷ Juliana Manhães é artista, pesquisadora e educadora. Professora adjunta do departamento de interpretação do curso de bacharelado em atuação cênica, da escola de teatro da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro. Professora e pesquisadora colaboradora do programa de pós-graduação em artes cênicas, PPGAC/UNIRIO. Sua frase foi proferida na aula de MEP da professora Angela Reis, quando convidada a falar sobre sua pesquisa de mestrado.

vezes sentiu que seria impossível acessar essas lembranças ou hospedeiros, como Boal se refere em seu livro *A estética do oprimido*.

A autora ainda traz à tona as proposições do professor Zeca Ligièro (retiradas do artigo inédito “Microperformances e experiências estelares: O vivido no lembrado”), que nos convida a refletir que caminhando com as “experiências estelares”, muitas vezes ficam armazenadas, voltando a aparecer de forma esporádica em nossas vidas, há um vasto acervo que o autor denomina de “hospedeiros”, que achata as experiências vividas reduzindo-as ao simples rótulo do que foi bom ou ruim - certo ou errado. Muitas vezes se instalam em nossa maneira de pensar, trazendo à tona preconceitos e uma forma simplificada de ver a vida.

Movida pela reflexão desses autores, resolvi mergulhar mais fundo em minhas lembranças, me aproximando de imagens cotidianas do ir e vir escolar. Foi então que me deparei com a memória de que fui entusiasmada e participativa na escola e que a minha opção pela arte já se tornava visível aos olhos mais cuidadosos. No Ensino Fundamental II, tivemos a primeira aula de história com o novo professor, Mario Sá⁸. A paixão por história arrebatou a todos da turma, até mesmo os rotulados “bagunceiros” (adjetivo o qual me encaixava perfeitamente) que ao invés de dispersarem atenção dos outros estudantes, participavam ativamente, questionando e argumentando, e conseqüentemente, tornando aquela aula mais instigante e divertida.

No meio do ano, Mario Sá resolveu criar um curso de teatro no contraturno escolar. Imediatamente me inscrevi, cheia de curiosidade e desejo de vivenciar essa experiência nova. As aulas iniciavam sempre com trabalhos de respiração, movimentação corporal, que eram costurados por atividades com temas acerca dos nossos saberes. Sempre existiam discussões sobre preconceito, sustentabilidade, inteligência emocional. Ao final do ano, resolvemos montar “O Juiz de Paz na Roça”, de Martins Penna, onde eu faria o papel de Manuel João, O lavrador.

⁸ Mario Sá foi professor de História da escola MCM (movimento Cultural), onde estudei desde os meus 3 anos de idade. Foi professor no Ensino Fundamental e me apresentou o Teatro do Oprimido integrado a História.

FEITOSA (2015) ilustra o papel do estudante no processo teatral contemporâneo e nos convida a refletir o teatro como um labirinto que, em sua essência mais obscura, traz com ele um leque de possibilidades que são descobertas pelo estudante quando ele se abre para o jogo. A autora ainda nos chama a refletir sobre quando o estudante entra no espaço físico e abstrato que compõe essa linguagem, não há saída, apenas um caminho vasto de criatividade e ingenuidade, na trilha despretensiosa de enfrentamento da realidade, caminhando lado a lado com os outros.

Depois de “O Juiz de Paz na Roça”, encenamos mais duas peças e apresentamos pelas escolas do Rio de Janeiro. A forte lembrança que tenho dessa trupe, minha primeira companhia de teatro aos 13 anos, foi no dia da estreia da peça. Demorei algumas horas para dormir na noite anterior. Os olhos abriam sem querer e a ansiedade consumia os pensamentos. O telefone tocou de madrugada e acompanhado ao som do toque, veio o choro alto de minha mãe. Minha avó materna, que tinha ajudado a me criar, havia morrido. No dia seguinte minha mãe me acordou, pois eu não iria querer me atrasar logo no dia da estreia. Estrearia minha primeira peça no dia em que minha avó havia morrido. Logo ela, que sempre decorou os textos comigo me aplaudindo dentro de casa. Minha mãe falou que minha avó ia preferir me ver fazendo aquilo que fazia meus olhos brilharem, do que ver esses mesmos olhos chorarem. Fui para o palco cheia de ancestralidade artística feminina, que sempre permeou as mulheres de minha família. Acredito que essa tenha sido a primeira vez que me senti mulher.

Muitos anos se passaram e Mário Sá virou referência de educador para muitos estudantes que tiveram o privilégio de serem seus alunos. Seja por uma prática pedagógica ou como estudante, os aprendizados que cruzaram a minha vida escolar sempre me impulsionaram a construir uma visão crítica enquanto cidadã e habitante desse universo. Há alguns anos resolvi procurar Mario Sá no Facebook. Ao encontrá-lo, escrevi sobre a importância de suas aulas na construção de quem sou hoje. Desde então, nos visitamos virtualmente sempre que podemos. Mario Sá se tornou professor da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD).

Será que Mario Sá havia trabalhado com Teatro do Oprimido? Será que meu primeiro contato com o teatro foi a partir da perspectiva crítica e emancipadora do TO e talvez por isso eu tenha tomado as escolhas que tomei? Será que é essa a minha

ancestralidade pedagógico-teatral? Imediatamente enviei uma mensagem ao professor explicando meus anseios e questionando a qual técnica ele havia trabalhado conosco. Ele respondeu de imediato:

“Olá, Débora, é sempre bom, ler, ver você, as suas atividades, ver a sua vida, na pessoa crítica e resistente que você se tornou. A sua vida com seus filhos e como você encaminha a sua maternidade, sua arte e a Educação. Eu tenho muito orgulho de ter participado da sua vida e ter podido contribuir com a pessoa que você é hoje. Sim, como eu fazia teatro muito jovem no movimento espírita, eu acabei travando contato com o Teatro do Oprimido. Essa ideia do público e plateia serem protagonistas do processo teatral e o processo que o Boal traz para o Brasil dialogava e dialoga muito com as questões sociais, políticas e críticas que eu trabalho em sala de aula. E sim, aceito com muito orgulho fazer uma entrevista ancestral com você. Agradeço muitíssimo.”

Ao ser atravessada pela percepção da importância do outro em minha vida e como cada ser humano tem influência direta com minha relação com aprendizado, reflito que todas as pessoas ensinam as outras, ou seja, todos nós somos professores e aprendizes o tempo todo. O processo de ensino aprendizado se dá no que está “entre” as pessoas, e para esse fenômeno se dar, basta estar vivo:

(...) o educador que visa uma pedagogia para a libertação tem que ‘morrer’ enquanto exclusivo educador dos educandos. Por outro lado, tem que também propor aos educandos que também “morram” enquanto exclusivos educandos do educador para que renasçam como educandos educadores do educador-educando. (FREIRE, 2019 apud FEITOSA, 2015, p.15)

Dessa maneira, FEITOSA (2015), a partir da citação de FREIRE (2019), somos convidados a uma reflexão de que o professor tem papel essencial na vida do estudante, a partir do momento que ele se coloca em condição de aprendiz também. Assim, o estudante não deve ser apenas um receptor de aprendizado, mas alguém que também se coloca no lugar de ensinar. E nessa simbiose transversal, professor e estudantes se permitem relacionar-se pedagogicamente, respeitando cada um o saber do outro, ainda tornando esses saberes significativos e estimulantes para um processo de ensino aprendizagem transgressor.

A partir dos estímulos propostos nas aulas de MEP, senti a necessidade de me reconectar com o que denomino hoje de “ancestralidade pedagógica teatral”. Mergulhar

no universo da minha infância me fez perceber a importância de uma trajetória escolar divertida, transgressora e emancipadora na vida escolar de um estudante. A cada momento sou atravessada pela percepção de que o professor pode e deve ser um desbravador de descobertas, caminhando junto com estudante.

II.2 Pedagogia das artes cênicas no ambiente das democracias zumbis⁹

II.2.1 Princípio ancestral

O ano de 2020 iniciou roubando um sonho que me atravessava desde que decidi fazer uma graduação em teatro. Minha primeira formação foi em Fisioterapia, embora eu já fosse mergulhada na Arte Teatral desde que estava na escola, pensei que como profissão, o teatro nunca poderia sustentar aquilo que eu almejava, algo que nem mesma eu sabia o que era.

No meio da faculdade de fisioterapia, o teatro já consumia praticamente todas as horas do meu dia. Sentia-me completamente magnetizada pela arte de atuar. Como trancar a faculdade não seria uma possibilidade para os meus pais, negocieei que ao sair dela, entraria na de Artes Cênicas. Tentei vestibular para UNIRIO e não passei. Quando fui fazer a prova, imaginava meus cabelos ao vento, livros nas mãos, ensaios ao ar livre.

Fui então para Univercidade (Faculdade da Cidade) que me permitiu transitar e conhecer melhor o teatro contemporâneo e a performance, proporcionando-me liberdade criativa e possibilidade de ser eu mesma. Esses eram dois elementos indispensáveis para acreditar que a decisão em escolher o teatro como ofício, seria possível. A criação performática, tornou-se então a matéria prima de todas as minhas pesquisas, peças, pensamentos e elaborações artísticas.

Na metade da faculdade de Artes Cênicas, fui convidada por um amigo a dar aulas de teatro na ONG CRAVO em Honório Gurgel, mais precisamente em Costa Barros. Uma comunidade bem embaixo da Avenida Brasil. Não poderia imaginar que

⁹ Reflexões resultantes da disciplina ministrada pela professora Marina Henriques, em 2020.1, de forma remota; escolheu-se para título desse item o título do curso.

ali iniciaria uma história transformadora que percorreria definitivamente a minha vida. O teatro em comunidade.

Aceitei o desafio e permaneci dando aulas durante quatro anos. Comecei a perceber então a paixão por dar aulas. O entusiasmo que me perpassava e que reverberava na comunidade local. Notei que as aulas começaram a ecoar para além das paredes do sobrado escuro o qual ensaiávamos. Os estudantes traziam novas possibilidades artísticas a cada encontro e nossas atividades se tornavam cada vez mais autorais, permeando intimamente a realidade de cada estudante.

Tudo que eu aprendia na faculdade de teatro era imediatamente praticado com os estudantes. Ao final do primeiro ciclo, decidimos fazer uma “não peça”, algo que dialogasse diretamente com todos os atravessamentos vivenciados em nossos encontros. A discriminação racial e a de gênero eram temas recorrentes em nossas aulas, permeando as criações dos estudantes e transitando de forma transversal o debate acerca de nossa produção artística.

Quando terminávamos a aula, era solicitado que levassem alguma reflexão do dia e que a utilizassem como estímulo para a criação. Desde o início das aulas tínhamos um caderno que se chamava “*seu Caderno*”. Ao fim de cada aula, os estudantes levavam-no para casa, trazendo-o de volta com reflexões acerca da aula do dia anterior. Assim poderíamos ter um registro artístico do processo. O caderno de registros surgiu de forma natural e se tornou extremamente importante para todos os estudantes, e em especial para mim, como avaliação da minha prática teatral.

CONCÍLIO e KOUDELA (2019) remete a origem dos protocolos, através da lembrança dos registros das peças de Berthold Brecht. Eles afirmam que os protocolos têm grande relevância no estudo e na pesquisa da pedagogia do teatro através do registro da prática teatral. O registro pode variar de acordo com os contextos artísticos pedagógicos a que está inserida a prática teatral.

O “*seu caderno*” ganhou um par de bigodes na capa, foi pintado todo de preto, seus cabelos eram a espiral, ou seja, ele foi customizado e utilizado de forma representativa pelos estudantes. Em uma de suas viagens com o “*seu caderno*”, um dos

estudantes fez um paralelo do livro FLICTS e com as discussões que levantávamos em sala de aula. Ele trouxe ainda um vídeo com várias pessoas da família explicando o que significava a cor preta para cada um deles. Nesse momento, todos nós entendemos que ali estava a mola propulsora para a criação de nossa performance.

Ao chegar no local, a plateia recebia um grande saco de pão e era estimulada a vesti-lo. A plateia era conduzida pelos estudantes, que tinham como personagem as cores, a se encaminhar ao andar de cima da casa, onde se daria a performance. Em uma das salas, havia muitas bolas coloridas que dificultavam o caminho dos FLICTS (plateia). Eles tentavam entrar na roda, mas nenhum dos atores cedia a mão para a plateia entrar. Enquanto isso, as cores rodavam, rodavam e rodavam, fazendo com que as bolas e a plateia comessem a sair de dentro da sala, onde outro estudante já estava preparado para levá-la ao terraço.

Todo esse trabalho era muito diferente de tudo que aquela comunidade local já havia visto. Se em 2005, isso já era inovador para mim que estava imersa em uma faculdade voltada à arte contemporânea, imagina para aquelas pessoas que pouco tinham oportunidade de acesso à cultura? Eu tinha muito medo de que aquilo fosse interpretado como “loucura”, expondo assim os estudantes, que se dedicaram tanto àquele processo, assim como eu.

O contrário então aconteceu. Fui convidada a trabalhar mais um ano na ONG CRAVO. Alguns alunos foram pesquisar a possibilidade de fazer prova para a Escola de Teatro Martins Penna, outros entraram para aulas de artes de um projeto próximo, outros resolveram escrever poesias. Pude ter a percepção da potência do ensino do teatro nas comunidades e como isso me atravessava, reverberando ainda na comunidade local.

HOLLOWAY (2014) traz de forma emergencial a reflexão do rompimento ao que está imposto. O autor nos convida a pensar que existe a necessidade de criar um mundo diferente do que estamos vivendo na atualidade, mas se apenas formos contra ao que está estabelecido, permitiremos que quem está no poder continue ditando as regras de nossa sociedade. Para romper o capitalismo é necessário ir além, e esse ir além, vai existir através da necessidade de fissurar as paredes que nos oprimem. O mundo

capitalista nos achata e não nos permite sobreviver de maneira digna, então imediatamente buscamos outras formas de sobrevivência, de solidariedade e de cooperação. O autor ainda afirma que precisamos de uma revolução agora. Aqui e agora. Foi exatamente o que percebi quando iniciei meu processo na Educação. Como se a partir daquele momento tudo começasse a fazer sentido e que minha revolução não seria apenas nas manifestações da rua e sim em sala de aula.

Depois dali, trabalhei em Vila Kennedy, Chatuba de Mesquita, São Gonçalo e muitos outros lugares que jamais imaginei estar enquanto artista. Percebi que o ato de lecionar me levava a um lugar que o processo enquanto atriz não me conduzia. Era como se tudo que fizesse em relação a Educação acontecesse de maneira muito mais fluida do que enquanto atriz. Na verdade, lecionar teatro fazia mais sentido do que atuar.

A Educação me chamava, me convocava, mas eu sempre recebia essa convocação com medo de ameaçar a minha relação com a arte enquanto atriz. Era uma espécie de recusa reativa que se manifestava toda vez que percebia estar imersa demais no processo. Tentei negar a Educação até engravidar do meu primeiro filho, quando foi necessário ter uma renda fixa por mês para me sustentar.

II.2.2 Inácio – o início

Recordo-me de um diálogo com a minha mãe, pianista, aposentada da Educação Musical em duas matrículas da prefeitura do Rio de Janeiro:

“– Minha filha, faça a prova da prefeitura. Você agora tem um filho. Você e seu companheiro são artistas, como vão sustentar essa criança?”

Eu, com toda revolta de uma atriz em processo respondi em altos brados:

“– Não vou largar minha arte pra ser professora como você!”

Fui criada dentro da escola pública, mais precisamente nas Escolas Municipais Pereira Passos e Orsina da Fonseca, e sei de cor o hino das duas.:

“...Quão feliz nesse recanto, bate alegre o coração, resplandecente em todo canto, brilha o sol da instrução. Nesses bancos escolares nasce a luz, nasce o porvir. Nasce a paz em nossos lares, brotam louros a florir...”

Minha mãe era professora de música, o que me fazia saber os hinos não só das escolas, mas como o da bandeira, da cidade, fogo simbólico, entre outros. A letra da música retratava a realidade que vivenciei durante a infância, ao passear por entre o cheiro de tinta de mimeografo e o feijão de meio dia dessas escolas. Perdia-me pelos corredores, espiando pelas frestas das portas de ferro. A realidade que meus olhos observavam não se parecia em nada com minha escola, mas me despertava o desejo de estar sempre por perto.

Após ser movida pelas lembranças e abarrotada pela paixão por lecionar, permiti que me atravessasse a decisão de fazer a prova da prefeitura, apenas como caráter experimental. Imaginei que seria só uma experiência, por esse motivo não me preocupei em acompanhar o resultado. Mesmo sendo alertada pela minha mãe para fazer a prova para a 2ª CRE (que atende a Zona Sul e Grande Tijuca), achei que seria mais fácil pela relação candidato/vaga, passar para a 10ª CRE (que atende Santa Cruz, Pedra de Guaratiba, Barra de Guaratiba). Fiquei sabendo por uma amiga que havia passado e que seria chamada imediatamente.

HOOKS (2013) em seu livro “Ensinando a transgredir”, relata o momento em que foi efetivada e seu medo de conseguir a estabilidade no cargo de professora. Ao invés dela ficar eufórica, pois iria conquistar estabilidade financeira, ela entrou em profunda depressão se sentindo culpada por não estar feliz pela conquista. Após passar na prova da prefeitura, todos a minha volta se muniram de grande satisfação, quase como um alívio, da filha, esposa, irmã, amiga, artista que conseguiria enfim ganhar o salário-mínimo para se alimentar ao fim do mês. Isso me trazia um grande temor, o de não conseguir mais exercer minha profissão de atriz. Fiquei com medo de nunca mais subir aos palcos e me tornar *apenas* uma professora como minha mãe, que eu tanto havia criticado por ter abandonado a sua arte. Não percebia ainda a dimensão da palavra professora e a potência desse ofício.

Porém, o desejo de ser atriz sempre esteve presente na minha vida. Decidi então que a partir dali o ato lecionar seria como um emprego que me daria o dinheiro para pagar as minhas contas e o teatro, a arte de interpretar, seria minha profissão, meu prazer, minha paixão. HOOKS (2013) conta que o sonho de se tornar escritora sempre esteve dentro dela. O escrever seria o trabalho sério e o lecionar, o “emprego” não tão sério de que ela precisava, para ganhar a vida.

O *ser atriz* era uma espécie de alimento para meus anseios pessoais e particulares. O *lecionar* se tornaria então a minha maneira de passar para os estudantes todo o prazer e paixão que a arte me proporcionava e assim estimular a emancipação dos saberes daquela comunidade escolar. Como eu não imaginava que passaria na prova, nada estava organizado. Meu filho, com apenas um ano, sendo amamentado, teria de se acostumar a ficar longe de mim, por pelo menos três dias na semana.

Na CRE, me encaminharam para uma escola que tinha acabado de ser inaugurada, em Pedra de Guaratiba. Pedi que minha mãe me acompanhasse até lá, já que ela carregava consigo 30 anos de magistério, me permitindo ficar mais segura com minhas escolhas, tendo em vista que aquele seria meu primeiro “emprego”.

Quando adentrei para além dos muros da escola, vi um lugar que eu não esperava. Uma quadra polivalente, ar-condicionado em todas as salas de aula, tudo limpo, pintado, novo. Por um minuto me questionei se seria exagero o que falavam

sobre a escola pública. Quando perguntei à diretora sobre essa realidade, ela me respondeu que eu havia dado sorte e que aquela era uma escola modelo. No mesmo momento minha mãe me olhou e pediu cuidado com aquela diretora, que poderia arranjar problemas com os meus métodos libertários de dar aula.

Iniciei dando aulas para o Ensino Fundamental 1, com crianças de seis a onze anos. Nessa escola, tive a oportunidade de dar aulas em um auditório que, em um primeiro momento, podia ser usado para as aulas de teatro. As aulas iniciavam com uma discussão acerca de algum assunto trazido por eles e que ia se desmembrando e se transformando em temas para a criação de nossas performances.

A Performance se dá inicialmente por meio da percepção dos estudantes e de suas próprias experiências de vida, de suas memórias e criações, estimuladas por práticas artísticas, atividades performativas e teatrais, cuja potência está na emancipação e na possibilidade de viver essas experiências dentro de um ambiente pedagógico da escola.

Paulo Freire (2011) é um autor que nos ajuda a refletir, quando afirma que *“ensinar é um gesto que exige respeito aos saberes dos alunos”*. (p.31). Nessa perspectiva, professor e escola têm dever de respeitar e discutir com os estudantes a razão de seus saberes e aproveitar a experiência que esses indivíduos adquiriram ao longo de suas vidas, em suas famílias e em suas comunidades. O indivíduo aluno, ao entrar na escola, acredita que está vivendo experiências, mas muitas vezes, na contramão da perspectiva apresentada por Freire, o que ocorre é o silenciamento dessas experiências e de conhecimentos para dar lugar à padronização de percepções. Isso faz com que o estudante resista aos acasos e, conseqüentemente, à vivência de novas experiências.

Após algumas aulas, naquela escola modelo, a turma de sexto ano já estava transbordando de ideias. Muitas questões foram debatidas em sala de aula como discriminação racial e de gênero, no entanto, eles traziam para a aula a necessidade de sonhar. Todos contavam o que queriam ser no futuro, o que desejavam para família, para os colegas e para um mundo melhor. Existia também uma muito grande de falar qual era o sonho de cada um, mas a partir do momento em que eles começaram a se

permitir sonhar, as ideias brotaram como frutos em uma árvore que florescia pela primeira vez. Foi pedido que anotassem os sonhos após acordar e trouxessem para que lêssemos em sala de aula. Ficamos imersos nessa temática durante alguns meses.

Decidimos então performar na escola. Os estudantes montaram barraquinhas no pátio da escola com sonhos de baunilha e de doce de leite, feitos por eles, na casa uns dos outros. Na frente da barraquinha, existia uma placa que dizia: “Troco sonhos”. Foi colocado um microfone perto da barraca e caixas de som. Para ganhar o sonho/doce, precisaria contar seu sonho no microfone e anotar em um papel, que se tornou o *mural dos sonhos* depois.

Ao final desse dia, fui chamada à sala da Direção, por ter interrompido o andamento silencioso de uma “escola modelo”. A Direção me trancou em uma sala com outra pessoa, que segundo ela, era da CRE, e me obrigou a assinar um documento em ata que dizia que eu não era capaz de tomar conta de uma turma. Em meio a muita tristeza, choro e falta de entendimento do que estava acontecendo, eu assinei. Esse foi o primeiro de muitos assédios morais que sofri durante dois anos nessa escola.

Nessa Unidade Escolar, não havia recreio, as meninas eram impedidas de passar batom, usar short e saia, para não chamar a atenção dos alunos. Os estudantes e professores eram obrigados a formar na frente da escola para cantar o hino do Nacional e ouvir uma oração, que a diretora insistia em “*enfiar goela abaixo*” de todos que ali estavam. Os estudantes eram obrigados a caminhar de acordo com as linhas retas que dividiam o chão, olhando para nuca do colega da frente.

Após alguns meses vivenciando aquela realidade, construí junto com os estudantes, uma peça chamada “*A terra dos meninos comportados*”. Em um dia de reunião de professores, pedi a permissão para fazer uma leitura dramatizada do texto, para iniciar o centro de estudos. A reação dos professores era quase de um prazer orgástico, enquanto Direção e Gestão me “fuzilavam” com os olhos.

HOLLOWAY (2014) nos convida a refletir acerca da relação da exploração do tirano e de tudo que ele tem provem de nós e de sua exploração sobre nós. A única coisa que devemos fazer é parar de trabalhar para ele, porque a partir disso ele vai parar de ter

a matéria prima de sua tirania. A chave para nossa emancipação, enquanto seres humanos, é parar de obedecer ao tirano, para parar de produzi-lo. É preciso recusar! “*Decidi não mais servir e serás livre*” (HOLLOWAY, 2014, p. 10)

Quanto mais a diretora se irritava com a emancipação dos saberes dos estudantes, com a liberdade criativa que eles iam adquirindo com as aulas de artes cênicas, mais nós performávamos pela escola e aprofundávamos o olhar sensível para a arte de toda comunidade escolar. As aulas de teatro sempre eram visitadas por estudantes e funcionários curiosos que relatavam sentirem-se alegres ao presenciar a nossa troca.

As performances se tornaram a grande atração das idas ao banheiro e na hora da entrada e da saída. A “escola modelo” perdia sua coloração acinzentada e ia ganhando cores, através das fissuras que os estudantes produziram para além dos muros da escola:

A poética do oprimido é essencialmente uma poética da libertação: o espectador já não delega poderes aos personagens nem para que pensem nem para que atuem em seu lugar. O espectador se libera: pensa e age por si mesmo. Teatro é ação! Pode ser que o teatro não seja revolucionário em si mesmo, mas não tenha dúvidas: é um ensaio da revolução! (BOAL, 1973, p. 181)

Porém as reclamações também foram crescendo. Desde professores incomodados com o “barulho” que começou a existir na Unidade Escolar, até de responsáveis que se surpreendiam com os olhares críticos de seus filhos e filhas. Como o responsável de um estudante que me acusou de ter tornado seu filho homossexual, através das aulas de teatro. Ele afirmava que o filho estava hipnotizado pelas aulas de teatro. Fui chamada inúmeras vezes à sala da Direção, em meio a assédio moral, choro e medo. Através de uma professora, descobri que havia um sindicato que defendia nossas causas, o SEPE, que me filiei e pedi socorro. Após abrir ouvidoria a respeito dos repetidos abusos que sofri dentro da Unidade Escolar, fui convidada a me retirar de lá, e fui devolvida a CRE pela primeira vez.

PAULO FREIRE (1987) nos convida a refletir acerca da Educação “bancária”, que permeia a prática de muitos educadores. Essa Educação apenas deposita conteúdos, negando os saberes dos corpos dos estudantes. Ele nos chama a pensar sobre como os

adeptos dessa Educação criticam educadores que têm um pensamento libertário e até chegam a denominá-los como sonhadores ou apaixonados, a fim de reduzir e desqualificar um pensamento libertador.

Desde que entrei para Prefeitura, em 2012, até o ano de 2016, já fui convidada a me retirar de cinco escolas, que não aguentaram perceber que seus estudantes poderiam criar e, a partir da arte, se tornarem críticos e livres. Suas justificativas eram que *a professora regente não se adequou à dinâmica pedagógica da Unidade Escolar*. Seria eu que deveria me adaptar a um currículo antigo que mecaniza a criação dos estudantes e negligência seus saberes? Essa dúvida não parava de ecoar em minha cabeça.

JOHN HOLLOWAY (2014) compartilha um pesadelo onde algumas pessoas estão dentro de uma sala. Existem móveis espalhados, algumas pessoas estão confortavelmente sentadas, outras nem tanto. As paredes então começam a fechar, as vezes de forma mais lenta e as vezes bem rapidamente, o que traz a sensação de morte eminente por esmagamento. Existem discussões na sala, mas apenas sobre como os móveis deveriam estar. Depois de um tempo em que as paredes começam a fechar, as pessoas reagem de maneiras diferentes, umas fingem não perceber que as paredes se fecham e apenas defendem seus lugares com veemência. Outras percebem e denunciam que as paredes estão fechando. Formam partidos e sonham com o dia que não haverá mais paredes. Outros correm desesperadamente para as paredes e tentam achar fissuras, falhas por onde possam passar, ou até mesmo derrubá-las.

É necessário jogar nossos corpos contra as paredes que nos oprimem. Podendo ter a possibilidade de nos afastarmos dela para observarmos de longe fissuras e falhas em sua superfície para que possamos enfim, derrubá-las: “*a abertura de fissuras é a abertura de um mundo que se apresenta fechado*” (HOLLOWAY, 2014, p. 12)

II.2.3 Raul – a mudança

Foram muitas as escolas da 10ª CRE em que transitei e nesse ir e vir, desenvolvi técnicas que permitiam que o trabalho com os estudantes fluísse de maneira fugaz, em que o processo sempre fosse o mais importante e que cada dia fosse efêmero.

A última escola que estive, em Santa Cruz, foi a única em que pude trabalhar com os estudantes de forma livre e autônoma. A Direção era parceira e aceitava com menos resistência as criações dos estudantes. O trabalho se dava em um teatro muito grande e a escola era vizinha a um centro cultural, que ao saber do trabalho desenvolvido com os estudantes de lá, me convidou a desenvolver projetos e parcerias artísticas.

A companhia a qual eu fazia parte, Artesanal Cia de Teatro¹⁰, foi contemplada com o fomento à cultura e nesse projeto eu acrescentei uma oficina de teatro para professores da Rede Municipal de Educação. A Secretaria de Educação pediu que eu fizesse a oficina na Zona Sul, mas sugeri que a mesma acontecesse no Centro Cultural de Santa Cruz. Essa foi a primeira vez que lecionei para adultos e percebi o quanto era necessário aprofundar as capacitações dos docentes, pois somos nós que estamos diretamente lidando com os estudantes. É importante que o professor esteja estimulado e munido de ideias e criatividade para tornar a sala de aula um lugar de entusiasmo.

Para FREIRE (1987) a Educação problematizadora, ao contrário da educação bancária, não divide estudantes e professores em dois lados diferentes, ela faz a cisão desses dois polos de saberes e afirma que ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, as pessoas educam entre si mediatizados pelo mundo. Desta maneira podemos concluir que o educador não é apenas quem educa, mas aquele que, enquanto educa, está sendo educado. E o estudante, quando está sendo educado, também educa, e dessa maneira transversal e simbiótica, que estudante e educador produzem juntos um saber libertário.

¹⁰ Artesanal Cia de Teatro é uma Companhia que tem mais de vinte anos e que investe na pesquisa de uma linguagem narrativa, que se fundamenta na convergência de diversas técnicas, como o teatro de bonecos, teatro de sombras, máscaras, canto, cinema e vídeo grafismos. Mais conhecida por sua pesquisa no campo do teatro para as infâncias e juventudes.

No final da gravidez do meu segundo filho, o ir e vir para Santa Cruz estava se tornando bem cansativo. Todas as vezes que passava em frente a uma escola na Rua das Laranjeiras, pensava que poderia trabalhar ali. Na greve de 2013, recorde de passar por lá e ver a escola adesivada, fechada, com cartazes escritos que estavam com 100% de adesão à greve, e eu sonhava que ainda daria aula lá. Em 2017, pedi amparo maternidade para a tal escola desejada, a Escola Municipal José de Alencar.

A porta se abriu de forma bem generosa, com uma outra barriga tão grande quanto a minha. A diretora também estava grávida, com o mesmo tempo de gestação que eu. Como entrei no final do ano, trabalhei com as turmas que estavam sem professor. Fiz com eles uma mistura de performance e Teatro do Oprimido, que estava ecoando em minha cabeça, pois tinha acabado de fazer os cursos de Estética do oprimido e árvore do oprimido no CTO (Centro de Teatro do Oprimido).

BOAL (1983) nos convida a refletir que o teatro é uma arma muito potente e os que têm a intenção de separar o teatro da política, querem nos conduzir ao erro, e isso é um ato político. É necessário lutar pelo teatro e sua eficiência, pois as classes dominantes tentam o tempo todo apropriar-se de sua eficiência e utilizá-la como ferramenta para a dominação. O teatro pode ser uma arma de libertação, para isso é preciso transformar o que está posto.

No final do ano, a diretora pediu para que continuássemos mantendo contato. Quando o ano seguinte iniciou, ela me mandou uma mensagem pedindo para que eu fosse à escola e me convidou para ser Coordenadora Pedagógica da Unidade Escolar. No primeiro momento, neguei, pois não tinha ideia da função de uma Coordenadora Pedagógica. A diretora então me relatou que há muito tempo sentia vontade de que a escola transpirasse arte e achou que eu poderia ser a mola propulsora para essa transformação. Aceitei o desafio performático/pedagógico com garra, determinação e medo.

No começo tudo foi muito difícil, alguns professores não aceitavam a saída da antiga Coordenadora e boicotaram qualquer tipo de novidade trazida por mim. A minha maior satisfação em trabalhar em escola, em ser professora, era o contato direto com os

estudantes. Sinto que, ao lado deles sou uma eterna adolescente e nossa fala, interesses e diálogo são bem parecidos. Já o trabalho feito com professores foi muito desafiador, pois a todo momento parecia que eu estava precisando agradar e não criar de forma fluida e construtiva para os estudantes.

Os centros de estudos sempre foram momentos muito felizes e agradáveis, pois eu podia usar a arte para ajudar na formação dos professores. Por meio do teatro, podíamos trocar experiências e nos colocarmos nos lugares dos estudantes. Fizemos centros de estudos em diversos lugares: Corcovado, Parque Laje, Clube Hebraica, Cinelândia, ONG Se essa rua fosse minha, IAB. Mas o que mais me tocou foi o do Parque Laje. Nesses centros de estudos discutíamos e trabalhávamos dentro do Planejamento Anual que era criado no início do ano.

No ano em que cheguei, resolvi dar o nome do Projeto Anual de: *Direitos Humanos, dever de todos! Nenhum sonho a menos*. O planejamento era dividido em 4 bimestres. O primeiro: Um mês para ELA: feminismo e luta por igualdade de direitos, o segundo: Potencialização dos afetos, o terceiro: Meu território e o quarto: O que eu levo daqui?

Na ocasião em que fizemos o centro de estudos do Parque Laje, estávamos trabalhando com território afetivo de cada um e resolvemos fazer o centro de estudos dentro da taba que fica no jardim. Um centro de estudos itinerante, trabalhando sensações que nossos ancestrais poderiam nos trazer. Caminhamos descalços sobre as folhas secas, dançamos, ficamos em roda em contato direto com o chão e olhos fechados, enquanto eu pedia que todos tentassem se reconectar com nossos povos ancestrais.

O que mais me impressionava era a resistência que muitos dali tinham em se entregar ao novo, ao que pode quebrar os padrões preestabelecidos. A todo momento discutíamos como o que está posto na Educação está ultrapassado e antigo e a importância de nós, educadores, estarmos para uma Educação transgressora de fato.

Trabalhar como Coordenadora Pedagógica da Escola José de Alencar me trouxe a possibilidade de entender melhor os professores da Prefeitura do Rio de Janeiro, seus

anseios e dificuldades, através não apenas do meu olhar de professora, mas pelos olhos deles. Trouxe-me também a certeza de que meu lugar é dentro da sala de aula, com os principais atores do meu ofício, os estudantes: é deles que vem a minha inspiração, minha paixão e minha potência ao ensinar. Essa inquietação insistia em me atravessar, e aumentou o desejo que estava adormecido em fazer o mestrado profissional, a fim de entender e buscar mais conhecimento para o ensino de teatro.

II.2.4 Uma pandemia atravessou o chão da escola e o meu.

Permito-me voltar ao primeiro parágrafo do item II.2.1 Princípio ancestral, onde afirmo que meu sonho foi roubado. Quando recebi a notícia que havia passado no mestrado, sonhos e desejos percorreram minha cabeça. Mas em todo momento eu tinha a certeza de que estaria fazendo minha prática e ao mesmo tempo registrando-a, algo que eu não tinha o hábito em fazer. Sabia que estaria dentro da minha prática, confortável, mas que teria de registrá-la, hábito que não tinha.

Quando a pandemia foi anunciada, um desespero veio à tona, gerando perguntas que ninguém naquele momento saberia explicar. Foi então que começaram as aulas *online*. No primeiro momento, fui reticente por ser completamente avessa à tecnologia e pelas demandas da escola que já me angustiavam demais. Mas, ao iniciar as aulas do curso “Pedagogia das artes cênicas no ambiente das democracias zumbis”, parecia que ali, de frente para o computador, o tempo parava e tudo começava a se encaixar. Tudo que eu havia praticado em sala de aula estava ali agora embasado, teorizado.

Muitas vezes, durante a prática pedagógica, sentia-me perdida e achando que meu trabalho era vulnerável, frágil, embora eu percebesse a reverberação dele na comunidade escolar, mesmo assim, ainda me sentia insegura. A partir do momento em que conhecemos os autores e autoras que embasam a nossa prática, adquirimos segurança para continuarmos nossa luta pela Educação.

Ao mesmo tempo que as aulas *online* instigavam, traziam embasamento pedagógico e sentido para nossas práticas, o dia a dia dentro de nossas casas cruzava o tempo todo o chão da universidade. Escrever qualquer coisa se tornava uma missão

quase impossível, que necessitava driblar os filhos, companheiro, afazeres domésticos que se multiplicavam o tempo todo. O tempo livre para escrever era cada vez mais escasso e permeado por eternas interferências que rachavam as linhas de pensamentos. Ficar sentada olhando para a tela de um computador se tornou algo estafante e doloroso, visto que nesse tempo adquiri três hérnias de disco e, com certeza, muitos novos cabelos brancos.

Para ilustrar a vivência nesse período complexo, registro que finalizei a escrita desse item escrevendo em pé, ajudando meu filho mais velho a fazer sua prova de geografia *online*, com meu filho mais novo pedindo para ir ao banheiro, e ainda com uma pilha de louça para lavar e todo trabalho acumulado de uma Coordenadora Pedagógica, atriz, professora de teatro, mãe, dona de casa, pesquisadora à beira de um ataque de nervos. Mas também com a certeza de que o mestrado profissional foi um alento em tempos tão sombrios, por ter podido trocar experiências com uma turma que potencializou os afetos da escrita e de professores que driblaram com maestria uma visão de academia que pode ser tão segregadora.

Nessa perspectiva, mergulho sobre as palavras de COUTINHO (2013) quando descreve sua relação com o Rio de Janeiro no ano de 2013. A autora nos mostra o contraste de uma cidade que utiliza máscaras para esconder uma realidade latente de uma sociedade que sangra aos poucos perante os olhos atentos dos governantes.

Ao sair de sua residência em Laranjeiras na Zona Sul do Rio de Janeiro, COUTINHO apresenta um bairro colorido por sua feira festiva e o contrapõe com as ruas lotadas da maré e seus traficantes exibindo suas armas. Esse olhar aguçado da autora acontecia diariamente no seu trajeto à Maré, quando se encaminhava para o grupo de pesquisa que ela coordenava. (sugestão unir os parágrafos acima)

Após oito anos do texto escrito por Marina Henriques e uma pandemia no meio, o abismo social desaba bem na frente dos olhos atentos das redes sociais. Estamos impedidos de sair de nossas casas, agora com um vírus que escancarou a desigualdade social que existe em nosso país. As máscaras, agora em nossos rostos, tampam as bocas de quem sequer consegue ser ouvido.

Permitam-me desviar um pouco de minha pesquisa, mas não distante do teatro em comunidade e a desigualdade social e educacional a qual estamos inseridos. Milhares de estudantes da rede municipal encontravam-se há pelo menos um ano sem qualquer contato com a escola. Os estudantes, na maioria das vezes não possuem interfaces para realizar as aulas *online* e tampouco um espaço reservado e concentrado para participarem das mesmas.

Em junho de 2021 as escolas públicas do Rio de Janeiro começaram a reabrir aos poucos, num esquema de revezamento, onde se estudava semana sim, semana não, a fim de manter os protocolos de segurança em relação a COVID 19.

Nas primeiras semanas, estudantes ávidos pelo conhecimento e interação com a escola, circularam de maneira tímida, exibindo seus uniformes pelas ruas do Rio de Janeiro. As salas de aula ainda vazias demonstraram o abismo educacional que estamos vivendo.

A luta diária e incansável dos profissionais da Educação pública era, em um primeiro momento, se adaptar às plataformas, se informar e aprender sobre todas as possibilidades de interação com seus estudantes, confrontar com a realidade social dos estudantes da Rede Pública de Educação. A maioria deles não possui computador, *tablet* ou telefone. Muitas vezes as famílias têm apenas um celular para ser dividido entre quatro ou mais pessoas, e apenas quando o responsável chega do trabalho. O que exigir desse estudante nesse momento? Conteúdo ou acolhimento? O que mais esses estudantes precisavam naquele momento?

COUTINHO (2013) nos ajuda a refletir sobre essas indagações a partir de uma reflexão de Harvey (2012):

David Harvey argumenta que a ideia da cidade que nós queremos não pode estar dissociada da ideia de pessoa que nós queremos ser, ou seja, “do tipo de relações sociais que nós procuramos, que relações com a natureza queremos, que estilo de vida queremos, que valores estéticos valorizamos. (Harvey, 2012, p. 4)

De que maneira então podemos reagir a esse despedaçar dessa cidade que, segundo Marina Coutinho, nos acompanha há anos e se dilatou em resistência desde 2013 com as manifestações do PASSE LIVRE e depois tantas outras.

Na opinião da autora a solução está no teatro e seu incrível poder de fazer gerar sonhos. A necessidade de viver utopias, ideais e sonhos nos ajuda a blindar uma correnteza reacionária que inunda a cidade e o país a cada dia. Diante dessas reflexões, mergulho em alguns anos atrás, quando dava aula de artes cênicas na primeira escola em que trabalhei na Prefeitura do Rio de Janeiro, em Pedra de Guaratiba.

Ao passar no concurso, optei por trabalhar na 11ª CRE, mesmo morando em Laranjeiras há aproximadamente duas horas de carro da minha casa. Isso, óbvio se não houvesse trânsito. Meu caminho era repleto desse Rio de Janeiro que reflete beleza, luz e natureza por entre nossas retinas. Ao entrar na orla da Costa Verde, seguia o trajeto do mar até chegar quase na porta de minha escola. Por vezes, no caminho de volta não era incomum que eu mergulhasse na praia da Macumba para esperar o trânsito passar.

Minha mãe me acompanhou na primeira ida a escola nova. Foi um passeio agradável e cheio de histórias sobre o chão escolar, contadas por ela. Assim que paramos o carro, me deparei com um lugar que não estava em minha expectativa. O que eu conhecia da Escola Pública? Escolas grandes, fechadas com grades, quadras polivalentes demonstrando seu excessivo uso através do desbotar de suas marcações, além de muita conversa e criança brincando como em qualquer escola. Uma escola viva! Cheia de um som de sonhos e descobertas.

Qual não foi minha surpresa ao me encontrar numa escola novinha, limpinha, toda pintada. O cheiro da tinta fresca penetrava meus sentidos, que não deixavam de me fazer perguntas. Fui recebida pela diretora, que foi muito educada e explicativa. Logo colocou-me quais regras deveriam ser seguidas, além de deixar bem claro que o orgulho dela era o silêncio que machucava meus ouvidos. “Nossa escola tem ordem! Por aqui não temos recreio. Todos estudam o tempo todo, além de caminharem sempre em cima das linhas que estão no chão. Um atrás do outro, o de trás olhando para a nuca do da frente. As 7 horas nós formamos e ouvimos o hino nacional, só são liberadas as turmas que estiverem com a fila reta e em silêncio.”

Imediatamente, lembrei-me da primeira personagem que fiz como atriz: A Gorda, de Aurora da minha vida, de Nahun Alves de Souza. Minha mãe me olhou de soslaio e naquele olhar já se fez uma previsão de que um período tenebroso se daria a partir dali. Mas isso é história para outro momento.

Dentro desse contexto do chão escolar o qual eu pisava diariamente e ainda com a bagagem bem leve enquanto professora, minha versão artista ajudava a minha educadora a encontrar fissuras por entre os muros da escola. A performance foi a conexão que encontrei com os estudantes para que nossas aulas fossem um respiro de liberdade dentro de tanta repressão. Após alguns meses de trabalho, resolvemos fazer um festival de performances pelos espaços daquela escola linda, grande e tão ávida por arte e liberdade.

Ao perguntar à diretora, a negativa me veio mesmo antes de terminar a frase. Resolvemos então pulverizar nossas performances na hora da saída, já que não tínhamos nem recreio e que a hora da entrada era tão cheia de filas, retas e silêncios.

Ao ler a citação de Paulo Freire no texto de Marina Henriques, lembrei da performance “troco sonhos” que os estudantes do sexto ano criaram. Eles diziam que tinham parado de sonhar e que precisavam escutar os sonhos dos outros para que, como em uma onda, vários sonhos fossem sendo degustados pelos estudantes da escola e que essa atmosfera ocupasse o ar daquele lugar.

Organizaram uma barraca feita de cadeiras e mesas da escola, que foram armadas rapidamente ao soar do sinal da saída, junto com a estrutura vinha uma placa escrita: TROCO SONHOS! Em cima da mesa dezenas de vistosos sonhos de doce de leite enchiam de desejo quem passava por perto. Para ganhar um, era necessário que se sentasse de frente para os sonhos e contasse um sonho seu.

Contudo para mim é impossível existir sem sonhos (Como educadores) temos que nos esforçar para criar um contexto em que as pessoas possam questionar as percepções fatalistas das circunstâncias das quais se encontram, de modo que todos nós possamos cumprir nosso papel como participantes ativos da história. (FREIRE, 2001, p. 36)

Imediatamente a barraca de troca de sonhos se encheu de estudantes, funcionários e professores, que em comunhão trocavam, sonhos, sabores e afetos. Do lado de fora da escola, podia se escutar os estudantes conversando entre si e com seus responsáveis a respeito da experiência vivida. Os sonhos foram então saindo do plano imaginário e se concretizando em palavras e sabores, conversados e discutidos, eles iam tomando forma e juntos, foram jogados ao universo.

III. Ensinar performando ou performar ensinando

Como atividade educativa, as artes cênicas são em geral menos disseminadas nas escolas públicas municipais do Rio de Janeiro do que outras especificidades artísticas, tais como a música e as artes plásticas, por exemplo. Desse modo, o teatro, ao tornar-se uma atividade educativa nas escolas, enfrenta uma certa estranheza pelos estudantes e pela comunidade escolar. É provável que grande parte dessas pessoas nunca tenha entrado em um teatro, ou até mesmo nunca tenha assistido a uma peça. Pode-se supor que para muitas crianças, caso o encontro com o teatro não ocorra na escola, é possível que ele não ocorra em nenhum outro lugar. Esta condição acarreta uma ideia superficial sobre o que poderia ser uma aula de teatro, gerando resistências dos estudantes e da comunidade escolar.

Entendemos que é necessário revisar o equilíbrio entre as diferentes manifestações artísticas presentes nas escolas, a fim de elucidar a importância da arte à comunidade escolar, incluindo o teatro. Esse é um pensamento que provoca processos pedagógicos voltados para o estudante da escola pública vivenciar experiências artísticas, mostrando que o teatro pode ser uma prática pedagógica transformadora, capaz de auxiliar na melhora do rendimento escolar, na relação com outros alunos e alunas, professores e familiares, ampliando visões críticas de mundo. Estamos de acordo com Fernando Catelan e Carminda André (2019) quando estes autores dizem que:

É apenas por meio de um ensino realmente crítico que podemos pressupor uma escola que dialogue com as múltiplas posições políticas. Para isso, é preciso que a palavra circule livremente nas aulas. Contudo, antes precisamos nos entender como iguais em inteligência, elemento essencial para uma atitude política. (CATELÁN e ANDRÉ, 2019, p. 242)

Refletindo sobre o argumento desses autores, entendemos que a igualdade entre as inteligências é um fator essencial para que os estudantes se sintam à vontade para propor suas ideias. Eles afirmam que a igualdade é essencial para que o outro indivíduo diga o que pensa e não se ache inferior a quem o escuta. A noção de que somos iguais em inteligência, permite a livre manifestação do indivíduo: “é isso que é a política: a

possibilidade de que no ato de manifestação de ideias, todos e todas possam dizer o que pensam” (idem).

Assim, no contexto das variadas possibilidades de abordagem prática do teatro na escola, encontra-se a performance. A Performance é (ou – pode se configurar como) um processo político-pedagógico à medida que proporciona liberdade ao estudante para criar e colocar sua própria voz em suas criações e ideias. A performance se dá inicialmente por meio da percepção dos alunos e alunas, de suas próprias experiências de vida, sua memória e criações, estimuladas por práticas artísticas, atividades performativas e teatrais, cuja potência está na emancipação e na possibilidade de viver essas experiências dentro do ambiente pedagógico da escola. Performance é uma prática artística diretamente ligada à “experiência”.

Ao escrever sobre a *experiência*, Jorge Larrosa (2011) nos convida a refletir sobre a Educação a partir do par *experiência/sentido*. O autor chama a atenção para o fato de que pensar não é somente “raciocinar” ou “calcular” ou “argumentar”, como geralmente nos tem sido ensinado, mas, sobretudo, dar sentido ao que somos ou ao que nos acontece. É nessa Direção que ele afirma que a experiência é o que “nos passa” e não o que “se passa”. Por nós, passam-se muitas coisas como, por exemplo, o excesso de informação, mas poucas de fato “nos acontecem”, fazendo da experiência um elemento cada vez mais raro. Nas palavras de Larrosa (2011), “informação não é experiência”:

A experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece ou o que toca. A cada dia passam muitas coisas, porém ao mesmo tempo quase nada nos acontece. Nunca se passaram tantas coisas, mas a experiência é cada vez mais rara (LARROSA, 2011, p. 21)

Talvez por isso a aluna resista ou estranhe inicialmente quando se vê diante de propostas de atividades *libertadoras* como o teatro ou a performance, porque o ambiente escolar transborda “informações”. Na perspectiva escolar, a “performance” da estudante é avaliada pela sua habilidade como “sujeito informado”; um saber que não passa pela “sabedoria”, mas por “estar informado”. A ela é exigido a reprodução de padrões e o cumprimento de ordens, normas e obrigações.

Outro autor que nos ajuda com essas reflexões é Paulo Freire (2011), quando afirma que “ensinar é um gesto que exige respeito aos saberes dos alunos” (p. 31). Nessa perspectiva, professor e escola têm o dever de respeitar e discutir com alunos e alunas a matéria prima de seus saberes e aproveitar a experiência que esses indivíduos adquiriram ao longo de suas vidas, em suas famílias e nas suas comunidades. O indivíduo aluno, ao entrar na escola, acredita que está vivendo experiências, mas, muitas vezes, na contramão da perspectiva apresentada por Freire, o que ocorre é o silenciamento dessas experiências e conhecimentos para dar lugar à padronização de percepções. Isso faz com que aluno(a) resista aos acasos e, conseqüentemente, à vivência de novas experiências.

Freire (2011) diz que “quem forma se forma e re-forma ao formar e quem é formado forma-se e forma ao ser formado” (p. 31). Partindo dessa reflexão, podemos dizer que ensinar não é apenas uma transferência de experiências, conhecimentos, ideias e, muito menos, formar é dar forma a algo ou a alguém passivo a todo esse conhecimento. Não existe ensino se não houver aprendizado. O aprender pode tornar o estudante cada vez mais autônomo e curioso, fazendo com que ele seja cada vez mais dono de suas próprias decisões. Nada pode fazer tanto sentindo para um professor do que ajudar a tornar um estudante livre, emancipado e crítico para tornar suas próprias decisões.

Bell Hooks (2013), autora estudiosa de Paulo Freire, nos ajuda a complementar esse pensamento ao defender a ideia de que uma sala de aula deve ser empolgante e até mesmo divertida; e que é necessário estar entusiasmado para lecionar e aprender. Para que esse tipo de prática seja adotado por todos em sala de aula (estudantes e professores), é preciso que cada um se interesse pelo outro, que tenha desejo em conhecer, ouvir a voz do outro, visto que, em geral, grande parte dos estudantes “aprende” através de práticas educacionais em que apenas a presença do professor já basta. Para a autora, é raro que qualquer professor, seja ele o mais eloquente, consiga tornar uma sala de aula entusiasmada, visto que “o entusiasmo é gerado pelo esforço coletivo” (HOOKS, 2013, p 18).

Partindo desta perspectiva, reforçamos a importância não só da prática, mas também da investigação, análise e sistematização de processos de criação artística nas escolas, incluindo a ação performativa/cênica. Entendemos que o fortalecimento dessa relação teórico-prática é fundamental para a consolidação do exercício da Arte na Educação regular não mais como acessório das disciplinas escolares, mas como construção efetiva de uma política pública educacional mais igualitária, justa e permeada por saberes e experiências múltiplas em que o estudante tenha seu lugar de fala e seja protagonista crítico de sua vida.

III.I Ensinar: um ato teatral

Para hooks (2013), ensinar é um ato teatral, e é assim que o professor conseguirá proporcionar espaços para mudanças, invenção e alterações espontâneas, que poderão ajudar a individualidade de cada turma. Para que o aspecto teatral do ensino aconteça é necessário que haja troca entre ator e espectador, e que esse espectador não seja reduzido apenas ao nome que a palavra nos fornece, mas também seja um agente daquela troca, fazendo com que o processo de ensino aprendizagem aconteça no que está *entre* professor e estudante.

Para “atuar” em sala de aula é preciso que haja entrega total de nossos corpos àquele fazer “teatral”, desde um tom de voz que oscila, a cada tema abordado, até a mudança de paradigmas. Para lecionar nas várias comunidades, precisamos também adaptar nossa fala e nossos saberes e equalizar aos saberes daqueles estudantes que estão naquela sala de aula. Quais são os seus interesses, o que vem acontecendo naquela comunidade? Qual aspecto social, político, histórico de cada território, família, indivíduo? “A Educação está numa crise grave. Em geral, os alunos não querem aprender e os professores não querem ensinar.” (HOOKS, 2013, p.23)

No momento em que entro para a Coordenação Pedagógica da Escola Municipal José de Alencar, percebo que esta frase da Bell Hooks (2013) se encaixa perfeitamente na realidade da comunidade escolar em que vivia. Eram rostos apáticos dentro de sala de aula, apenas repetindo e reproduzindo aquilo que lhes era passado de forma mecanizada. São muitas as questões que podem levar a essa realidade, como a falta de

valorização do professor, a falta de infraestrutura dentro das unidades escolares, a realidade sofrida e violenta dentro das comunidades que cercam a Unidade Escolar. Mas de que maneira conseguimos contextualizar todos esses casos e torná-los significativos? Como podemos fazer revolução dentro de sala de aula? De que forma conseguimos oferecer possibilidades de aprendizado entusiasmado mesmo lidando com todas as adversidades de nosso mundo contemporâneo?

Para Hooks (2013), a Educação como prática de liberdade é um jeito de ensinar que qualquer um pode aprender. Esse entendimento se torna mais fácil para aqueles, assim como eu, que acreditam que a vocação do ensino tem um aspecto de sagrado. Esse ofício não é apenas o simples ato de fornecer informação, mas sim o de partilhar do crescimento individual de cada estudante que passa por nós, respeitando suas individualidades e seus saberes individuais, para assim permitir criar condições necessárias para que o aprendizado inicie do modo mais profundo e íntimo, possível a cada um, inclusive a quem está ensinando.

Faço uma relação entre *entrar em sala de aula*, com *o entrar no palco*. Desde o ensaio, que seria o planejamento daquela aula, até a hora da estreia. O momento em que se entra em sala de aula e acontece a magia da troca com os estudantes. Até mesmo ao passar pelo portão da escola e enfim pisar no chão escolar, já percebo estar em estado performativo da Débora professora. O falar com os estudantes pelos corredores, as brincadeiras, musiquinhas, um jeito de andar diferente. Um vocabulário, que me é muito presente, uma fala adolescente, gírias, fofocas, dancinhas de TikTok, tristezas e depressões. É como se eu estivesse performando a Débora professora, que adoesce, que rejuvenesce e aprende a cada dia com aquela juventude. Ao estar em sala de aula, por muitas vezes me emociono, choro de verdade com as colocações, situações que são trazidas pelos estudantes. Sou eu por inteira. Os estudantes muitas vezes se impressionam com tamanha entrega. Ao acordar de manhã, me sinto feliz de poder exercer essa profissão. Explico todos os dias para eles o quanto é bom podermos fazer aquilo que amamos todos os dias da nossa vida, que em sala de aula me arrepio, entristeço, vivencio todas as emoções possíveis que aquele momento pode me trazer. Ao longo da aula, os estudantes embarcam na possibilidade de performar estudando, da mesma maneira que eu me sinto performar ensinando. É uma performance coletiva de

ensino e aprendizado que baila com a possibilidade de ser você mesma no ambiente escolar.

Tive a oportunidade de ler e reler o texto do Larrosa (2002) sobre a *experiência*, em vários momentos da minha vida, mas principalmente antes e depois da pandemia. É impressionante como se encaixa perfeitamente nos tempos atuais, em que estamos mergulhados na tecnologia de forma obrigatória, tornando nossos corpos “robôs produtivos” aspiradores de informações.

Segundo o autor, escutamos todos os dias que vivemos numa sociedade de informação. Imediatamente nos remetemos a uma sociedade de conhecimento ou até mesmo sociedade de aprendizagem. A troca dessas palavras, como se fossem sinônimos, nos chama a refletir sobre o conhecimento e como ele se dá. Pensando nessa perspectiva, podemos então refletir que o conhecimento se daria por meio da informação e que a aprendizagem se daria por meio do simples adquirir e processar dessa informação. Larrosa (2002) ainda nos chama a atenção ao apontar que uma sociedade que pensa dessa maneira é uma sociedade constituída sob o signo da informação e nesse caso, é impossível a experiência.

Com o advento das redes sociais, nossos estudantes encontram-se cada vez mais conectados e mergulhados em uma gama incalculável de informações. São milhares de informações superficiais por milésimo, e nessa corrida parece que vence quem tiver e souber o maior número delas. Dessa forma, percebemos que a experiência se torna cada vez mais distante, também pela falta de tempo. Quando nos damos conta, estamos a mais de uma hora rolando a barra de nossos celulares para cima, olhando a vida, as ideias, as fotos de outras pessoas tão comuns como nós mesmos. Como frear essa situação tão comum para uma geração que já nasceu com as respostas bem na ponta de seus dedos?

No ano de 2019, Fiz uma performance com estudantes do nono ano do Ensino Fundamental da escola municipal José de Alencar que durou um turno inteiro do horário escolar. Entreguei livros nas mãos dos estudantes e pedi que eles interagissem com aqueles “objetos” durante o dia todo, tal qual eles fazem com os celulares. Que ficassem

ávidos pelo conhecimento e informação, da mesma maneira que ficam ao mergulhar em suas redes sociais.

Em um primeiro momento, outros estudantes olhavam com estranheza tantos colegas lendo livros e andando, sentados na quadra e até mesmo jogando futebol. Aos poucos, muitos resolveram perguntar por que eles estavam fazendo aquilo e os curiosos eram convidados para ler trechos com eles, riam juntos e conversavam sobre o que liam. A Sala de Leitura começou a ser procurada mais do que o habitual nesse dia. Os estudantes que participaram, relataram que viveram uma experiência diferente do que estão acostumados com seus celulares, pois não estavam acostumados com o peso, textura e forma do livro, o que os fez modificar a pegada que antes tinham com o celular.

Relataram que em um primeiro momento leram algumas pequenas partes do livro, mas que aos poucos, foram se interessando pela leitura e tiveram vontade de compartilhar com outros colegas o que estavam lendo. Alguns disseram sentir-se angustiados e entediados nos primeiros momentos e sem saber o que fazer com aquele livro, sentiram-se também instigados a retirar o celular do bolso por várias vezes, mas não o fizeram por ser a única regra que colocamos, o celular não poderia ser utilizado nesse dia.

Ao relatarem suas experiências, os estudantes colocavam a todo tempo como seus corpos foram atravessados por sensações de dúvidas, angústias e até mesmo momentos em que ficavam parados sem pensar em nada, quase que em um estado meditativo.

O sujeito moderno não só está informado e opina, mas também é um consumidor voraz e incansável de notícias, de novidades, um curioso impenitente, eternamente insatisfeito. Quer estar permanentemente excitado e já se tornou incapaz de silêncio. Ao sujeito do estímulo, da vivência pontual, tudo o atravessa, tudo excita, tudo agita, tudo o choca, mas nada lhe acontece. Por isso a velocidade e o que ela provoca, a falta de silêncio e de memória, são também inimigas mortais da experiência. (LARROSA, 2011, p.23)

De acordo com LARROSA, para existir a experiência é necessário que aconteça um gesto de interrupção, parar para pensar, refletir. É imprescindível que exista um momento de pausa para sentir, respirar, permitir que o nada aconteça, colocar nossos

corpos atravessados por uma desaceleração do tempo real em que possamos entrar em contato conosco e com o entorno, para que nos sintamos parte do todo e ao mesmo tempo de nós.

III.2 A alegria de ensinar¹¹

Quando fui convidada para integrar a Gestão como Coordenadora Pedagógica da Escola Municipal José de Alencar, uma das coisas que mais me intrigava na sala dos professores eram as repetidas conversas com vozes cansadas que entoavam como um mantra, o quanto aquele afazer pedagógico era desgastante. Os rostos cansados retratavam a difícil jornada de um professor de quarenta horas, ou no descanso de seu ofício de salas lotadas, ar-condicionado quebrado e realidade complicada escancarada bem ali na sua frente.

Ficava pensando quando eles tinham perdido o brilho nos olhos, em que momento lhes roubaram a paixão, de que forma se esvaiu pelas mãos a revolução diária de punhos cerrados e corações em festa ao entrar em sala de aula? Percebi que minha função ali não seria de coordenar, verbo esse que olhando de perto seu significado, nada se assemelhava as qualidades que conseguiria compartilhar: “coordenar: 1. Verbo transitivo direto e pronominal, organizar se de forma metódica, estruturar, ordenar.” (ROCHA, 2006.p198)

Foi então que me atravessou o desejo de dar luz a tudo aquilo que era lindo dentro daquela Unidade Escolar. Resolvi abrir as cortinas, retirar os tapetes e junto com uma boa faxina emocional, permitir que o sol voltasse a brilhar de novo na Rua das Laranjeiras, número 397. Muitas foram as caras feias, pessimismos, um ar de não acreditar pairava pelos corredores, agora bem mais coloridos. Mas foi através do acolhimento de quem precisava dessa oxigenação que vieram as primeiras respostas positivas, compartilhando saberes e deixando que essa nova onda positiva atravessasse

¹¹ Esse item é atravessado por aspectos discutidos no Curso Seminário de Prática Docente, em que participei das do curso Metodologia do Ensino do Teatro II, disciplina do Curso de Licenciatura em Teatro, ministrado por meu orientador, professor Paulo Merisio, em 2020.2.

nossos corpos educadores e que como um combustível nos fizesse, juntos e juntas transbordar alegria para além dos muros da escola.

Na crônica “Alegria de ensinar” (p. 9-13), lida e debatida nos encontros de MTEA2, Rubem Alves (2012) relata que muito se fala do sofrimento do professor, mas ele, assim como eu, prefere falar sobre a alegria de ensinar. O autor ainda faz um comparativo entre as mães que sentem imensa dor na hora do parto e, após parir, amam seu filho e sentem seu corpo atravessado por uma felicidade incomparável.

O mestre nasce da exuberância da felicidade. E por isso mesmo, quando perguntamos sobre a exuberância da sua profissão, os professores deveriam ter a coragem de dar a absurda resposta: Sou pastor da alegria. Mas é claro que somente seus alunos poderão atestar a verdade da sua declaração. (ALVES, 2012, p. 13)

Como já relatado, estudei em uma escola na Tijuca chamada MCM (Movimento Cultural), e recordo-me até hoje da alegria que era acordar para ir à escola. A sensação de liberdade ao ultrapassar o portão colorido que chegava na quadra, palco de tantas conversas e descobertas. Porém, compreendo que nem todos tiveram a mesma sorte e privilégio de poder ser estudante em uma escola libertária como essa. Alves (2012) continua o debate sobre a escola, desenvolvendo seu texto na crônica subsequente “Escola de sofrimento” (p. 15-19), a tensão na relação estudante-sofrimento-escola. O autor nos leva a refletir sobre a falta de interesse que os estudantes têm pela escola, por serem apresentados a uma gama infinita de conteúdos que de nada se assemelham ou fazem sentido para suas vidas. Toda a bagagem de saberes que eles trazem em suas “mochilas” são deixadas do portão para fora e ao atravessar essa fronteira, ele geralmente é tratado como uma folha em branco, pronta para copiar o que lhe é entregue e imposto.

O estudante então se afasta imediatamente da alegria, do prazer, da paixão pela curiosidade e vira rapidamente uma máquina pronta para trabalhar sem raciocinar. A inteligência se encolhe amedrontada pelo horror dos desafios intelectuais inatingíveis, fazendo com que o estudante se sinta aquém de toda aquela enxurrada de informações, sentindo-se incapaz de compreender, pois sua inteligência paralisa diante de tanta informação. Durante a paralisação, nada pode parar, então o estudante é avaliado de

acordo com as normas e técnicas pedagógicas estabelecidas para medir de forma matemática seu conhecimento. Mas em algum momento, algum técnico de medições pedagógicas já buscou medir a felicidade do estudante de estar na escola? Algum instrumento de medição já mediu a alegria do estudante? “Porque a alegria é uma condição interior. Uma experiência de riqueza e de liberdade de pensamentos e sentimentos. A Educação, fascinada pelo conhecimento, esqueceu-se de que sua vocação é despertar o potencial único que jaz adormecido em cada estudante.” (ALVES, 2012, p. 18-19)

Essa leitura me remeteu imediatamente a uma situação de quando iniciei meu cargo de Coordenadora Pedagógica na Escola Municipal José de Alencar. Assim que entrei na coordenação, senti necessidade de ver aquela escola transbordando pelo bairro das Laranjeiras. Gostaria que fosse parte importante para o bairro e acolhida com cuidado e responsabilidade social por aquela comunidade. Sou moradora do bairro e percebo o virar dos olhos ao se depararem com a camisa da Prefeitura, para os gritos altos e para a “bagunça” no ponto de ônibus. Foi então que resolvi bater de porta em porta na vizinhança comercial e educacional para perguntar: Qual a sua responsabilidade social com a escola Municipal José de Alencar? Muitas foram as respostas, na maioria delas, e estabelecemos importantes parcerias, como foi o caso da CAL (Casa das Artes de Laranjeiras).

Um grupo de estudantes que estava fazendo a peça “Aurora da minha vida”, de Nahum Alves de Souza, pediu algumas cadeiras de nossa Unidade Escolar para fazer parte do cenário. Fizemos então uma permuta. Eu cederia os moveis solicitados se eles fizessem uma apresentação fechada, seguida de debate, para nossa Unidade Escolar. Na semana combinada, os atores foram até a escola para a retirada dos móveis e passaram na sala do nono ano para convidá-los e assim debater, e apresentar um pouco sobre a peça. Durante a semana, lemos trechos com eles e discutimos o cenário histórico-político em que a peça se passava.

É importante ressaltar que nessa sala de aula, havia um menino que pouco ficava em sala. Nada lhe interessava. Tinha um mediador que transitava pela escola, mas pouco conseguiu manter vínculo pessoal com ele. A mãe, ficava na escola durante o horário escolar reduzido em que ele frequentava. Os professores reclamavam, em todos

os conselhos de classe, afirmando que não podiam dar nota, já que ele não frequentava as aulas. Argumentavam que o menino não iria aprender nada e que seria passado de ano, e isso poderia ser um exemplo seguido por outros estudantes. Afirmavam também que se sentiam amedrontados com as reações ágeis e intempestivas do menino.

Muitas vezes tentei conversar com ele, mas ele só passou a falar poucas palavras comigo quando coloquei na sala da coordenação alguns instrumentos musicais espalhados e deixava que os estudantes o pegassem quando sentissem vontade. O menino era apaixonado pelo pandeiro. Entrava na minha sala sempre muito rápido, ágil, veloz, pegava o pandeiro e saía batucando. Muitas vezes era criticada, pois ele fazia muito “barulho” e aquilo atrapalhava o andamento da aula de outros professores. Percebi que ao entrar na sala do nono ano, mesmo que tivesse do lado de fora da sala, ele entrava e se sentava. Escutava o que eu dizia e emitia alguns sons, seguidos de uma risada divertida, que me fazia rir junto. Nossa conexão estava feita. Através de uma atmosfera que não existe em técnicas e nem ferramentas de medições pedagógicas. Resolvi então arrumar a sala pensando nele. Coloquei muitos filmes enfileirados, mais instrumentos, algumas bolas de malabares e um bambolê. A mãe olhava para mim em um misto de vergonha do filho estar atrapalhando meu trabalho, ao mesmo tempo com alívio de ver que ele estava vivendo algo novo.

Chegou o dia em que iríamos para a CAL ver a peça de nossos parceiros. Vale ressaltar que muitos foram os passeios que promovemos para vários lugares diferentes, mas o menino não havia ido a nenhum. Dessa vez, a mãe me segurou nos braços e perguntou se ele poderia ir, que ela iria me acompanhando o tempo todo, para eu não me preocupar. Fomos caminhando até a CAL e ele logo me deu a mão, fomos cantando e por muitas vezes correndo de mãos dadas, a turma toda acompanhava eufórica essa nova versão do menino que nunca estava presente. Quando chegamos na CAL fomos recebidos pelos estudantes, subimos pelo bondinho que levava até o início da cena, que se dava do lado de fora da sala de aula. Ele ficou assustado e correu para mãe. Nesse momento fiquei com medo dele se assustar e a mãe não permitir as reações para não “atrapalhar” o andamento da peça. Fui para o lado dos dois e comecei a me mover mais, também me permiti a soltar sons e risadas. Imediatamente ele se sentiu acolhido e veio para o meu lado novamente.

Ao sermos encaminhados para a sala onde aconteceria o teatro, posicionei a cadeira dele perto da porta, para que se ele quisesse sair pudesse fazer com facilidade, mas ele puxou a cadeira para o meu lado, que estava atrás da coxia, onde podíamos além de ver as cenas, analisar o movimento dos atores, a troca de roupas e acessórios. Ele ficou encantado. Foram duas horas de peça, o menino não saiu da sala em nenhum momento. Emitimos muitos sons, risadas e até mesmo muitas olhadas cúmplices para os atores que trocavam de roupa “escondidos”. Ao final da sessão, ele me falou sua primeira frase: “– O bobo não é bobo! Eu sou o bobo e o bobo é o que sabe mais.” Eu parei tudo para concordar com ele. A mãe não conteve as lágrimas e os colegas da turma fizeram valer cada palavra do argumento dado por ele, gerando um debate que durou mais uma hora. Com o menino sentado, conversando e trocando seus saberes.

Antes de voltarmos para escola, o menino que não frequentava as aulas, me disse mais uma coisa: “– Eu não gosto da escola. Eu gosto daqui, dessa escola que não é de verdade. Eu quero ficar dentro do teatro, na coxia, com eles.”

FREIRE (2011, p83) traz à tona a reflexão de que um professor quando nega a sua curiosidade, aquilo que lhe inquieta, lhe move, que lhe insere na busca, ele não aprende, nem ensina. Todos e todas temos o direito à curiosidade e exercer esse direito de forma correta, a fim de que nossa curiosidade não seja domesticada, tornando nosso processo de ensino aprendizagem uma memorização do perfil deste ou aquele objeto.

O exercício de reflexão e construção de pensamento exige curiosidade, mas é necessário também que o professor se coloque num lugar de estimulador de novidades. O chão escolar muitas vezes pode não ser o suficiente para educandos e educandas, tornando necessário assim que a Educação transborde os muros da escola e saia para alçar novos voos e criar novas curiosidades.

As aulas que apenas tornam aquele estudante um copista não permitem que esse indivíduo estimule sua reflexão crítica, a fim de trabalhar sua criatividade genuína. FREIRE chama essa aula de “cantigas de ninar”. É necessário que a curiosidade seja contínua e latente, e por vezes até sistematizada para que ela nunca adormeça e que

sempre, educandos, educandas e educadores continuem numa busca eterna de nossas curiosidades.

IV. Uma metodologia para a performance na escola: TO

Em 2021, participei de forma remota, de uma oficina de Teatro do Oprimido (TO), que foi ministrada pela mestra e integrante do Grupo GESTO¹² Helen Sarapeck e que teve como público-alvo docentes da Prefeitura do Rio de Janeiro. Teve como objetivo munir esses Profissionais da Educação pública de ferramentas, jogos e estética do Oprimido para além das aulas remotas. As técnicas escolhidas foram: Teatro imagem, teatro jornal e a Estética do Oprimido, a partir da árvore do Oprimido. Foram cinco (5) encontros de quatro (4) horas cada com um, divididos em parte teórica e prática, versando acerca de dois temas: Racismo e questão de gênero.

Os temas foram escolhidos por serem recorrentes dentro da escola, porém muitas vezes tratados como *tabus*. O TO se torna uma forma interessante de se tocar no assunto, fazendo com que os estudantes vivenciem as situações. O curso iniciou com a apresentação dos participantes, que foram, um por um, falando seus nomes, qual escola trabalhavam, porque se interessaram em fazer um curso de teatro do Oprimido e ainda, se já tiveram algum contato com a Estética do Oprimido.

Imediatamente o grupo já se conectou, pois muitas histórias sobre o chão escolar vieram à tona trazendo identificação e pertencimento, mesmo que de forma virtual. O debate acerca da palavra do catalão “Disguzar”, que significa ensinar e aprender enquanto ensina, imediatamente transportou a conversa para os diálogos de Paulo Freire e Augusto Boal sobre a Pedagogia da autonomia e a arte que nos vai sendo retirada a medida em que ficamos mais velhos. O Teatro do oprimido também tem como objetivo “realfabetizar” artisticamente o indivíduo, e para isso, é necessário que estejamos aprendendo enquanto ensinamos. É necessário experienciar os jogos, entendê-los de forma sensível e não no lugar do professor, mas no papel do estudante, para assim podermos mais uma vez ensiná-los.

¹² GESTO – Grupo de Estudos em Teatro do Oprimido é formado por curingas-pesquisadores que trabalham diretamente com Augusto Boal – Criador do método – no Centro de Teatro do Oprimido (CTO). Esse grupo organiza, anualmente a JTOU (Jornadas internacionais de Teatro do Oprimido e Universidade) que reúne professores, pesquisadores, artistas, educadores populares, movimentos sociais entre outros que utilizam nas suas práticas político - pedagógicas, o teatro do Oprimido como uma arma para a libertação do oprimido e da oprimida e tem como objetivo trazer o ensino e o estudo do método para a universidade.

Após as apresentações fomos apresentados à “árvore do Teatro do Oprimido”, que traz desde suas raízes até às copas de suas árvores toda trajetória e significados da Estética do Oprimido. O solo representa a ética e a solidariedade, onde cada um tem a sua estética, porém todos estamos compartilhando esse solo, esse mundo. As raízes se dividem em som, palavra e imagem, que são os elementos que dão alimento, que nutrem essa árvore. No tronco, os jogos e nas copas da árvore estão: Teatro Fórum, Teatro Imagem, Teatro Jornal, Arco Íris do Desejo, Teatro Legislativo, Teatro Invisível. Na última copa, a mais alta, estão as ações sociais concretas e continuadas, que são o foco e o objetivo para que ocorra transformação social. Lá em cima, voando e carregando a semente da estética do Oprimido em seu bico, está um pássaro, que são os curingas, responsáveis pela multiplicação do Teatro do Oprimido no mundo.

Estendendo-se além das fronteiras habituais do teatro, nosso novo projeto, A Estética do Oprimido, busca devolver, aos que a praticam, a sua capacidade de perceber o mundo através de todas as artes e não apenas do teatro, centralizado esse processo na Palavra (todos devem escrever poemas e narrativas); no Som (invenção de novos instrumentos e de novos sons); e na Imagem (pintura, escultura e fotografia). Cada folha desta Árvore dela faz parte indissolúvel até alcançar, e principalmente, as raízes e a terra. (BOAL, 2005, p. 15).

Durante as aulas, Hellen Sarapeck nos apresentou muitos jogos que podem ser colocados em prática também de maneira virtual e que podem ser utilizados nessa nova modalidade tão complicada para o ensino do Teatro, o ensino remoto. Alguns deles foram adaptados para essa nova realidade pela primeira vez, o que nos deu a oportunidade de perceber o processo de transformação do jogo, ou seja, como ele era antes e as dificuldades para adaptar para o universo virtual.

De acordo com Helen Sarapeck, os seres humanos tendem a racionalizar e tentar entender os acontecimentos, buscando explicação para tudo o que acontece. Em geral, a falta de explicação causa angústia e desconforto. A professora nos lembra que, como dado concreto, o jogo (de cena) precisa dos jogadores, do objetivo e das regras. Todo o resto deve ser absorvido pelos sentidos, tornando essa percepção sensível e não propriamente inteligível. A partir dessa prática o jogador percebe-se livre e emancipado. O *permitir-se* faz parte do jogo, incluindo a queda no abismo do desconhecido, e

também a possibilidade de renascimento (uma forma de morrer e viver), gesto que, ao fim, oferece ao jogador o prazer do “conhecimento” de outros mundos.

As questões que surgiram em relação a esse tema foram muitas, desde a velocidade da internet de cada participante, até qual seria a interface utilizada pelo estudante. Se o participante utiliza o celular, ele vê os colegas de uma maneira, se utiliza o computador, já temos uma outra realidade, como a própria disposição das pessoas na tela.

Percebemos então que os desafios são muitos, porém, nesse momento essa é uma das maneiras que temos de tentar acessar e acolher nosso estudante, mesmo que de forma fragmentada e parcial. Ao longo da oficina, alguns integrantes do grupo GESTO estiveram presentes passando suas experiências e compartilhando jogos que já estão funcionando com seus estudantes, dentre eles Cachalote Mattos¹³, que foi muito marcante por sua performance. No segundo dia de aula Cachalote iniciou a oficina atrasado. Hellen se dizia preocupada pois sempre foi muito pontual. Na verdade, tudo fazia parte de uma performance sobre racismo, onde perguntava muito aflito: Você viu meu irmão? Meu irmão sumiu. Ele é assim igual a mim, preto. Sumiu nessa manhã. Estava chovendo e ele levou um guarda-chuva na mão.

Depois ele ia perguntando se vimos o primo, o pai e foi acrescentando nomes de homens e mulheres negras que morreram assassinados por crime de racismo. A performance emocionou a todos e todas, e gerou o tema do segundo encontro: racismo dentro das escolas. Todos os jogos, foram permeados por essa atmosfera, gerando muito debate e diálogo. Surgiram diálogos sobre opressões na escola e a reflexão de que os jogos são para as pessoas assim como as pessoas são para os jogos.

A escuta no Teatro do Oprimido é muito importante, pois aprendemos com as observações, dúvidas e questionamentos do outro, pois o outro é o meu próprio espelho. Falamos pelo próprio, para o próprio e sobre o próprio corpo. São através dos diálogos

¹³ Cachalote Mattos é cenógrafo formado pela UFRJ – Universidade Federal do estado do Rio de Janeiro, mestre em artes cênicas pela UNIRIO – Universidade Federal do estado do Rio de Janeiro, com vasta experiência em cenografia para teatro, cinema, show de música, eventos corporativos, exposições, clipes musicais. No Teatro trabalhou com os diretores Augusto Boal, Antonio Pedro, Sergio Sanches entre outros. Faz parte do Grupo GESTO.

após o jogo que os entendimentos inteligíveis acontecem. O curso finalizou com uma cena de teatro jornal criada pelos participantes da oficina. A cena foi criada utilizando como estímulo todos os jogos vividos durante esses cinco dias, mais a notícia de um jornal. As cenas foram gravadas e serão disponibilizadas.

A enorme diversidade de Técnicas e de suas aplicações possíveis, – na luta social e política, na psicoterapia, na pedagogia, na cidade como no campo, no trato com problemas pontuais em uma região da cidade ou nos grandes problemas econômicos do país inteiro – não se afastaram, nunca, um milímetro sequer de sua proposta inicial, que é o apoio decidido do teatro às lutas dos oprimidos.” (BOAL, 2005, p.9)

IV.1 Grupo Performático TO

Quando ingressei na coordenação da Escola em 2018, desenvolvi junto à comunidade escolar o Planejamento Anual da Unidade Escolar, fato que se deu também nos anos seguintes. O ano de 2019 teve como tema do Planejamento Anual, os Direitos Humanos. O primeiro bimestre foi dedicado à luta por igualdade de direitos das mulheres e nesse momento o grupo performático de Teatro do Oprimido iniciou a sua pesquisa acerca desse tema. Foram muitas as mulheres que fizeram parte do mergulho feminino/ feminista. Desde Rosa de Luxemburgo, passando por Victória Santa Cruz, Maria Lenk, Djamila Ribeiro, até Kell Smith.

Foram muitas descobertas que as estudantes fizeram com essas grandes mulheres da história, além de suas próprias mães, irmãs, avós e até elas mesmas. Nessa pesquisa tivemos o prazer de sermos atravessadas por uma autora do Isla Das Mina¹⁴, que escreveu um Isla que nos tocou profundamente. Andrea Moraes¹⁵ descreveu de maneira visceral toda a potência feminina em seu Isla. A partir desse estímulo, e ainda magnetizadas pelo vídeo de Victória Santa Cruz: Gritaram-me Negra!¹⁶, iniciamos o processo, inundadas com as técnicas da performance e do Teatro do Oprimido.

A Estética do Oprimido sempre caminhou ao meu lado no meu fazer pedagógico e foi através dela, que iniciamos o processo de criação da performance que viríamos

¹⁴ Slam Das Mina é um sarau que reúne mulheres para troca artística, poética e política. O Slam é falado de forma poética e normalmente retrata a situação que essas mulheres vivem.

¹⁵ Andrea Moraes é atriz, pesquisadora, professora e poeta. É professora de Teatro da Prefeitura do Rio de Janeiro e trabalho no PROINAPE, projeto que faz parte da SME.

¹⁶ Link da performance: <https://youtu.be/zQaXnqf1S-M>

vivenciar mais a frente. Corroborando com BOAL, 2009, entendo que para a libertação dos oprimidos é necessário o pensamento sensível, aquele que produz cultura e arte. Dessa forma, os estudantes têm a possibilidade de se conhecer não da maneira em que estão acostumados, mas de uma forma que os retire da zona de conforto.

No processo de desenvolvimento da Performance, a utilização da Estética do oprimido vem através da conscientização de cada estudante. No debate sobre as questões sociais e como elas se desenvolvem dentro da nossa sociedade. O tema era o corpo como território feminino. Então os debates aconteceram acerca do machismo e machismo estrutural tão enraizado em nossa sociedade.

Há algum tempo me inquietava a necessidade de fazer entrevistas com as alunas que participaram do grupo performático de Teatro do Oprimido, que habitou o chão da Escola Municipal José de Alencar. Em específico, entrevistá-las sobre o possível atravessamento da performance: “Meu Território!” que desenvolvemos no ano de 2019.

A performance “Meu território!” reunia um grupo de meninas do 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental da Escola Municipal José de Alencar. Movidas pelas palestras e estudos vividos no mês da mulher na Unidade Escolar, as estudantes me procuraram pedindo para conversar a respeito das opressões sofridas por elas. Em diversos momentos, no corredor da escola, várias meninas vinham me procurar, com questões a respeito do machismo estrutural, questões de gênero, homofobia e temas que são de certa forma tabus para nossa sociedade, mas que elas se sentiam à vontade em me trazer para entender um pouco melhor sobre.

Ao mesmo tempo que traziam questionamentos, elas também me apresentavam letras de músicas de jovens cantoras, as quais eu não conhecia e livros sobre mulheres feministas, além de vídeos em canais do Youtube. Perguntei então a elas se interessariam viver um processo de busca por essas opressões através de referências de vídeos, músicas e textos e que finalizassem em uma performance.

Enquanto Coordenadora Pedagógica, não contava com muito tempo para poder ensaiá-las e mergulhar profundamente como em uma aula de Teatro, então separei o horário do meu almoço para vivermos essa imersão. Foram oito meses de processo, nos

apresentando durante esse tempo em performances nas salas, no pátio, na reunião de responsáveis, na reunião de professores. Todas as performances aconteciam sem aviso prévio e cada uma delas acrescentava algo à próxima.

Muitas daquelas estudantes nunca haviam feito teatro na vida e nenhuma delas tinha assistido a uma peça de teatro. Então resolvi iniciar os encontros dividindo em partes. Em um primeiro momento, trabalhávamos com algo que elas já estavam acostumadas, que era a meditação, pois já vivenciavam a experiência, sempre no primeiro tempo de aula, quinze minutos de meditação guiada com os professores em sala de aula, antes de começar o dia letivo.

Na meditação, naquele grupo de meninas, tentava-se trabalhar primeiramente a respiração e contato consigo mesmas, até o esvaziamento total da mente e relaxamento das tensões do dia. Ao final da meditação, surgiam questões a respeito do machismo que estavam estampadas e tatuadas nos corpos delas, nas mentes e memórias que elas traziam, delas mesmas e de toda essa ancestralidade feminina.

Boal traz à tona a teoria de que conhecer a verdade é necessário para transformá-la. Dialogando com essa afirmação, percebemos que é necessário saber exatamente como “o machismo nosso de cada dia” nos afeta em nossas atitudes, posicionamentos, falas e até mesmo corporalmente. “Viver é luta de morte. Melhor sabê-lo para mudar”. É através do conhecimento, que teremos força para que a mudança de fato aconteça.

Após a meditação, com todas já conectadas, começávamos uma roda de depoimentos que versavam sobre o machismo. Inspiramo-nos em um movimento que aconteceu nas redes sociais em 2016, chamado #primeiroassédio, em que várias mulheres foram as redes sociais falar abertamente de assédios que sofreram, encorajando assim outras e gerando um movimento nacional a respeito do tema.

Esse movimento em roda foi tão rico e interessante que resolvemos fazer uma pequena performance dentro daquela performance #manafala! A performance consistia em deixar um microfone no meio do pátio da escola, com um cartaz em cima que dizia MANA, FALA AÍ, que a gente te acolhe. Atenção! Esse microfone só receberá o som da voz da mulher, por favor, respeite!

Ao iniciar a performance, os depoimentos ainda eram tímidos, mas, à medida que outras meninas e meninos encorajavam as meninas ali presentes, os depoimentos foram ficando cada vez mais sinceros e emocionantes. Ao final de cada depoimento, a menina que falou ao microfone era acolhida com um abraço coletivo das meninas do grupo performático. Muitas vezes esses abraços eram permeados de choro, emoção e palavras de força, sororidade e encorajamento.

Nesse momento, o grupo performático de meninas da Escola Municipal José de Alencar já estava ganhando fama na escola, e muitas outras meninas e, surpreendentemente meninos, pediram-me para fazer parte desse coletivo. Levamos a questão da entrada dos meninos em debate e levantamos várias questões a respeito desse tema. Qual a contribuição da entrada masculina nesse grupo? Perderemos assim nossa identidade? Será que através dessa mistura de gêneros poderemos sair ganhando com isso?

Ao final de muitos debates e de uma assembleia com o coletivo, a maioria, quase que unanimemente, decidiu que meninos poderiam entrar. Foram quatro meninos no total, porém apenas dois realmente continuaram no processo até o fim. Abro aqui um parêntese para falar de um deles, que me relatava que não se reconhecia enquanto homem e que naquele momento em que entrou no grupo, sentiu a necessidade de não ser mais chamado de seu nome masculino, mas de um outro nome, agora no feminino. Ela, agora, me disse que pelo menos ali, preferia ser chamada pelo gênero feminino. Ela desabrochou mulher em cada ensaio. Era lindo vê-la se reconhecendo através da arte:

Não basta gozar arte: é necessário ser artista! Não basta produzir ideias: necessário é transformá-las em atos sociais, concretos e continuados. Em algum momento escrevi que ser humano é ser teatro. Devo ampliar o conceito: ser humano é ser artista! Arte e estética são instrumentos de libertação. (Boal, 2009, p. 17)

E assim como Boal profetizou, percebia aqueles meninos e meninas se libertando a cada dia, das amarras de uma sociedade que oprime e aprisiona o pensamento sensível, esquecendo assim que esse pensamento é arma do poder. A partir do momento em que o temos em nossas mãos, é possível dominá-lo. Talvez por esse motivo os opressores lutem tanto pelo poder do espetáculo, meios de Comunicação e

tecnológicos de massas, que é por onde se impõe e perpassa o pensamento único, autoritário.

Porém, no meio do processo, uma das meninas saiu da escola, pois teria de morar em outro bairro. Assim a configuração do grupo performático era de meninas e um menino. Retomo agora a metodologia aplicada ao processo criativo e performático do grupo feminino da escola. Após o momento de meditação, debates de depoimentos, iniciamos a prática das técnicas de Teatro Imagem¹⁷.

Foi pedido para que fizessem uma imagem de opressão do feminino, uma por uma, trabalhando dessa forma o Teatro Imagem. Imagens como: mãos no rosto e olhos fechados, olhando para cima, com medo de alguém que se coloca “maior”, “mais forte” do que elas. Uma menina se colocou em posição fetal, olhando para o nada e todas disseram na discussão que essa era uma imagem pós agressão sexual, onde a mulher fica perplexa e sem ação, em estado de choque. Outra imagem foi de uma menina tampando as partes íntimas ao passar em frente a um bar.

Após essa ação inicial de uma primeira imagem individual, foi pedido que se juntassem em grupos e que esses grupos fossem se apropriando dessas imagens iniciais e criando imagens coletivas, onde aquela inicial aparecesse. Foi pedido que criassem três imagens: a imagem pré opressão, a imagem da opressão em si e a imagem pós opressão. Na sequência a criação dessas imagens, elas precisavam fazer uma ligação entre cada imagem e depois assim, criar uma cena com som e movimento.

As criações sempre partiam da estética do Oprimido, iniciadas por-discussões e conversas acerca das opressões do feminino e depois íamos nos apropriando desse debate, partindo para o Teatro Imagem e em seguida finalizando no Teatro Fórum¹⁸.

¹⁷ “A assim chamada imagem de transição, tinha por objetivo ajudar os participantes a pensar com imagens, a debater um problema sem o uso da palavra, usando apenas seus próprios corpos (posições corporais, expressões, fisionômicas, distancias e proximidades etc.) e objetivos.” (BOAL, 2000, p.5)

¹⁸ “O Teatro-fórum é um tipo de luta ou jogo, e, como tal, tem suas regras. Elas podem ser modificadas, mas sempre existirão, para que todos participem e uma discussão profunda e fecunda possa nascer. Devemos evitar *o fórum selvagem*, em que cada um faz o que quer e substitui quem bem entende. As regras do Teatro Fórum foram descobertas e não inventadas – São necessárias para que se produza o efeito desejado: O aprendizado dos mecanismos pelos quais uma opressão se produz, a descoberta de táticas e estratégias para evitá-la e o ensaio dessas práticas.” (BOAL, 2000, p.28)

Fizemos o Teatro Fórum para toda a escola, a fim de levantar o debate a respeito da violência contra a mulher. A cena escolhida foi a da estudante que se encontrava em situação fetal, após aparentar ter sofrido estupro. As meninas fizeram uma cena em que começava pelo fim. A cena inicial era a mesma que havíamos feito no Teatro Imagem. A da menina em posição fetal. Em seguida, essa menina dançava funk de frente ao espelho e ao ouvir um som, parava de dançar sempre com muito medo. Conversava com as amigas com uma saia curta e ao ouvir o som do suposto pai, abaixava a saia e parava de rir. O opressor jamais aparecia, apenas através de sons ou por percepção da menina. Uma das amigas perguntava se ela estava bem, porém a menina sempre disfarçava. Ela aparecia com vários machucados no rosto e as amigas mais uma vez desconfiavam, porém, a menina não dava abertura para que elas se intrometessem na sua vida. A menina se afastava das amigas. A cena final é do palco vazio, na coxia a menina gritava: Não! Não! De novo não! Um silêncio arrebatador na plateia. Ela entrava em cena e dizia: *A bença pai*. Se deitava no chão e voltava a cena inicial, pós estupro.

Nesse momento resolvi ser a curinga por já ter falado com muitas meninas e saber que essa era a realidade que algumas ali conheciam. Então quis conduzir a cena de forma delicada e cuidadosa. Perguntei a plateia, que já estava gritando de ódio e dizendo: *Mata! Mata!* Perguntei se alguém gostaria de se colocar no lugar de algumas das meninas que ali estavam. O fato de o opressor não aparecer em nenhum momento na cena tornou mais fácil o fórum, pois ninguém quis se colocar no lugar dele.

Algumas pessoas diziam que se matassem o pai dela, a menina seria presa e se sentiria culpada para o resto da vida, outras diziam que ele deveria ser denunciado, outras ainda diziam que na favela a denúncia não chega e a impunidade é a principal resposta. No meio desse debate, uma menina que estava sentada no fundo da plateia levantou a mão e perguntou se mais de uma pessoa poderia substituir as atrizes da cena. Eu respondi que sim. Ela e mais duas amigas subiram ao palco e pegaram o lugar das amigas da personagem principal. Elas pediram para entrar no momento em que a menina abaixava a saia.

- Você está sofrendo assédio do seu pai. Nós já sabemos. Nos reunimos durante esse tempo e um dia colocamos nossos celulares escondidos filmando um de seus estupros. Amiga, nós vamos juntas agora em uma advogada que já está esperando a gente. Você terá direito a um abrigo e ele jamais saberá onde você está. Estamos

pesquisando isso, desde que começamos a desconfiar. Falamos com a nossa professora da escola e ela nos ajudou em tudo. Ela e a diretora da escola estão aqui embaixo para nos levar até lá. Fique tranquila, que tudo vai se resolver. Juntas nós somos mais fortes.

A menina caiu em prantos abraçando as amigas. Todas deram um abraço coletivo muito forte e outra menina finalizou a cena:

- Vamos logo antes que ele chegue. Fique tranquila que não vamos soltar a sua mão.

Elas viraram de costas e deram as mãos cantando a música da Iza, Dona de mim.

Já me perdi tentando me encontrar
Já fui embora querendo nem voltar
Penso duas vezes antes de falar
Porque a vida é louca, mano, a vida é louca

Sempre fiquei quieta, agora vou falar
Se você tem boca, aprende a usar
Sei do meu valor e a cotação é dólar
Porque a vida é louca, mano, a vida é louca

Me perdi pelo caminho
Mas não paro, não
Já chorei mares e rios
Mas não afogo, não

Sempre dou o meu jeitinho
É bruto, mas é com carinho
Porque Deus me fez assim
Dona de mim

Deixo a minha fé guiar
Sei que um dia chego lá
Porque Deus me fez assim
Dona de mim

Já não me importa a sua opinião
O seu conceito não altera a minha visão
Foi tanto sim que agora digo não
Porque a vida é louca, mano, a vida é louca

Quero saber sobre o que me faz bem
Papo furado não me entretém
Não dê limite que eu quero ir além
Porque a vida é louca, mano, a vida é louca

Me perdi pelo caminho
Mas não paro, não
Já chorei mares e rios
Mas não afogo, não

Sempre dou o meu jeitinho
É bruto, mas é com carinho
Porque Deus me fez assim
Dona de mim

Deixo a minha fé guiar
Sei que um dia chego lá
Porque Deus me fez assim
Dona de mim

Boal (2000) nos convida a refletir qual é o momento que a aura da obra de arte surge e nos conduz ao pensamento de que qualquer criação deve ser feita antes de ser usada. No caso das criações artísticas, a aura se desenvolve depois da criação do objeto e não antes, pois a construção do objeto de arte precede sua utilização. Dessa forma, a utilização da Estética do Oprimido dentro de um grupo de pesquisa em uma escola pública se faz cada vez mais necessário, pois é uma potente aliada para, a partir dela, estimular as mentes e a criação dessas estudantes.

Após todo esse processo do Teatro do Oprimido, desmembrávamos essas cenas e criávamos as performances, recortando poesias, falas das meninas, música, trabalho corporal e todo e qualquer estímulo que elas trouxessem.

A performance consistia na chegada das meninas em algum ambiente escolar cantando a música “Ela só quer viajar, ela só quer viajar daqui para qualquer lugar”, de Kell Smith, música trazida por elas. Após a chegada, iniciava-se o texto “Meu Território”, de Andrea Moraes. À medida que iam falando, tiravam a blusa da escola pública, colocavam dentro de um balde cheio de tinta vermelha e começavam a pintar o corpo de vermelho com a blusa embebida de tinta. Uma das meninas, puxava aos berros por entre as pessoas a poesia de Victória Santa Cruz, “Gritaram-me Negra!”. O coro feminino, com o “balde de sangue na cabeça”, respondia a cada fala, incitando a plateia a gritar também: “Negra! Negra! Negra!”. Enquanto elas faziam essa ação, uma das meninas se afastava e lia uma poesia sobre feminismo feita por ela. Andavam pelas pessoas, vestiam suas blusas sujas de vermelho, viravam-se de costas, botavam as mãos nas bundas, levantavam seus braços com punhos cerrados e lá ficavam, paradas, até que todos comessem a se dissipar.

O silêncio após a performance era ensurdecido. Uma suspensão no ar da escola vinha acompanhada de olhares, admiração, dúvida e muito choro das meninas que participavam. Professores e estudantes em comunhão se entreolhavam tentando

entender. Na hora do recreio era possível ouvir em muitas bocas um som ecoando que gritava: “Negra! Negra! Negra!”, acompanhado da coreografia feita pelas meninas.

IV.2. NOSSO QUILOMBO – uma experiência mais recente no Carioca 1

Tem sido um prazer lecionar na turma de Carioca 1 no ano de 2022. Ano marcado pela reabertura, mesmo que ainda atenta, das grades que nos aprisionaram em nossos maiores medos: o de morrer ou de ver morrer.

O Projeto de Carioca 1 é um projeto de correção de fluxo e foca principalmente em estudantes em situação de evasão escolar. Principalmente após a pandemia notou-se uma grande quantidade de educandos e educandas que não retornaram à escola. Se levamos em consideração que a turma de Carioca 1 se refere ao sexto e sétimos anos do Ensino Fundamental (no mesmo esquema de supletivo, dois anos em um), isso ainda se agrava. O motivo é que esses educandos e educandas pararam de estudar no terceiro ano do Ensino Fundamental, ano esse que entendemos que seja a finalização da alfabetização. Ou seja, aqueles que já estavam “atrasados”, ou porque repetiram ou porque “perderam” o ano por motivos de viagens, doenças, situação de vulnerabilidade, encontravam-se dois anos longe do chão escolar e sem nenhuma relação com a escola.

Passamos todas as tardes da semana juntos e juntas, de 13 às 17 horas. Vivemos como uma comunidade, o nosso “Quilombo Carioca”. São trinta e cinco estudantes que por algum motivo encontram-se “atrasados” no período letivo e entram para o projeto como forma de “acelerar” sua vida acadêmica, equalizando a relação idade/ano letivo. Na verdade, essa é a teoria do objetivo do Projeto Carioca. O que acontece na prática é muito mais profundo e cheio de camadas.

No início do ano de 2022, havia duas turmas de Carioca 1, mas apenas eu como professora. Em fevereiro, em conversa com a Gestão da escola, pensando nos danos sofridos por esses estudantes afastados da escola, sem pisar no chão escolar por tanto tempo, resolvemos que eu daria aulas para as duas turmas juntas, até que encontrássemos uma professora.

As aulas fugiam completamente a regra do que deveria ser uma turma de Projeto, que deveria seguir presa a um método diferente do usual, com cadeiras em forma de semicírculo, turma com quantidade de estudantes reduzida, além de uma sala de aula em que eu pudesse transitar entre eles, para dar uma atenção individualizada. O que ocorria era o verdadeiro caos. Um caos que não era apenas deles, mas meu, de toda a escola e acredito de todas as instituições escolares no ano de 2022.

O que esses estudantes esperam hoje da escola?

O que eles viveram durante tanto tempo distantes das escolas?

O que nós, professoras, esperamos desses estudantes?

O que é o processo de aprendizado após uma pandemia?

Quais habilidades foram desenvolvidas nesse tempo de reclusão?

Por que eles estão tão apáticos?

Por que eles estão tão caóticos?

Será que ainda consigo dar aula?

Eu dou conta de ensinar matérias às quais eu nunca soube de verdade na minha vida enquanto estudante? Matemática? Geografia??

Será que a prioridade é ensinar matemática e português?

Eu dou conta de dar aula a duas turmas ao mesmo tempo?

Por que eles se acham tão incapazes?

Quem os fez desacreditar de seus potenciais?

Eram tantas questões que permeavam meus pensamentos. Tantas inseguranças, incertezas, medos, receios, que a sala de aula virou, em um primeiro momento, um lugar de busca por contorno e desconstrução coletiva, para só após isso, iniciarmos qualquer discussão do que poderia ser o conteúdo. Minha cabeça só pensava em acolher e ser acolhida.

Deparamo-nos com uma realidade mais assustadora do que imaginávamos, além de um caos emocional estampado na face da maioria dos estudantes, percebemos o nível de analfabetismo alarmante, em que há muito tempo não nos confrontávamos na Rede Municipal. Uma turma onde muitos não sabiam nem ler, nem escrever.

O perfil desses estudantes, que entram para o Projeto, é de jovens em situação de evasão escolar, vidas muito difíceis, situações familiares emergenciais e jovens que não

acreditam na escola enquanto lugar de emancipação de saber. Muitos estão ali apenas por obrigação de seus responsáveis para a retirada do Programa “bolsa família”.

O Programa Bolsa Família foi criado durante o primeiro governo do presidente Luiz Inácio Lula da Silva, do Partido dos Trabalhadores (PT), em 2003, com objetivo de unificar os programas de transferência condicionada de renda existentes até então no País. O foco do Programa Bolsa Família na população infantil e jovem pode ser notado pela exigência de que todos os jovens em idade escolar estejam matriculados na escola possuam frequência de 85% da carga horária do ano letivo. (Infoescola. Navegando e aprendendo)

O fato de muitos desses estudantes não saberem as quatro operações matemáticas e estarem em diferentes níveis de analfabetismo impressionou toda a Rede Municipal de Educação. Essa era uma realidade não apenas da minha escola, mas da maior rede da América Latina.

Entendo que quando esses estudantes foram impedidos de frequentar a escola por causa do vírus, eles eram do terceiro ano do Ensino Fundamental, fase em que estão (ou deveriam estar) finalizando sua alfabetização. Diferente das escolas particulares, esses estudantes não tiveram acesso à internet, ou tiveram, mas como acessar uma sala de aula virtual em um celular que muitas vezes era dividido por outras pessoas da mesma família? Como se concentrar em uma sala de aula virtual em uma casa em que dez pessoas dividem apenas um cômodo? Como ter aulas online se a principal questão naquele momento era ter o que comer? Como responsáveis poderiam colaborar com o ensino remoto desses estudantes, se muitos têm mais do que dois filhos e precisavam trabalhar ou tentar procurar um emprego para dar o mínimo necessário para a sobrevivência daquela família?

Esses estudantes voltam para a escola no Projeto Carioca 1, que corresponde ao sexto e sétimo ano do Ensino Fundamental, em completo desamparo educacional e emocional. Fica latente e exposto a potência da escola pública perante a comunidade escolar e o quanto a ausência dela pode contribuir para que milhares de meninos e meninas pobres, na maioria negros, escondam-se cada vez mais em suas comunidades. Não transitando assim pelos espaços públicos, me deparo com uma realidade que nunca imaginei passar, enquanto uma professora de Teatro.

Penso que a única solução seja utilizar aquilo que mais sei para tentarmos juntos e juntas criar um elo, a confiança de tornar a sala de aula um lugar de prazer, alegria e cumplicidade. Para isso era necessário que falássemos de nós mesmos, que nos desconstruíssemos para nos reconstruirmos juntos, enquanto turma, grupo, comunidade.

Foram dois meses de muitas assembleias, parcerias com psicólogas da rede, diálogos, falas, abraços, choros e revelações. Dessa entrega, surgiu um laço de confiança muito forte e o caos foi se transformando em desejo de aprendizado. Comecei a notar a diferença nos olhos daqueles meninos e meninas que pareciam ter o fosco como tinta de seus globos oculares. Uma pergunta sobre matemática, um desejo de ler um livro. Os ouvidos atentos ao ouvir as histórias contadas diariamente. Todos os dias após as aulas eles escolhiam uma posição confortável, escolhíamos um livro e eu lia. As vezes durante uma hora. Fomos nos moldando e entendendo que planejamento seria possível para nossa turma, tão peculiar e tão heterogênea.

Ao final de três meses encontramos uma professora para dar aula e dividimos a turma em duas. Essa ruptura gerou muita tristeza, revolta e rebeldia com a professora que chegou. Eles, pela primeira vez em dois anos, estavam se sentindo pertencentes a um grupo que tinha um objetivo para o futuro. Um grupo de acolhimento, onde eles poderiam errar e acertar.

Ouvi falas das mais variadas:

- Você prometeu tanta coisa para nós e agora nos abandona.
- Você é mentirosa, como todos os outros
- Isso não vai ficar assim!
- Eu não aceito que essa turma se separe
- Eu te amo!
- Eu te odeio!
- Não volto mais para essa escola

No primeiro dia da professora nova, fui levá-la até a sala que seria a dela e lhe apresentei a turma. Os estudantes como forma de rebelião, ficaram de costas sem ouvir o que falávamos. Não deslegitimamos suas atitudes, respeitamos o momento. Ela se apresentou e eu fui para a minha sala. Após alguns minutos, a professora e alguns

estudantes apareceram na minha sala dizendo que o celular da professora tinha sido roubado. Essa teria sido a maneira que eles tiveram para reivindicar a traição acreditavam ter sofrido. Após muita conversa e desespero da professora nova, o celular apareceu com um papel que dizia: “Não sou ladrão, só estou com raiva!”

Com o tempo os estudantes foram percebendo que a divisão da turma era também para o bem deles e delas e foram se conformando. Enquanto isso, a minha turma ia criando autonomia e integração muito fortes. Na divisão da turma também ganhamos uma sala nova, só nossa, que à medida que trabalhávamos os conteúdos, íamos customizando-a com a nossa identidade.

Na disciplina de ciências abordamos o sistema solar. Conteúdo que prendeu o foco de desses estudantes. Fizemos os planetas e sol com seus corpos. Pesquisaram as características de cada planeta e, a partir dessas informações, escolheram o perfil físico e psicológico de cada planeta, como se fossem um personagem. Utilizando os movimentos de translação e rotação, desenvolvemos algumas cenas em que os planetas e sol interagem e dialogavam.

Em nossa sala temos um armário coletivo, onde todos e todas são estimulados(as) a trazer elementos, objetos que não utilizam mais em casa, para compor esse armário mágico. Eu tinha levado alguns vinhos que não usava mais e com a turma construímos móveis de planetas, penduramos todos no centro de nossa sala, compondo o sistema solar. Um dos estudantes, ao convidar a Coordenadora para visitar a nossa sala em construção disse: *O bom de ter esses sistemas solar aqui em cima de nossas cabeças é que faz a gente sentir parte de uma coisa muito maior, que é o universo.*

Dessa maneira colaborativa fomos adaptando o currículo às habilidades e desejos de aprendizado daqueles estudantes. Como enfoque sempre em uma Educação antirracista, iniciamos os debates a respeito da invasão dos portugueses em nossas Terras e como os povos originários e o povo negro foi brutalmente oprimido até os dias de hoje.

Os debates sobre o racismo surgiram rapidamente, quando começamos a estudar a história do Brasil e a invasão dos Portugueses em nossas terras. O filme “Quilombo,

de Cacá Dieguez” foi passado no nosso *cine clube* de sexta-feira. Uma vez por semana é exibido um filme que permeia os conteúdos abordados dentro de sala de aula. Enquanto o filme estava sendo exibido, interrompia a exibição com pequenas intervenções a fim de estimular o pensamento crítico, além de situar social e historicamente o conteúdo do filme.

A estética do Oprimido acompanha de forma transdisciplinar os debates, já que, no caso de uma turma de Carioca 1, que conta apenas com uma professora, e é ela quem dá o tom da transdisciplinaridade. O transbordar da estética do Oprimido, da performance e de uma Educação antirracista, antifascista, antimachista, antisexistista transborda a História, a Matemática, Ciências e qualquer conteúdo a ser abordado dentro de sala.

No debate eles puderam expressar suas dúvidas e entender suas ancestralidades. A representatividade de Dandara, o heroísmo de Zumbi, a história da resistência dos quilombos gerou tanto debate, que nesse dia ficamos até o final da aula apenas falando e discutindo a respeito do filme. O planejamento da aula se curvou ao ávido desejo daqueles meninos e meninas em conhecer mais sobre a história do seu país, de seus ancestrais. O sentimento de pertencimento ia se construindo a cada debate, em cada mão que levantava e que vibrava pelo momento certo de falar, conhecer, debater e perguntar.

Pedi então para que cada um pensasse no final de semana em uma ação artística para expressar o que sentiram com o filme. Ou escolher algum personagem, fazer uma poesia, uma pintura, um desenho, uma cena, uma performance. Pensamos em várias expressões artísticas e pedi para que eles trouxessem a que mais lhes fizesse sentido. Além disso, pedi para que contassem a história do filme aos seus responsáveis quando chegassem em casa.

No final de semana fiquei pensando em cada um deles, os olhos, as fragilidades, as potências. Deparei-me com pensamentos que questionavam o poder da Educação e até onde uma professora pode interferir no futuro daqueles corpos tão potentes, mas ao mesmo tempo, tão desacreditados por eles, pelos responsáveis e por toda uma sociedade. São várias as incertezas e perguntas que me levam a ler, a pesquisar soluções e por pedagogias alternativas, mas que desencadeiam sempre no mesmo lugar: uma

pedagogia antirracista, antissexista, emancipatória, libertadora, onde esses corpos possam ser de fato independentes.

Como multiplicar nossa metodologia em uma sociedade marcada pela desigualdade e pela violência? Como estimular que oprimidos e oprimidas construam e se tornem protagonistas de seus processos de resistência?” (SANTOS, 2019, p.12)

A autora nos convida a pensar pedagogicamente, levando em conta que a maioria desses estudantes de escola pública também está invadida por ideias colonizadoras de inferioridade, subalternidade e de dependência. São corpos que são vistos pela sociedade brasileira como pessoas de categorias inferiores. Pessoas essas que são alvo de uma política genocida e são culpabilizados o tempo todo por sua situação social. Esses corpos também, mesmo que não tendo completa consciência disso, lutam para deixar de ser objeto de estudo, para se tornarem os próprios agentes e produtoras de seus conhecimentos.

Chego à escola na segunda feira com as palavras de Bárbara Santos (2019) ecoando meus pensamentos mais profundos. A luta é subjetiva e objetiva para entender como corpos de negros e de negras podem se deslocar dos lugares de subserviência, subalternidade e marginalidade para passar a ocupar lugares de destaque, poder e liderança, no fazer metodológico da estética do oprimido?

Ao chegar em sala, estavam todos e todas eufóricos com os resultados de suas pesquisas, percebi que estávamos em conexão, mesmo quando não estávamos juntos e juntas. Questiono-me o tempo todo: até onde vai a professora Débora? Até onde posso ser “apenas” uma professora? É possível chorar com eles em sala de aula? Preciso me manter forte o tempo todo para dar o exemplo? Minhas experiências como professora de Teatro sempre foram mais superficiais. O que é uma contradição imensa, pois o Teatro traz a necessidade de aprofundamento emocional para existir, mas apenas com dois tempos de aula por semana, não conseguia nada perto do que vivo hoje.

É a compreensão e o estudo de nossa própria marginalidade que cria a possibilidade de emanarmos como sujeitos (KILOMBA, 2019).

Percebo então que precisamos, antes de pesquisar qualquer outra pessoa de nossa ancestralidade, é necessário mergulhar dentro de nós mesmas. Buscando investigar, sentir, absorver o que passa dentro dos nossos corpos e o que emanamos a partir deles. Dessa forma, a partir dessa experiência, iniciamos um processo de busca por nós e até mesmo por nossos ancestrais.

Foi então que propus pela primeira vez a eles algo que já trabalho desde que iniciei a lecionar dentro de escolas: a meditação guiada. Organizamos a sala de aula em círculo, apaguei as luzes e pedi para que todos e todas fechassem seus olhos, enquanto me ouviam falar. Dessa forma, a euforia da criatividade poderia tomar forma e contorno dentro de todas e todos, tornando a reflexão que tiveram, a partir de suas impressões sobre o filme, algo mais palpável para trabalharmos.

Iniciamos com a respiração. O reconhecimento dela. Puxando o ar pelo nariz e soltando lentamente pela boca. Pedi para que eles só prestassem atenção na respiração. Dei um tempo para essa percepção e fui guiando a meditação com frases:

Estamos em uma escola, sabemos que há barulhos, sons, por todos os lados. Percebam esses sons, não os ignorem, mas aos poucos vão afastando esses sons. Não ignorem o que aconteceu antes de vocês chegarem aqui, tornem essas histórias significativas, mas aos poucos, vão afastando essas situações de vocês. Percebam seu corpo, joguem o ar para dentro dos seus pulmões. Sintam o ar entrar e aos poucos vão ficando apenas com a respiração de vocês. O jogo agora é não pensar em nada. Afastem todos os pensamentos, o que fica agora é o nada.

Aos poucos paro de falar e peço para fazerem mais algumas respirações e que abram seus olhos, à medida que sentissem essa necessidade.

Ao abrirem os olhos e olharem entre si, percebiam que algo diferente estava acontecendo. A atmosfera daquela sala de aula estava mais leve, positiva. E nesses mesmos olhos, eles trocavam cumplicidade pela experiência vivida. A cada momento me percebia fazendo parte de algo muito especial e que não daria mais para ser apenas professora, já estava atravessada por todas as minhas facetas enquanto pessoa.

Ainda em roda pedi para que falassem o que estavam sentindo naquele momento:

“Professora, você já me viu assim? Tô com medo desse eu novo!”

“A galera não vai nem precisar usar mais droga e nem beber, porque isso aqui dá onda”

“Eu estou sentindo meu corpo flutuar”

“É como se eu estivesse dormindo, mas estou acordada”

“Me deu sono”

“Me deu fome”

“Me deu vontade de chorar, mas eu não tô triste”

“Vamos fazer isso sempre?”

Desde então, nosso roteiro de aula inicia sempre com a meditação guiada, seguida de uma conversa de como estamos nos sentindo. Após esse relaxamento de mente, corpo e coração, proponho alguns jogos que estimulam a fala entre eles enquanto grupo. Esse jogo veio indicado pelo material fornecido pela Escola de Formação Paulo Freire, através do *Programa Espaço Ser*. Programa esse que visa promover a Educação Socioemocional dentro de sala de aula. Perguntas como:

- Qual foi o dia mais triste da sua vida?
- Peça desculpas para alguém da roda
- Algo que você falou que deixou todos rindo a sua volta
- Qual a sua lembrança mais antiga?
- Faça uma declaração de amor a alguém da roda
- O que mais te incomoda em seus colegas?
- Quem é a pessoa mais importante para você?

Com a sala em círculo, proporcionamos uma organização espacial em que alunos e alunas possam se ver, se observar e falar. Saindo daquele padrão institucional de uma escola que propõe que os estudantes estejam enfileirados, uns atrás dos outros, olhando durante o ano todo para a nuca de seu colega. Dessa maneira, os estudantes conseguem expor suas emoções e, através de suas falas, ver as reações de seus colegas. Nos tornamos cúmplices, aliados, fazendo parte de uma construção de uma “mini sociedade”, onde a empatia pode realmente ser algo do nosso cotidiano.

O papel psicológico e psicossocial dessas dinâmicas traz segurança para serem quem realmente são nesse ambiente escolar que por muitas vezes é tão opressor e excludente. O adolescente já se caracteriza por se subdividir em nichos, tribos, gangues. Se você não se enquadra naquelas formas que já estão estabelecidas, provavelmente será excluído, oprimido e rotulado como diferente. Colocar suas fragilidades expostas nesse ambiente pode ser algo doloroso para esses jovens e exige do condutor (no caso dessa pesquisa, a professora) cuidado e generosidade na mediação.

A estética do oprimido mais uma vez é uma aliada que ampara diariamente meus percursos em sala de aula, através das ideias emancipadoras de Augusto Boal, e de todas suas ramificações e de ecos da contemporaneidade, com o Teatro das Oprimidas.

De acordo com SARAPECK 2019, Boal não acompanhou em vida o Teatro do Oprimido (TO) entrando de sola no chão escolar. Seu foco, junto ao Centro de Teatro do Oprimido, eram as instituições não formais, onde o TO pudesse gerar raízes.

Mesmo o retorno de Boal ao país ter sido marcado pelo trabalho de Teatro do Oprimido dentro dos CIEP cariocas (Projeto Fábrica Popular de Teatro), não era esse o intuito de Augusto Boal, uma interação dentro da grade curricular, ou até mesmo uma utilização do TO como disciplina regular. Seus trabalhos com a Estética do Oprimido aconteciam de forma mais pontual dentro dessas instituições.

SARAPECK (2019) ainda questiona a Academia por colocar “de lado” o Teatro do Oprimido, dessa forma, reduzindo a possibilidade de professores e professoras de Teatro terem a possibilidade de contato com essa técnica tão poderosa, principalmente dentro das escolas públicas. Porém, o debate não para por aí, promove a reflexão de que tipo de universidade pública, e consequentemente escola pública, queremos para nosso país. Uma universidade eurocêntrica, pautada por um corpo docente majoritariamente masculino, heteronormativo e branco, ou de uma academia onde discentes e docentes se sintam representados por seus corpos diversos?

A estética do Oprimido traz à tona essa discussão diária dentro das salas de aula. Quem são os meninos e meninas que estão dentro das escolas públicas? Onde eles se

sentem representados e onde a minoria branca que lá habita, percebe um corpo negro como potente, e não apenas através de uma visão de um corpo escravizado?

O Teatro do Oprimido me permitiu lecionar, me entendendo como uma mulher branca e privilegiada, mas lutando por uma Educação não opressora e antirracista, antissexista e anti qualquer tipo de opressão que venha a acontecer. São através dos corpos desses estudantes que os jogos de Teatro do Oprimido permitem que os estudantes sintam suas opressões. Através dessas sensações colocadas, eles e elas talvez consigam entender como fazer para lutar e modificar suas realidades como indivíduos críticos, potentes e que movem a nossa sociedade atual.

Alguns exercícios de Teatro do Oprimido também são meus aliados no momento que quero que todas e todos estejam na mesma sintonia para iniciar algum trabalho de corpo. O exercício “João e Maria”, permite que todos e todas trabalhem juntos e juntas. O exercício consiste em falar João e aguardar o grupo responder: Maria. Todo esse trabalho ritmado. Após o grupo responder, eu estímulo com a palavra feijão, aguardando o grupo falar: arroz. E assim vamos criando uma música, onde eu falo antes e eles respondem com os opostos. Depois de muito fazer com essas palavras simples, vou subvertendo o exercício e colocando palavras como: racismo, homofobia, misoginia, machismo, aguardando ouvir deles os opostos dessas palavras. As palavras que mais aparecem são: paz, amor, feminismo, potência, vida!

No auditório da escola, encontra-se um palco. É um ambiente amplo, com cadeiras e que pode ser bastante eclético em suas possíveis formações espaciais. Iniciamos a semana da exibição de suas expressões artísticas com a meditação, depois com o debate e logo após a Educação Socioemocional. Porém ainda não estava na hora deles mostrarem suas expressões artísticas. Percebi que, ao subir para o auditório, com um palco e uma professora de Teatro ali, surgiu o desejo do fazer teatral que transbordou aos olhos de todos e todas, além de ser mais um instrumento para a composição de suas obras. Resolvi então apresentar o Teatro Imagem a eles, inspirado no filme e em tudo que eles tinham pensado durante o final de semana.

Naquela época, utilizávamos técnicas muito simples, quase intuitivas. Mais tarde, desenvolvemos outras mais elaboradas e complexas, especialmente no *arco-íris do desejo*, que

trata das opressões interiorizadas. As deste relato, no entanto, são de 1976. Assim chamada imagem de transição tinha objetivo ajudar os participantes a pensar com imagens, a debater um problema sem o uso da palavra, usando apenas seus próprios corpos (Posições corporais, expressões fisionômicas, distancias e proximidades etc.) e objetos. (Boal, 2000. P5)

Em roda, pedi para que uma pessoa fizesse uma imagem de opressão/racismo. O menino então foi para o centro da roda, se agachou com olhar de medo, protegeu o rosto como se alguém fosse lhe bater. Pedi para que a turma observasse aquela imagem e o que despertava neles. Debatemos. Fui pedindo para que mais pessoas fizessem imagens de opressões sofridas no filme. Pedi para que o menino refizesse sua imagem e que outra pessoa completasse a imagem dele. Imediatamente muitos estudantes se colocaram no lugar do opressor.

De acordo com FREIRE 1987, quando não temos uma Educação emancipatória e libertadora, o sonho do oprimido pode se tornar ser o opressor. A baila dessa reflexão, podemos entender que esses jovens sofrem tantas opressões que talvez a vingança, se voltar contra seu próprio povo, seja a única solução possível em tempos de guerra. É nesse impulso que a Educação não opressora e de reflexão acerca desses temas e estimula o conhecimento emancipatório.

Disse que teriam que se colocar em outros lugares, outras situações. O que vocês fariam se vissem uma situação como essa? Apenas observariam? Colocar-se-iam na frente? Esconder-se-iam também? Fingiriam que não estavam vendo?

Fui dando alguns estímulos para que eles fossem construindo essa cena com mais camadas, entendendo o que essa imagem podia de fato representar para eles. Após experienciar com exaustão as imagens, separei a turma em grupos e pedi para que cada grupo escolhesse uma imagem que mais tocou a eles e que criassem uma imagem anterior àquela e uma posterior. Ou seja, o que ocorreu antes da opressão? Qual a imagem que precede uma opressão? E qual imagem retrata o que aconteceu após a opressão? O que pode ser feito após a opressão?

Uma imagem impressionante foi a do grupo de cinco meninas e um menino que se inspirou na imagem de opressão contra mulheres negras. Ele é um menino bem alto,

forte e branco. Na imagem principal, ele estava de pé, olhando para baixo, como se estivesse brigando com elas, com o braço apontando o chão e o outro braço como se fosse bater em uma delas. Nesse momento as meninas estavam com as mãos no rosto, com medo, pânico desse agressor. Na cena anterior as meninas negras limpam o chão, arrumam seu sapato e uma outra se insinua, colocando as mãos nos seios. A cena posterior mostrava todas as meninas de punhos cerrados, cabeças erguidas, olhando fixamente para o opressor e protegendo aquela que ele tentava bater.

Repetimos as cenas muitas vezes. Eu repetia: Cena 1! Cena 2! Cena 3! Para que elas ficassem bem construídas e entendidas corporalmente, além dos debates de análise de cenas: qual opressão ocorreu nessa cena? O que aconteceu antes que pudesse gerar essa opressão? Na terceira cena, qual foi a maneira encontrada pelas mulheres negras para combater aquela opressão? O feminismo negro é necessário? Machismo existe? Vários estímulos foram sendo dados para que a discussão em sala de aula ocorresse.

Após todos mostrarem suas cenas, pedi para que pensassem sons e como eles poderiam ligar uma imagem na outra. Depois, com aquelas imagens, pedi que criassem uma cena onde o opressor ganhasse no final. É impressionante como todos e todas ficaram tristes e angustiados com a possibilidade de o opressor vencer no final. Expliquei-lhes que dessa maneira poderíamos pensar estratégias de modificar a cena, até chegar ao que seria uma cena ideal para todos e todas nós. Fizemos então as cenas de Teatro Fórum, onde eu me colocava como *Curinga*, estimulando a plateia a falar e a se colocar de fato no fórum.

Na perspectiva de RECCHIA 2019, a curinga é uma lutadora que idealiza um mundo melhor, ela age e deve agir de acordo com as circunstâncias do debate e da cena. Ela estimula os participantes a tornarem-se estrategistas do próprio jogo, da própria vida, no seu tabuleiro. Ser um curinga é levar reflexão da vida a ideia de que crise é oportunidade. Ser curinga é ser oprimida, dentro do contexto de Teatro do Oprimido, e ao identificar a opressão, lutar contra. Para ser curinga é necessário que se haja dúvida, duvidar até mesmo do seu lugar de curinga, dos lugares que ocupa.

BRITTO 2019 acrescenta que o curinga é um educador popular, que está sempre dialogando com movimentos, sejam eles políticos, sociais ou culturais e que tem a

estética do oprimido como ação política transformadora. Ainda ressalta que para ser curinga é necessário ter o compromisso de construir, através de muito estudo, uma práxis revolucionária, que seja sempre mutável, maleável e aberta ao novo.

Em uma cena, pudemos perceber a opressão contra um menino negro que apanhava de seu padrasto branco. As propostas eram: de matar o padrasto, bater nele. Mas quando digo que eles não podem se colocar no papel do opressor, eles desistem e acham que a cena não tem solução. É importante estimular o pensamento de que quem está sendo oprimido, ou de quem está vendo a opressão, que também pode ser agente da mudança e pode mudar a cena, tornando aquela situação ideal para todos e todas nós.

Outra cena que foi criada a partir do Teatro Imagem citado anteriormente: a cena das meninas oprimidas pelo seu patrão branco. Essa cena contou com uma das meninas da plateia pedindo para fazer a curinga, a mediação da cena. Ela estimulou e problematizou a situação de opressão perguntando se em alguma vez na vida delas já tinham sentido a mesma coisa que a personagem. Ela ainda perguntou: *Vai dizer que vocês não sentiram vontade de gritar? De bater na cara desse cara? Então, meninas, agora é a hora de vocês se vingarem e falarem tudo que vocês querem na cara desse machista!* Imediatamente as espect-atrizes se inflamaram e gritaram: *Machista!!! Diz pra ele que você não é empregada e que não vai ficar limpando chão pra marmanjo, não!* E outra concluiu: *Diz que ele é grande, mas não é dois! Que nada que um pedaço de pau não resolve!* Quando as meninas foram se acalmando, uma delas levantou a mão e disse: *Acho nada a ver combater uma agressão com outra, eu tenho uma ideia, posso ir?*

Ela então se colocou no lugar da amiga que estava apanhando, se esquivava, pega o celular escondido e grava todas as opressões sofridas, em uma gravação online. A outra coloca na internet e juntas elas conseguem fugir de lá juntas. Na cena final, elas assistem juntas no celular a prisão do patrão que fazia as suas funcionárias de escravas em pleno século XXI.

No dia seguinte da apresentação de todas as cenas, subimos mais uma vez para o auditório para a apresentação das expressões artísticas criadas por eles a partir do filme Quilombo. O resultado dessa mostra foi surpreendente, pudemos ver desde leituras de críticas ao filme, passando por poesias criadas a várias mãos dentro de casa por toda

família, esculturas de argila, maquetes e até performance de uma menina chamada Marielle, fazendo Dandara. Em muitos momentos a turma inteira se emocionou.

A dedicação da turma para realizar esse trabalho foi tamanha que gritou aos olhos da comunidade escolar, que se envolveu, com a movimentação artística que pulsava o chão escolar. Porque aqueles estudantes fizeram reverberar toda sua ancestralidade pela escola. Havia as cozinheiras querendo assistir, estudantes de outras turmas, as diretoras e professores interessados em descobrir o porquê de tanto entusiasmo. Eles se sentiram importantes e mais uma vez acreditaram que o que eles produzem é importante e potente. Estavam cada vez mais se empoderando de algo que sempre foi deles, mas que ignoravam: o prazer pelo saber e a possibilidade de a sala de aula ser realmente entusiasmada.

O primeiro a se apresentar foi um menino negro de olhos pretos amendoados, um dos mais envergonhados da turma. Recordo-me pouquíssimas vezes em que ouvi sua voz. Foi até a frente do palco e de uma maneira doce trouxe uma poesia feita por ele e sua mãe no final de semana. Ele nos contou que mostrou o filme aos pais, que assistiram juntos e que quando a mãe estava cozinhando o chamou e disse: “ô menino, você já sabe fazer poesia?” Ele respondeu que sim e ela então lhe perguntou se não a ensinaria para que eles pudessem fazer juntos. Falou-me tão orgulhoso do que tinha produzido e tão feliz pela experiência vivida, que eu nem me importaria se ele subisse ao palco e não dissesse nada. Mas quando começou a ler, todos nós nos encontramos em suspensão, magnetizados pela sua fala doce, forte e verdadeira. Ele por vezes embargou a voz, disse que sentiu um nervoso, mas estranhamente bem, que ele nunca tinha sentido antes.

Poesia Zumbi

Zumbi, meu Zumbi,

Hoje meu coração eu arranco

Zumbi, hoje fui ao banco

E ainda estou presa

Escuto seus sinos

E ainda estou presa

Na senzala Bamerindus

Presa definitivamente

Presa absolutamente

Á minha conta corrente

Como sair do vermelho, sendo preta no país verde amarelo?

Quando acabou, a turma aplaudiu de pé a sua performance. O menino retirou os olhos do papel como se não acreditasse naquela resposta. O menino envergonhado que nunca falava nada na sala de aula, ficou um gigante no palco e enfim, pudemos ver abrir um sorriso gigante que abraçou a todos e todas.

Outra aluna, representante da turma, amarrou na sua cabeça um pano que a mãe dela usava quando estava fazendo quimioterapia. Contou-me que a mãe lhe deu antes de morrer e que ainda carregava o cheiro dela. Subiu ao palco com uma lixeira na mão, sentou-se numa cadeira, colocou a lixeira entre as pernas e começou a tocar aquela lixeira como percussão. Começou a gritar Zumbi! Cadê você? Onde está zumbi? A cena era forte e ela adora estar no palco, se sente confortável, e domina bem aquele espaço. Perguntei com muito respeito se ela se importaria de contar, como depoimento, aquilo que ela tinha me dito sobre o pano. Ela me respondeu que não, que aquilo seria uma homenagem à mãe que ela tanto amava. Ela subiu de novo ao palco, com seu pano na cabeça, a lixeira entre as pernas de onde ela tirava um batuque parecido com a ladainha da capoeira. Ao som de seu próprio batuque, ela dizia que era filha de Maria e que aquele pano era de sua mãe.

“O cheiro dela ainda tá aqui. Eu sinto todos os dias quando eu acordo. Durmo com esse pano, porque faz com que eu me sinta segura. Hoje, eu tô com ele aqui, pra falar de uma mãe que teve seu filho roubado dela. Eu sou uma filha que tive a mãe roubada de mim. Cadê Zumbi? Cadê Maria? Estão aqui nesse pano na cabeça e no som do meu tambor!”

A menina que no primeiro dia de aula chorou copiosamente nos meus ombros porque outra colega xingou a sua mãe, enfim pode desengasgar o grito que estava entalado durante tanto tempo. Olhou-me profundamente nos olhos e disse: *Tia, que parada é essa que a gente sente? Quero fazer isso pra vida toda! Como é que faz pra*

ser atriz? Esse bagulho é muito doido, mexe com tudo aqui dentro. Eu não queria chorar, mas tô aqui, ó, igual uma maluca chorando!

Quando olhei a chamada dessa turma pela primeira vez, me deparei com um nome, que não carrega apenas aqueles significados comuns dos nomes como o meu: Débora, que quer dizer abelha. Esse nome traz consigo os punhos cerrados e o sangue que corre nos corpos daqueles que morrem diariamente de maneira injusta. Carrega a cor dos estudantes das escolas públicas. Marielle era o número 25 da chamada.

No primeiro dia de aula, quis muito saber quem carregava esse símbolo. Ao fazer a chamada, já esperava que ao chamar por esse nome, ouviria como resposta imediata: PRESENTE! Mas qual não foi minha surpresa ao perceber que a linda menina negra, de cabelos alisados e presos, não gostava do nome que carregava. No dia seguinte, decide eu mesma responder: presente. Ela pediu para nunca mais fazer isso, que ela não gostava de ser comparada a ninguém, ainda mais com ela. Perguntei se ela sabia quem era Marielle Franco. Ela me disse que mais ou menos, pelo que a mãe tinha falado, e que na casa dela ninguém gostava de tal comparação. Percebi que não adiantaria continuar com o discurso daquela maneira e que seria melhor inserir o debate em nossas aulas, e só então mostrar o quanto aquela mulher foi e é importante para meninas negras como ela.

Marielle Franco é mulher, negra, mãe, filha, irmã, esposa e cria da favela da Maré.

Socióloga com mestrado em Administração Pública.

Foi eleita Vereadora da Câmara do Rio de Janeiro, com 46.502 votos.

Foi também Presidente da Comissão da Mulher da Câmara.

No dia 14/03/2018 foi assassinada em um atentado ao carro onde estava.

13 Tiros atingiram o veículo, matando também o motorista Anderson Pedro Gomes.

Quem mandou matar Marielle mal podia imaginar que ela era semente, e que milhões de Marielles em todo mundo se levantariam no dia seguinte.

Marielle se formou pela PUC-Rio, e fez mestrado em Administração Pública pela Universidade Federal Fluminense (UFF). Sua dissertação teve como tema: “UPP: a redução da favela a três letras”.

Iniciou sua militância em direitos humanos após ingressar no pré-vestibular comunitário e perder uma amiga, vítima de bala perdida, num tiroteio entre policiais e traficantes no Complexo da Maré.

Trabalhou em organizações da sociedade civil como a Brasil Foundation e o Centro de Ações Solidárias da Maré (Ceasm). Coordenou a Comissão de Defesa dos Direitos Humanos e Cidadania da Assembleia Legislativa do Rio de Janeiro (Alerj) e construía diversos coletivos e movimentos feministas, negros e de

favelas.

Aos 19 anos, se tornou mãe de uma menina. Isso a ajudou a se constituir como lutadora pelos direitos das mulheres e debater esse tema nas favelas.

(Fonte: Website Instituto Marielle Franco – <https://www.institutomariellefranco.org/>)

Alguns dias se passaram e as aulas seguiram com muitos conceitos antirracistas e referências de grandes mulheres negras. Ideias foram trocadas, aprendidas e sempre a Estética do Oprimido e temas como racismo, nos acompanhavam diariamente, permeando todos os temas abordados. Em um dia de roda, no início da aula, um assunto foi colocado na roda. Um dos meninos, negro, perguntou quem se achava negro na roda. Muitos e muitas não levantaram a mão e Marielle foi uma delas. Confesso que minha decepção saltou da minha face sem que eu pudesse disfarçar.

Após algumas aulas, no dia da apresentação, Marielle já estava com tranças afro, discurso antirracista e aceitando com um sorriso quando alguém respondia presente quando falavam seu nome. Ela escolheu Dandara para se inspirar. Vestiu-se de roupas com estampas africanas, que ela pegou emprestada de sua Tia. Contou-me que essa tia era a mais legal da família, mas depois que todos começaram a frequentar os cultos da igreja evangélica, a tia sumiu da casa da família, porque todos achavam que ela era muito diferente. Essa tia continuou seguindo a religião da Umbanda, que ninguém mais da família poderia seguir. Marielle contou que essa tia só se veste com “esses panos” amarrados na cabeça, no corpo e que quando ela viu Dandara no filme lembrou rapidamente da tia.

Marielle subiu ao palco e enquanto amarrava o turbante em seus cabelos com as recém feitas trancinhas, falou:

Eu sou Dandara. Eu sou mulher. Sou negra. Preta de cor e de pele. Meu cabelo é preto e eu sou guerreira. Criei o Quilombo junto com Palmares. Lutei ao lado dele. Não atrás! Eu lutei com Zumbi contra a opressão dos brancos. Contra aqueles que nos tiraram a religião, nossa história e nossa dignidade.

Depois que ela estava linda, punhos cerrados para cima, ela tira a roupa com os panos e o turbante. Estava com a roupa da escola e suas lindas tranças por baixo:

Eu sou Marielle. Carrego nesse nome toda a força da mulher guerreira. Eu sou Marielle. Mulher preta! Negra e de cabelos crespos. Eu sou Marielle. Carrego esse nome com as mãos

cerradas pra cima. Eu sou Marielle, Dandara, Dona Ivone Lara, Akotirene, Leci Brandão, Elza Soares, Maria, Karina, Ana Paula! Eu sou Marielle e quem tá presente aqui hoje sou eu, Marielle Anastácio”

Um silêncio ensurdecedor antecedeu os aplausos e gritos de alegria. Foi como se todos e todas estivessem lavando suas almas com aquele depoimento. Os estudantes subiram no palco e foram abraçar Marielle. A turma chorou junta.

Já a aluna Stefany, decidiu expressar sua arte através de uma pintura em carvão e lápis. Segurando sua pintura na mão, ela fala:

Aqui eu retrato os povos escravizados que foram obrigados a renunciar a sua religião de matriz Africana para ter que aceitar uma religião que eles não acreditavam e não fazia sentido nenhum para eles. Por isso eu fiz essa máscara, pois eles tiveram que se esconder do que eram de verdade, o outro lado da face, que vem por baixo, é o que eles realmente eram.

Outro estudante optou por expressar sua arte através de sua fala e explicando através de seus desenhos e reflexões como se o filme o tinha atravessado. Ainda tivemos outro menino que fez uma escultura de Zumbi dos Palmares com argila.

Muitas foram as formas artísticas que surgiram para expressar como o filme Quilombo e o conhecimento pela ancestralidade atravessou a esses estudantes. Percebi que a semente da pesquisa pelo saber havia sido plantada e que agora estariam mais fortes para entender o real poder que está dentro de cada um dessa turma.

As cenas de Teatro Fórum e as Performances criadas pelos estudantes foram registradas e editadas por eles, que fizeram um vídeo que foi passado no dia da reunião de responsáveis, apresentada por eles.

Depois desse dia muitos filmes, textos, músicas e histórias foram contadas e apresentadas. Dentro deles os Filmes: *Medida Provisória* de Lazaro ramos, *Big Mike*, de Jonh Lee Hancock, *Como dois estranhos*, de Travon Free e Martin Desmond Roe, *Escritores da liberdade*, de Richard LaGravenese, *As irmãs Sheppard: das ruas ao pódio*, de Corinne Van der Borch, *Tone Grotkjord-glenne*. Assim como a *serie Colle em preto e branco*, de Collin Kaepernick e Ana Duvernay. Estudamos também os sambas

enredo da Mangueira de 2019 e 2020 (*História para ninar gente Grande – A verdade vos fará livre*), além do samba enredo do Tuiuti de 2018 (*Meu Deus, Meus Deus, está extinta a escravidão?*). A música de Emicida, *Principia*, principalmente a parte em que o Pastor Henrique Vieira recita. Conversamos sobre a entrevista feita com Lazaro Ramos a respeito de seu livro: *Minha pele* e ainda vimos a entrevista de Djamilia Ribeiro sobre racismo no programa *Saia Justa*. Estudamos também no dia do feminismo negro-mulheres importantes na emancipação das mulheres negra. Fizemos seus retratos em desenhos e pintamos com as cores dos países africanos. Ainda foram muitos os estímulos que vimos e ainda vemos todos os dias com a mesma temática.

Todos esses estímulos, geraram uma necessidade de expandir o entendimento no espaço de sala de aula. Resolvemos então criar a nossa parede antirracista, que está sendo produzida desde o mês de junho, e que conta com diversas formas de expressão: desenhos de mulheres negras pintadas com as cores dos países africanos, grafite, passando por textos explicativos e significados de algumas palavras Africanas, de quem são os orixás, quem são mulheres e homens negros que foram e são importantes na luta antirracista. A ideia é que essa parede nunca pare de se transformar, à medida que os estudantes perceberam algo importante, eles colam na parede, como um mosaico em movimento constante, porque estamos todos em construção sempre.

Em uma de nossas assembleias, debatemos a importância do Quilombo durante a colonização Portuguesa. Conversamos a respeito de resistência e dos “Quilombos sociais” que criamos para resistir as opressões diárias que sofremos. Um dos estudantes levantou a mão e disse:

Professora, eu sinto a nossa sala de aula um quilombo. Porque aqui, eu posso ser eu mesmo, não preciso me esconder. Me sinto bem com você e essas pessoas, parece que aqui nada vai acontecer de ruim.

Outra menina disse sentir a mesma coisa:

Quando a gente tá aqui na sala parece que a gente tá protegido. E a gente tá criando toda ela na parte de dentro. Muito diferente da escola. Aqui é colorido, animado, a gente conversa sobre tudo e ainda aprende um monte de coisa nova sobre os nossos ancestrais! Vamos chamar nossa sala de quilombo carioca?

Fizemos uma votação e resolvemos batizar a nossa sala com esse nome. Levei sobra de papel de parede do quarto dos meus filhos, que lembram uma textura de cortiça, com uma cor meio amarronzada, e juntas e juntos recortamos as letras. Afixamos a na porta da sala de aula – QUILOMBO CARIOCA- para que todos os estudantes pudessem saber que lá era nosso quilombo, e que lá é lugar de acolhimento para todos e todas, espaço que pode acolher qualquer um que chegue. No dia da inauguração, colocamos o Samba Enredo da Mangueira de 2019 (Canção para fazer ninar), a música que mais tocou a turma naquele processo. Dançamos e arrumamos tudo com muito carinho, com respeito e com potência.

“História Para Ninar Gente Grande”¹⁹
Estação Primeira de Mangueira, Marquinho Art'Samba

Alô Mangueira
Agora é a nossa vez
Vem, vem, vem comigo

Mangueira, tira a poeira dos porões
Ô, abre alas pros teus heróis de barracões
Dos Brasis que se faz um país de Lecis, jamelões
São verde e rosa as multidões

Mangueira, tira a poeira dos porões
Ô, abre alas pros teus heróis de barracões
Dos Brasis que se faz um país de Lecis, jamelões

Brasil, meu nego
Deixa eu te contar
A história que a história não conta
O avesso do mesmo lugar
Na luta é que a gente se encontra

Brasil, meu denço
A Mangueira chegou
Com versos que o livro apagou
Desde 1500
Tem mais invasão do que descobrimento
Tem sangue retinto pisado
Atrás do herói emoldurado
Mulheres, tamoios, mulatos
Eu quero um país que não está no retrato

¹⁹ Samba Enredo da Estação Primeira de Mangueira de 2019. Fonte: [Musixmatch](#). Compositores: Luiz Carlos Maximo Dias / Silvio Moreira Filho / Danilo De Oliveira Firmino / Deivid Domenico Ferreira Lima / Marcio Antonio Salviano / Ronie De Oliveira Machado / Tomaz Disitzer Carvalho De Miranda.

Brasil, o teu nome é Dandara
E a tua cara é de cariri
Não veio do céu
Nem das mãos de Isabel
A liberdade é um dragão no mar de Aracati

Salve os caboclos de julho
Quem foi de aço nos anos de chumbo
Brasil, chegou a vez
De ouvir as Marias, Mahins, Marielles, malês

Mangueira, Mangueira, tira a poeira dos porões
Ô, abre alas pros teus heróis de barracões
Dos Brasis que se faz um país de Lecis, jamelões
São verde e rosa as multidões

Mangueira, tira a poeira dos porões
Ô, abre alas pros teus heróis de barracões
Dos Brasis que se faz um país de Lecis, jamelões

Brasil, meu nego
Deixa eu te contar
A história que a história não conta
O avesso do mesmo lugar
Na luta é que a gente se encontra

Brasil, meu dengo
A Mangueira chegou
Com versos que o livro apagou
Desde 1500
Tem mais invasão do que descobrimento
Tem sangue retinto pisado
Atrás do herói emoldurado
Mulheres, tamoios, mulatos
Eu quero um país que não está no retrato

Brasil, o teu nome é Dandara
E a tua cara é de cariri
Não veio do céu
Nem das mãos de Isabel
A liberdade é um dragão no mar de Aracati

Salve os caboclos de julho
Quem foi de aço nos anos de chumbo
Brasil, chegou a vez
De ouvir as Marias, Mahins, Marielles, malês

Mangueira, Mangueira tira a poeira dos porões
Ô, abre alas pros teus heróis de barracões
Dos Brasis que se faz um país de Lecis, jamelões
São verde e rosa as multidões

Mangueira, tira a poeira dos porões
Ô, abre alas pros teus heróis de barracões

Dos Brasis que se faz um país de Lecis, jamelões
São verde e rosa as multidões

Mangueira, tira a poeira dos porões
Ô, abre alas pros teus heróis de barracões
Dos Brasis que se faz um país de Lecis, jamelões

Brasil
Vem comigo Mangueira

IV.2 Re-performando: o processo

No início do mês de maio de 2021 recebi um telefonema do produtor do Festival RePensa²⁰. Festival que tenho grande carinho e admiração por suas pautas de resistência, desde 2018, ano de sua primeira edição. Esse ano, o festival aconteceu de forma inteiramente remota e foi subdividido em quatro dias, cada um dedicado a um potente debate a respeito das questões sociais. Minha participação seria no dia dedicado à luta pelos direitos das mulheres, “Bem-vinda ao Matriarcado!”.

Foi então que resgatei as memórias da performance “Meu Território!” realizada em 2019 na Escola Municipal José de Alencar e iniciei uma procura pelas meninas que haviam participado. Consegui achá-las nas redes sociais e pedi os telefones delas para conversarmos. Uma das meninas morava em Salvador, a outra continuava no Rio de Janeiro e a terceira morava em Nova York, o que dificultou um pouco a sua plena participação, em virtude do fuso horário.

Cadê a estudante que estava aqui?

Iniciamos o trabalho de forma remota e solicitei a elas que me enviassem vídeos com depoimentos sobre como a performance e o teatro atravessaram suas vidas, o que elas acharam de participar do grupo performático de Teatro do Oprimido em 2019, o que elas perceberam de influência na vida delas, se a pesquisa a respeito dessas mulheres interferiu na mulher que elas se transformaram hoje em dia e ainda, como elas receberam esse convite para participar comigo da performance.

Iniciamos, então, um processo de pesquisa remota, por meio dos estímulos da performance e do TO, além da memória dos textos e vídeos que nos atravessaram em 2019. Esse processo de ensaios remotos, com vídeos, depoimentos, performances virtuais e jogos do Teatro do Oprimido durou todo o mês de maio de 2021.²¹

²⁰ Festival RePensa constrói arte e reflexão através do diálogo e da arte da performance, questões de raça e gênero. A ideia é promover a inclusão e a diversidade, principalmente em tempos de pandemia e isolamento social. O festival é apresentado pelo Governo Federal, Governo do Estado do Rio de Janeiro, Secretaria de Estado de Cultura e Economia Criativa do Rio de Janeiro, através da Lei Aldir Blanc. Estudantes secundaristas, universitários das áreas de artes, filosofia, sociologia, psicologia, medicina, antropologia, história, cinema e teatro estão entre o público-alvo.

²¹ Alguns desses depoimentos compõem o item III.3.

O processo de direção se deu tendo a ferramenta *WhatsApp* como interface, desde os estímulos que iam sendo passados para elas retornarem com textos, poesias ou vídeos, até conversas e videochamadas para relembrar o tempo em que performávamos juntas.

Durante esse processo, fiquei sabendo que umas das estudantes se tornou digital influencer com mais de 100 mil seguidores. No seu canal ela fala sobre a força da mulher negra e nordestina e ajuda outras meninas a se empoderarem. A outra se tornou pequena empreendedora e tem seu próprio salão especializado em cabelos afros, na comunidade onde reside.

À medida que elas iam enviando os vídeos, eu ia dirigindo por meio de áudios do *WhatsApp*, ou por meio de vídeo chamadas, e assim podíamos ensaiar juntas. Eram áudios intermináveis, acompanhados de muita paixão, saudade e emoção por estarmos em parceria novamente.

Como a ideia do festival era que fosse produzida uma vídeo-performance, acompanhada de breve entrevista de como essa pesquisa se deu, resolvi então revisitar vídeos de arquivo que foram realizados em 2019 com o grupo. Além de todo esse material, gravamos algumas cenas e uma performance na Escola Municipal Jose de Alencar apenas com a menina que mora aqui no Rio de Janeiro. As cenas foram gravadas tentando retratar o atravessamento de uma menina que retorna à escola e a reencontra vazia, porém se reconhece na professora que um dia esteve vivenciando com ela o processo de ensino e aprendizagem. Menina e professora se confundem da mesma maneira que, como reflete Paulo Freire, não existe ensino sem aprendizagem, quem ensina aprende ensinando e quem aprende ensina ao aprender.

A performance “Cadê a estudante que estava aqui?” se deu na Rua das Laranjeiras, em frente à escola, no sinal de trânsito, no ponto de ônibus e na porta da Escola. Lugares que os estudantes da Escola Municipal sempre povoavam em tempos escolares sem pandemia. O questionamento é para o cidadão que passa por ali, se perguntar onde estão todos aqueles estudantes que transitavam pelas ruas do bairro, gritando, correndo, brincando e pertencendo de forma brincante ao espaço público?

A performance consistia em professora e aluna caminhando pelas ruas próximas as escolas e em algum momento paravam no sinal de trânsito, em frente à escola ou no ponto de ônibus, para realizar um dos primeiros exercícios que praticamos quando começamos a fazer aula de Teatro, o espelho. O exercício permite que duas pessoas se olhem e a partir dos movimentos da outra, as duas comecem a fazer movimentos juntas, sincronizados através do que a outra propõe, até que não se saiba mais quem se olha no espelho e quem é o espelho, como numa mistura simbiótica: as duas se tornam a mesma pessoa. Ao final, professora e aluna levantam um cartaz escrito de um lado: “Cadê a aluna que estava aqui?” e do outro: “Quem ensina?”.

IV.3 Re-performando: depoimentos

Como descrito no item III.1, após o grupo de performance ser criado, passamos um ano ensaiando e criando. Um ano intenso de muita descoberta e aprendizado. Infelizmente esses jovens eram do nono ano, último ano da Educação Fundamental II, ano em que saem de nossa escola e vão para o Ensino Médio. Mas de certa forma, eles sempre voltaram, para visitar, para olhar a escola, para dizer o que estavam fazendo.

Ao longo dos anos, fomos perdendo contato. Em 2020, fui convidada para fazer uma performance sobre o feminino. Pensei imediatamente no grupo performático que criamos na escola. Contatei algumas meninas e um menino que fizeram parte desse processo. Após dois anos sem nos falarmos, eu comecei uma corrida contra o tempo para achar telefones, e-mails, Instagram, da maioria dos estudantes que estavam no processo criativo do grupo performático. Tínhamos apenas um mês para pensar na performance, fazer, gravar e editar. Depois de muito pesquisar, consegui encontrar quatro pessoas. Fiz um grupo de WhatsApp:

Débora: Meninas, eu não acredito que estou falando com vocês. A internet é algo realmente incrível que permite que a gente estreite nossos laços. Primeiro, queria saber como vocês estão. Espero que vocês estejam bem e com saúde. Que a família de vocês esteja bem e com saúde. Segundo, queria dizer que eu estou muito feliz de falar com vocês e explicar essa doideira toda que iniciamos no Instagram. Nós fizemos aquele projeto que foi uma coisa superbacana, é realmente o tipo de projeto que eu acredito. Vocês foram super bem e incríveis. Eu saí da Coordenação da escola no ano

passado, passei para o mestrado da UNIRIO e estou superfeliz! A minha pesquisa do mestrado é o meu trabalho com Teatro do Oprimido e performance, na José de Alencar. E foi exatamente o grupo que nós criamos juntas. E então, dentro desse projeto, um amigo ficou sabendo da minha pesquisa e me convidou para participar do “Festival Re-pensa” que é um festival superimportante de diversidade, ainda mais nesse momento em que não podemos nos encontrar, sair de casa. Cada dia do festival tem um foco, falando sobre gênero, diversidade e sobre a mulher. É aí que a gente entra. Nesse espaço eu vou falar um pouco do meu trabalho enquanto professora, mulher em uma escola pública e me chamaram para fazer uma performance. E na hora eu pensei na gente. A ideia inicial é juntar o material que eu tenho gravado daquela época, com depoimentos de vocês e uma performance na rua ou na escola. Depoimentos que falem: o que aquele processo mudou na vida de vocês? O que mudou de lá pra cá? Foram muitas mudanças de 2018 para cá. A gente está em 2021 e o mundo deu um 360°. Isso tudo, a gente vai conversar. A gente vai criar juntas uma performance virtual com o texto da Vitória Santa Cruz, o texto da Andrea Moraes e os depoimentos de vocês. Depois a gente vai cruzar tudo com a performance na rua, se der pra gente sair de casa, por causa do lockdown. Eu queria saber se vocês topam e queria dizer que estou muito feliz com esse reencontro.

Alana: Meu Deeeus, Débora, quanta felicidade! Aquela foi a melhor época da minha vida. Eu vim morar na Bahia. Eu tenho o texto da Andrea, meu território até hoje todo decorado.

Elizabeth: Débora, eu tô morando em Nova York. Gostei muito do teatro e me fez acreditar que eu era uma mulher preta. O texto da Victoria Santa Cruz me fez ver isso.

Eduarda: Eu fui tão feliz com aquela experiência. Isso mudou tudo na minha vida! Eu era super envergonhada!! Sou até hoje. Nossa, eu amo vocês!”

Depois desse primeiro contato, várias mensagens foram trocadas. Mas infelizmente a Elizabeth desapareceu do grupo, dizendo que isso mexia muito com ela e que não estava preparada agora para falar sobre o processo. Respeitamos e continuamos seguindo.

Ao longo do tempo, pedi para que elas mandassem o seguinte roteiro de vídeos para mim:

Gravar um vídeo sobre como foi a experiência de fazer parte do grupo de Teatro criado pela gente na José de Alencar. O que foi mais interessante? O que mais te instigou? Como isso interferiu na mulher que você é hoje? O Teatro te abriu os olhos para algo? O que mudou de lá para cá? Conte um

pouco desde o dia que começaram os ensaios até os dias de hoje, com a influência da pandemia. Pode falar de tudo, de sentimentos, frustrações, das mudanças da vida. Tudo! E o que vocês sentiram quando entrei em contato com vocês.

Alana: Oi, eu sou a Alana, uma das meninas que apresentou e viveu a performance na José de Alencar, no Rio de Janeiro. Baseado no texto Meu corpo, meu território, da Andrea de Moraes, com a ajuda da Débora, Coordenadora da escola na época.

Esse texto eu tenho comigo até hoje, não anotado nem guardado nem papel, mas aqui no meu coração e na minha cabeça. Foi um texto que mexeu demais comigo. Eu sempre gostei de falar e de me expressar, mas só que eu não sabia como. Quando a Débora veio com aquela proposta, eu fiquei assim, eu quero! Eu quero! Então eu aceitei na hora, mas quando ela veio preparando a gente em relação a posicionamento, a fala, a gente entender o que a gente tava falando, eu desisti, pensei: Ah, não quero mais não. Porque a gente olhando assim é muito fácil na hora de ver, mas nós mexemos e conversamos sobre muitas questões que eu nunca tinha falado com ninguém e isso dá medo. Só que ao mesmo tempo que eu tinha medo, eu também me sentia muito bem nos encontros e lá eu podia ser eu mesma. Lá, tudo podia, mas não era bagunça não, é como se ela fizesse com que todas se admirassem, como se eu tivesse um lugar no mundo.

De lá pra cá muita coisa mudou, na época eu tinha 14 anos, ia fazer 15, hoje eu tenho 17 e vou fazer 18. Então tem um tempinho já. E hoje, eu vejo as coisas totalmente diferentes. Eu via as coisas com a mente muito infantil, por conta de ser tão nova e hoje, não só hoje, mas depois do grupo, eu entendi mais o que era a vida, quem eu era. As coisas ficaram mais claras pra mim, eu vejo tudo com mais facilidade. Porque hoje em dia a gente fala tudo mais abertamente, sobre essas questões do machismo, da mulher e seu papel na sociedade, mas naquela época, pelo menos para mim, não era tão aberto como é hoje. Por exemplo, a Andrea Moraes, fala um pouco sobre estupro matrimonial. Eu não tinha ideia o que significava. Quando gente começou a debater e a Débora explicar eu fiquei assim: Gente! Isso pode? Isso existe? Por que alguém faz isso com a mulher que ama? Será que ama? Estupro matrimonial é quando as pessoas são casadas e um não quer transar e o que quer obrigar o outro. A maioria das vezes isso acontece com homens sobre as mulheres. Acho que sempre, né? Como por exemplo, também o corpo da mulher na sociedade. Eles acham que nosso corpo é objeto, que eles podem fazer o que quiserem com ele, que é brinquedo, pode fazer e acontecer. Muitas das vezes a desculpa é que estava com roupa curta, que estava com decote, que o batom estava assim, o batom estava assado, o cabelo estava assim... Eu acho que o estupro não tem roupa para acontecer, porque se tivesse, sei lá. Só sei que nós estamos sujeitas o tempo todo a sermos estupradas. E de lá para cá eu aprendi a me posicionar em várias ocasiões, aprendi a falar. Falar de forma crítica, sabe?

Foi incrível essa performance que a gente fez. E o que mais me estimulou a fazer isso, que eu estava com tanto medo de mexer nas coisas que estavam aqui dentro, foi a Débora acreditar em mim. Acho que eu nunca vi ninguém acreditar em mim mais que eu mesma. Ela falou assim pra gente: Eu acredito em vocês, ninguém sabe mais sobre vocês que vocês mesmas. Eu

aqui só sou uma a mais e nós estamos jutas nessa. Naquele momento, eu lembro até hoje, fico até arrepiada, naquele momento eu pensei: Caraca, ela acredita na gente! Eu, que nunca tinha feito Teatro na vida, nenhum curso, nunca tinha ido ao teatro, no máximo o que eu tinha feito foi apresentar na frente o trabalho da escola. Mas fazer aquela performance pra escola toda, pra autora do texto, eu nunca imaginei. Minha perna tremia e eu adorava aquela sensação de medo, com desespero, mas deu tudo certo. Naquela hora que eu estava fazendo, eu me sentir mulher, sabe? Pensei assim: Eu tô preparada, eu posso!

O Teatro pra mim é isso, portas abertas pra ideias, são portas abertas pra vida. Uma terapia, uma ajuda pra falar. Na minha opinião, o Teatro tinha que ser obrigatório em todas as escolas, como uma matéria, na realidade, porque é incrível você poder se expressar. Às vezes você nem precisa falar, só seu olhar, só o que você está sentindo já comunica para o outro.

Foi muito bom participar disso tudo, eu aprendi muito, ainda mais nessa pandemia, onde a gente está meio sujeito a sair, não pode fazer nada, não pode abraçar, falar com ninguém e a gente para pra refletir nesse momento como o tempo passa e a maioria das coisas continuam as mesmas e por mais que a gente faça protestos, manifestações, cartazes, apresente performances... Parece que quando a gente vai para essa guerra, de lutar pelo nosso corpo, pela nossa carne, porque nossa carne é cara, nós não somos brinquedo de estimação, assim como diz no poema da Andrea, quando mais fazemos isso, mais somos atacadas. A mulher na nossa sociedade é rebaixada o tempo todo, a mulher é tratada como objeto. E aí, tá tudo bem? Acho que foi isso, nesse processo eu me descobri mulher e negra também. Porque quando a gente gritava NEGRA, NEGRA, NEGRA, que era o texto da Victoria Santa Cruz, eu ali me vi uma mulher negra. Porque eu não sou retinta, sou mais branquinha. E todos falavam que eu não era, mas minha mãe é, minha tia é, minhas primas. O meu pai é negro assim como eu. Então eu dizendo que era, me senti até mais próxima da minha família.

Eu amei participar dessa volta ao teatro com a Débora, mesmo que dessa forma, por chamada de vídeo, por vídeos, por mensagens gigantes que a gente se mandava de áudio. Foi uma das melhores coisas que aconteceu na pandemia na minha vida. Esse acontecimento, me faltam palavras pra expressar, o que tá passando no meu coração. Tô feliz, alegre e agradecida por depois de anos a Débora ainda lembrar de mim, lembrar de que eu fiz parte até do crescimento dela, nunca imaginei isso. Ela é uma inspiração como mulher pra mim. Uma professora incrível e que faz a diferença na escola pública!

Maria Eduarda: Oi, meu nome é Maria Eduarda e queria falar um pouco sobre a experiência com a performance Meu Território na José de Alencar e como isso afetou a minha vida. Quando eu entrei no teatro lá na escola. Eu não me inscrevi na Oficina de Teatro. Eu entrei porque a Débora me convidou. Eu não sabia de nada, do que a gente ia apresentar, eu não sabia de nada, eu só entrei. Quando eu vi que as meninas que já estavam, debatiam sobre um tema tão importante, mas ao mesmo tempo eu não falava sobre isso em lugar nenhum. Eu fiquei meio assim, em apresentar. Eu pensei assim ué, vou apresentar algo que eu nem sei do que tô falando? Aí eu fui

vendo que o tema era sobre mim. Sobre a Maria Eduarda, porque eu sou essa mulher que fala nos textos. Aí eu fui vendo que o Teatro vai muito além de você saber sua fala, chegar lá no palco e acabou. Não é algo que tem que ser decorado, algo que tem que ser sentido, pesquisado, vivenciado. Nesse momento a gente começou a se encontrar várias vezes. Porque a oficina acontecia na hora do almoço. A gente nem almoçava, quando via a gente já tava lá, fazendo os exercícios que a Débora falava. Ela era Coordenadora, aí ela não podia ficar o tempo todo. Ela lançava a bomba e a gente ia debatendo ensaiando, lançando propostas. Era muito legal. A gente não queria voltar pra casa e viver as nossas realidades. Queríamos estar ali, juntas, fazendo Teatro. Eu aprendi muita coisa com essas aulas, não só com os textos, mas como pessoa. Como eu disse, eu não era uma pessoa de falar muito, eu não era comunicativa como as outras meninas, eu não era de falar em público. A não ser no teatro, só lá eu falava. Eu percebi nos ensaios que essa experiência precisa fazer parte da vida de todo mundo, é muito importante. Eu sofri uma mudança que até a minha família percebeu. Eu ia e voltava muito feliz pra escola. Eu mudei muito a partir do Teatro. Hoje em dia a comunicação é muito importante para a minha profissão.

Eu lembro de um exercício que a gente fez de imagem. A imagem da gente quando sofre um assédio. A imagem de uma mulher quando apanha. A imagem de uma outra mulher vendo essas cenas. Essas imagens não saem da minha cabeça até hoje. Foram muitas imagens forte que fizeram a gente refletir. Depois, a gente debatia, falava, dizia o que estava vendo naquela imagem. Depois a gente colocava um som para aquela imagem. Muitas meninas gritavam, ou falavam NÃO! Mas eu lembro até hoje que eu coloquei a mão na boca e o meu som era tampado pela minha mão. A Débora falou sobre isso. Perguntou se eu pudesse mudar alguma coisa na minha imagem com o som o que eu faria e aí eu gritei. Tirei a mão da boca e gritei. Até hoje eu lembro do meu grito. Todo mundo ficou assustada, porque eu era quieta, na minha. Todas aplaudiram e eu chorei tanto. Mas foi de alegria. Um choro de alegria. Parecia que aquele grito queria sair a tempos.

Foi muito importante falar sobre a realidade da mulher, porque eu não me sentia fazendo parte disso. Algo que as mulheres passam todos os dias. Basta ser mulher pra sofrer assédio, eu nem imaginava que eu também passava por isso e eu não sabia. Fui saber a partir dessa época. Eu também aprendi que eu não posso ficar calada, que se eu ficar calada é bem pior. Para todas nós. Eu também não usava a roupa que eu queria, porque eu sabia que se eu virasse a esquina, algum homem ia mexer comigo, um assovio no meio da rua, o motorista do ônibus, os homens do bar, até mesmo alguém que a gente conhece, fala algo chato de se ouvir. Era sempre assim, calça e casaco amarrado na cintura. Aí depois dessa apresentação, eu lembro que a gente fez várias pela escola. As meninas iam querendo falar com a gente. As meninas foram meio que perdendo o medo. Vendo que tinham mais mulheres com as mesmas questões que elas e a gente formou tipo um bando de meninas. A gente entedia que a gente tinha que ser assim, do jeito que a gente era e problema de quem não gostasse. Por que a gente tinha que colocar calça e casaco? Se eles mexiam mesmo que a gente tivesse assim? Por que eu tinha que me privar do que eu gostava? E se alguém

mexesse com a gente, a gente tinha que falar sim. Denunciar, chamar mais gente pra perto.

Ser convidada pela Débora para estar falando sobre isso aqui agora, depois de tanto tempo, está sendo muito importante pra mim. Uma surpresa, achei engraçado o jeito que ela chegou, toda animada. E eu fiquei muito feliz de ser lembrada, afinal de contas já tem quase 3 anos. De saber que assim como ela foi especial para mim e muito importante na minha vida, eu saber que eu também não fui alguém que ela também não esqueceu, que eu não fui só mais uma aluna, saber que eu fiz um pouquinho de diferença na vida dela. É muito legal estar de volta ao teatro agora, no meio dessa loucura de pandemia.

Durante o tempo em que fizemos as apresentações, muitos meninos quiseram entrar no grupo e várias vezes alguns estudante dos outros anos, que não era o nono ano também queriam entrar. O Paulo Vitor era um menino que adorava o Teatro, mas a família dele não permitia por causa de sua religião. Ele ia para os ensaios escondido, mas não conseguiu se apresentar nos dias em que fizemos a performance.

Paulo Victor: A primeira experiência que eu tive com a arte foi na José de Alencar, na aula de Teatro com a Débora. Eu amava, amava, minha turma toda amava. A Débora era diferente com a gente. A gente fala dela até hoje e de vez em quando vamos lá pra encher o saco dela. A Débora apresentou o Teatro pra gente e muita coisa mudou depois daquele dia. Todo mundo falava que eu levava jeito para o Teatro, mas eu não acreditava. Eu sempre fui meio feminino e as pessoas me zoavam porque eu não era igual aos meninos machões da sala. O Teatro me fez parar de ter vergonha de mim. Aquele contato com o Teatro foi um gostinho pra eu querer mais, saber mais, buscar mais sobre a arte. Eu acho que a arte cura. Naquela época a escola e as aulas da Débora eram como um refúgio para mim. Eu podia ser quem eu quisesse ser, eu podia expressar as minhas opiniões, eu podia dar ideias, eu podia criar personagens, dar opinião sobre tudo e eu amava isso tudo. Eu acho que isso me ajudou muito hoje em dia na vida, porque eu me expressei melhor, eu falo melhor, eu quero sempre buscar conhecimento em tudo. Eu acho que o Teatro me ajudou bastante a ser quem eu sou hoje. Como eu disse o Teatro cura. Naquele momento, o Teatro, naquela salinha, era o único refúgio que a gente tinha, o único lugar que a gente podia ser a gente mesmo. Que a gente podia brincar e ser feliz. Era o lugar de esquecer dos problemas que rolavam em casa e viver aquele momento, o agora, era tudo. O Teatro me ajudou a ler mais, escrever mais e isso me ajuda muito nas minhas escolhas.

Ao me deparar com esses depoimentos, entendo cada vez mais que uma Educação libertadora modifica não só o educando e educanda, quando está estudando. A Educação libertadora reverbera em todo processo de emancipação desse sujeito e para além de si próprio, transborda a toda uma comunidade.

FREIRE (1983) nos leva a reflexão da posição normal do homem de não apenas estar no mundo, mas com ele. Afirma que basta ser homem para travar relações permanentes com esse mundo. A partir dessa perspectiva, entendemos que uma Educação emancipatória, decolonial, antirracista e humanista colabora para que o indivíduo não só esteja no mundo, mas com ele. Reverberando seus saberes e devolvendo a sua comunidade os saberes apreendidos.

V. Conclusões ?

Curva do tempo de uma pesquisa viva em tempos de guerra

Essa pesquisa não tem a intenção de “criar a roda”, nem “descobrir a pólvora”, porque muitas práticas pedagógicas já foram feitas e realizadas com sucesso nessa área de conhecimento. Essa pesquisa relata o processo de uma professora, atriz, performer, mãe em seu fazer pedagógico. Uma mistura de personalidades que, quando entram em sala de aula se misturam, se transbordam e visam buscar um ambiente escolar público justo, emancipatório, decolonial, antirracista e entusiasmado.

Durante o processo da pesquisa, inúmeras situações se tornaram maiores do que a própria pesquisa, o que permitiram que ela se tornasse maleável e que fosse se adaptando, se moldando a cada novo estímulo que surgia.

Ao passar no processo seletivo do mestrado, no final de 2019, a proposta era pesquisar a prática de um processo criativo de Teatro do Oprimido e performance dentro de uma escola pública do Rio de Janeiro.

Em 2020, ano de início do mestrado, aconteceu uma pandemia, o que fez com que todos e todas fossem obrigados(as) a ficar dentro de suas casas, permitindo que essa pesquisa sofresse a sua primeira mutação. Relembrar as práticas pedagógicas que experienciei enquanto Coordenadora Pedagógica da Escola Municipal José de Alencar. Relembrar principalmente o grupo performático de Teatro do Oprimido criado no ano de 2018 e todas as suas camadas pedagógicas, pela potente experiência vivida.

O primeiro semestre de 2020, que deveríamos iniciar as nossas aulas do mestrado de forma online, foi um turbilhão de informações novas em todas as esferas que permeiam essa pesquisa. A Universidade tentando se adequar as novas diretrizes e tecnologias, os estudantes tentando se adaptar as telas como única forma de comunicação. Isso tornou a nossa turma e nosso Whatsapp algo quase terapêutico, que nos ajudou a conter a ansiedade e tentarmos juntos e juntas desvendar o que estava vindo pela frente.

Essa pesquisa não é linear e não tem a pretensão de ser. Explico: ela é costurada por muitas sensações de incerteza e medo do que viria pela frente. Concomitantemente nasce como um pós-guerra, traz a luz o que há de mais simples e vital na relação professora/performer e estudantes dentro e para além do chão escolar.

O segundo semestre de 2020 renasce como uma das únicas esperanças para aquele momento, já que jogar o lixo fora na lixeira do prédio era uma estratégia de guerra. Nesse semestre começamos a ter as nossas aulas tão esperadas, que eram emocionantes e um ponto de luz nessa escuridão. Nesse momento os textos começam a surgir e o “frescor” da escrita renasce junto com elas. Uma escrita viva, que acontece ao mesmo tempo em que o mundo se esvaia pelas mãos.

No primeiro semestre de 2021, ainda banhados pelo conhecimento das disciplinas do PPGEAC, os textos dançam em minha cabeça e o prazer por escrever cresce a cada dia. Juntamente com a feliz notícia de ter sido selecionada como bolsista da Escola de Formação Paulo Freire.

A necessidade de escrever mensalmente os relatórios fez com que a escrita, mesmo que agora com um pouco menos de emoção, ainda se fizesse presente. No início desse ano, tomo a difícil decisão de abandonar o cargo de Coordenadora Pedagógica e me dedicar a um novo caminho: professora de um Projeto de Aceleração, chamado Carioca, onde sou a professora que leciona todas as disciplinas (português, matemática, história, geografia, artes). Ao mesmo tempo que me aventuro em mais um ambiente desconhecido, ou novo desconhecido, assola o chão escolar que começa a ser pisado novamente pelos estudantes, com muito cuidado, medo, álcool gel e máscaras. As escolas abrem suas portas com um esquema de de revezamento para iniciar as aulas, de forma remota e presencial.

No segundo semestre de 2021, percebendo o combustível da escrita já quase em suas últimas gotas, decido fazer a disciplina do meu orientador Paulo Merisio, Metodologia 2, que me devolve, mesmo que de forma virtual, à sala de aula, me fazendo ter uma relação importante com a escrita ativa de novo, voltando a ter prazer pela escrita viva e prazerosa. Nesse momento, entre altos e baixos em relação às

estatísticas de contágio do vírus, tentamos resgatar esses estudantes que não entendem e nem se adequam mais a esse ambiente escolar.

Em 2022, me distancio por completo da pesquisa, quando sigo no Projeto de Aceleração do Carioca, iniciamos um ano letivo sem tanto medo, com a chegada da vacina. O entusiasmo e criações com essa turma emergem com tanta força que olhar para o que escrevi se torna algo desgastante, e por muitas vezes não me vejo naquela pessoa que escreveu toda essa pesquisa. A necessidade então de terminar um documento para a qualificação, faz-me reencontrar essa pesquisa, que se torna cada dia algo mais distante de mim, que nessa época já me encontrava em sala de aula, lecionando todas as disciplinas em uma turma de Carioca 1. A experiência vivida nesse momento era tão interessante, mas não fazia parte daquilo que a pesquisa se propunha a falar.

Entendi que o exercício de buscar na memória essas experiências me fez refletir, sistematizar e dialogar com as bibliografias presentes, tornando as práticas vividas algo concreto. Porém, ao mesmo tempo, não sentir o “frescor” de estar escrevendo em tempo real em que a prática estava sendo feita, fazia com que minha escrita, por muitas vezes não se tornasse viva, quente, pulsante.

É quando no segundo semestre do 2022 eu decido me libertar dessas amarras e entender que a presente pesquisa é permeada por muitas mutações, e é isso que ela pretende dizer. Uma pesquisa que pretende ser honesta, performática pela forma da escrita. Ela não se destina a ser reta e buscando certeza, ela é curva e passa por sentimentos e sensações que a fazem ser fragmentada, emocionada e real.

Encerro meu último parágrafo dessa pesquisa concluindo que o ato da escrita também pode ser performático e que a cada tecla tocada também pode existir afeto.

Referências bibliográficas

- ALVES, Rubem. **A alegria de ensinar**. Campinas: Papyrus, 2012.
- BOAL, Augusto. **A Estética do oprimido**. Rio de Janeiro. Editora Garamond, 2011.
- BOAL, Augusto. **Jogos para atores e não atores**. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2000
- BOAL, Augusto. **Teatro do oprimido e outras poéticas**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1983.
- CATELAN, F. B. e ANDRÉ, C. M. Teatro na escola com ou sem partido sempre será político. **Revista Urdimento**, Florianópolis, v.1, n.34, p. 236-245, mar./abr. 2019. Disponível em: <http://www.revistas.udesc.br/index.php/urdimento/article/view/1414573101342019236>
- CONCÍLIO, Vicente. Protocolos e a pedagogia do teatro – da tradução dos protocolos de estudantes sobre Aquele que diz sim aos protocolos do “trabalho alegre”. **Revista Urdimento**, Vol.1, no.34 (2019).
- COUTINHO, Marina Henriques. **O teatro e a reinvenção da cidade partida**. Rio de Janeiro: ed Urdimento, 2013.
- FEITOSA, Rennata. **O papel do Teatro nas aulas de artes do Colégio Estadual Aura Barreto**. Dissertação (Mestrado em Ensino de Artes Cênicas) – Centro de Letras e Artes, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2015.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 43. ed., São Paulo: Paz e Terra, 2011.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- HARVEY, David. **Rebel cities**. Londres: Verso, 2012.
- HOOKS, B. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. São Paulo: Martins Fontes, 2013.
- HOLLOWAY, John. **Fissurar o capitalismo**. São Paulo: Publisher, 2013
- LARROSA, J. **Notas sobre a experiência e o saber da experiência**. Barcelona: Universidade de Barcelona, 2011.
- OLIVEIRA, Claudia Simone dos Santos. Circuito Teatro do Oprimido 2018-2020: Pedagogia das Urgências. In: **METAXIS**. Rio de Janeiro, Centro do Teatro do Oprimido, n.9, 2019, pp.12-16.
- LEHMANN, H. **Teatro Pós-dramático**. São Paulo: Cosac Naify, 2007.
- RECCHIA, Marcela Farfã. Curingas: uma pergunta sincera. In: **METAXIS**, Rio de Janeiro, Centro do Teatro do Oprimido, n.9, 2019, pp. 101-103.

RESTUM, Débora. **Poetas do Cotidiano: Alices e Loucos no Teatro Contemporâneo**, uma análise do processo de criação cênica na E.M. Átila Nunes Neto. UNIRIO. Rio de Janeiro 2019.

ROCHA, Ruth. **Minidicionário da Língua Portuguesa**. São Paulo: Scipione, 2006.

RODRIGUES, Natália. **Bolsa Família**. Disponível: <http://www.infoescola.com/sociedade/bolsa-familia/>. Acesso em: 15/08/2022

SANTOS, Bárbara. Circuito de Teatro do Oprimido 2018 – 2020 [7]: Projeto Pedagógico. In: **METAXIS**, Rio de Janeiro, Centro de Teatro do Oprimido, n.9,2019, pp.10 – 11.

SARAPECK, Helen. **De portas abertas: uma “experiencia estelar”**. Rio de Janeiro, 2017. (pesquisa não publicada).

SARAPECK, Helen. **Abraçando a Arvore do Teatro do Oprimido: Pesquisa e memorial de experiencias com o símbolo do método**. Tese de Mestrado – PPGEAC. UNIRIO. Rio de Janeiro. 2016